

**Características Biossociodemográficas, Motivações do Comportamento Infractor e
Perspectivas do Futuro de Jovens em Situação de Reclusão da Cidade de Maputo –
Moçambique**

Fernando Lives Andela Niquice

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia
sob orientação da Profa. Dra. Silvia Helena Koller e Co-orientação da Dra. Michele Polleto

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-graduação em Psicologia

Porto Alegre, Abril de 2013

Agradecimentos

Fim de mais uma etapa da minha formação académica e início de outra! De Março de 2011 a Abril de 2013, um período que ficará registado nas páginas da vida pelo seu significado muito especial! Foi um processo desafiador, de muito trabalho, de muita aprendizagem, que me encheu de orgulho e me fez acreditar que com entrega e comprometimento no que fazemos é possível atingir os objectivos traçados. Foi um período de enriquecimento académico e sociocultural, que exigiu muita disciplina e capacidade de concentração no essencial. Quero agradecer a todos que tornaram possível a efectivação deste projecto de mestrado, um sonho que perseguia a bastante tempo, felizmente foi possível torná-lo realidade!

Agradeço à Academia de Ciências Policiais, instituição com a qual tenho vínculo de trabalho, por ter autorizado a realização do mestrado no Brasil e permitido que desse continuidade com a formação no nível de doutoramento, que está neste momento a iniciar. Um agradecimento especial vai para o Centro de Estudos Psicológicos – CEP – RUA grupo de pesquisa no qual estive e continuo integrado, particularmente à coordenadora do grupo, a Professora Silvia Koller pelo apoio académico e afectivo concedido. Mais do que professora e orientadora ela foi uma mãe, irmã e companheira de trabalho, sem o seu apoio este feito não teria acontecido com a qualidade com que ocorreu. Este agradecimento é extensivo à Michele Polleto, Bruno Damásio, Clarissa Pizarro de Freitas, Eva Diniz que colaboraram com contribuições valiosas para a escrita da dissertação. Para todos os colegas, esse grupo maravilhoso, o meu muito obrigado.

Aos professores do PPG-Psicologia da UFRGS vão os meus agradecimentos pelos ensinamentos transmitidos, pela qualidade da formação oferecida, espero replicar a atitude profissional com que encaram a actividade docente e de pesquisa. Aos membros da banca, as professoras Clarissa De Antoni, Débora Dell’Aglia, Luciana Marques e Simone Paludo pela disponibilidade e contribuições para o trabalho.

À família Niquice, em Moçambique, os meus pais Ricardo Niquice e Menalda Andela, aos meus irmãos e irmãs, primos e primas, tios e tias, cunhadas, cunhado, sobrinhos e sobrinhas, o meu kanimambo pela convivência que temos tido.

O Autor.

Sumário

Lista de Tabelas.....	5
Resumo.....	6
Abstract.....	7
Capítulo I: Contextualização.....	8
Contexto geográfico, social e criminal de Moçambique.....	9
Código Penal de Moçambique.....	11
Jovens autores de actos infraccionais: Conceitualização, pesquisas sobre a temática, e contextos de desenvolvimento.....	13
Capítulo II: Estudo 1. Características Biossociodemográficas dos Jovens em Situação de Reclusão da cidade de Maputo.....	17
Método.....	22
Delineamento.....	22
Amostragem.....	23
Contextualização.....	23
Amostra.....	24
Instrumento.....	24
Procedimentos.....	24
Acesso às penitenciárias.....	24
Colecta e tratamento dos dados.....	25
Resultados.....	28
Discussão.....	33
Considerações finais.....	36
Capítulo III: Estudo 2. Motivações do Comportamento Infractor e Perspectivas de Futuro de Jovens em Situação de Reclusão – Uma Perspectiva Bioecológica.....	39
A Teoria Biecológica do Desenvolvimento Humano: Um modelo para a análise das motivações do comportamento infractor e das perspectivas de futuro de jovens em situação de reclusão.....	41
Método.....	47
Delineamento.....	47
Participantes.....	47
Instrumento.....	49

Procedimentos.....	49
Procedimentos de colecta de dados.....	49
Procedimentos de análise de dados.....	49
Resultados e discussão.....	52
Considerações finais.....	62
Capítulo IV: Considerações Finais.....	63
Considerações finais sobre o tema da pesquisa.....	64
Considerações sobre a experiência da realização da pesquisa como estudante moçambicano no PPG em Psicologia da UFRGS.....	66
Referências.....	69
Anexos.....	76
Anexo A: Distribuição da População de Reclusos a Nível Nacional e da Cidade de Maputo no período de 2009 a 2011.....	76
Anexo B: Certidão de Sentença e Liquidação da Pena.....	78
Anexo C: Ficha Individual de Readaptação do Recluso.....	79
Anexo D: Protocolo de Colecta de Dados Biossociodemográficos.....	84
Anexo E: Carta de Pedido de Autorização para o Acesso às Penitenciárias.....	85
Anexo F: Distribuição dos Jovens por todos os bairros da Cidade de Maputo.....	86
Anexo G: Roteiro de Entrevista Semi-estruturada para os Reclusos e Reclusas.....	88
Anexo H: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	89
Anexo I: Transcrição das Entrevistas Efectuadas aos Participantes.....	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Composição dos Bairros e da População por Distrito Municipal da Cidade de Maputo.....	10
Tabela 2. Distribuição de Reclusos e Reclusas da Cadeia Central de Maputo e do Centro de Reclusão Feminina de Ndlavela em 2009, 2010 e 2011.....	23
Tabela 3. Variáveis e Categorias que Orientaram o Tratamento dos Dados do Estudo 1.....	27
Tabela 4. Distribuição dos Jovens por Idade e Sexo.....	28
Tabela 5. Tipos de Crimes Cometidos e Respectivas Frequências.....	29
Tabela 6. Comparação dos Tipos de Crimes por Sexo.....	30
Tabela 7. Frequência e Percentagem do Tempo de Condenação dos Jovens.....	31
Tabela 8. Incidência no Cometimento de Infracções dos Jovens.....	32
Tabela 9. Tipo de Ocupação dos Jovens antes da Condenação.....	32
Tabela 10. Bairros de Proveniência da Maior Parte dos Jovens.....	32
Tabela 11. Unidades Temáticas e Categorias das Entrevistas.....	51
Tabela 12. Distribuição da População Nacional de Reclusos de 2009 a 2011.....	76
Tabela 13. Distribuição da População de Reclusos da Cidade de Maputo de 2009 a 2011.....	77

Resumo

A dissertação compreendeu dois estudos sobre jovens dos 16 aos 25 anos em situação de reclusão em Maputo, Moçambique. O Estudo 1 foi documental e descreveu as características biossociodemográficas dos jovens. O Estudo 2 integrou seis participantes e investigou as motivações do comportamento infractor e as perspectivas após o cumprimento da pena. No Estudo 1 foram analisadas informações de 172 “Certidões de Sentença e Liquidação da Pena” arquivadas entre 2009 a 2011 em três penitenciárias. Usou-se o delineamento quantitativo, com base em estatísticas descritivas e testes estatísticos. Constatou-se que maior parte dos jovens era do sexo masculino. Os jovens praticaram em grande escala crimes contra a propriedade, com destaque para os homens. A prevalência de mulheres verificou-se nos crimes contra a integridade física e a saúde das pessoas. Registou-se um aumento do número de jovens condenados à medida que se progredia nas faixas etárias. Parte significativa dos jovens cumpriu penas correcionais, era condenada pela primeira vez, não tinha ocupação ou trabalhava no sector informal, e provinha dos bairros suburbanos da cidade de Maputo. O Estudo 2 foi qualitativo e analisou o conteúdo das entrevistas de seis jovens reclusos. Destes, quatro eram do sexo masculino e duas do sexo feminino. Os resultados indicaram que o cometimento dos crimes esteve relacionado à satisfação de necessidades básicas de sobrevivência no contexto das limitações socioeconómicas e afectivas vividas no momento. Os jovens mostraram interesse em reintegrarem-se à sociedade e desenvolverem projectos pessoais. Estes resultados sugerem a necessidade de implementação de programas estruturados de acompanhamento psicossocial no período posterior ao cumprimento da pena.

Palavras-chave: Jovens reclusos, comportamento infractor, perspectivas do futuro, Moçambique.

Abstract

The dissertation consisted of two studies on youth 16 to 25 years in reclusion situation in Maputo, Mozambique. The Study 1 was documentary and described the biosociodemographic characteristics of these youth. In the Study 2 participated six youth and it was investigated the reasons for their delinquent behavior and their prospects after serving the sentence. In the Study 1 were analyzed information from 172 "Certificates of Award and Liquidation of Penalty" filed between 2009 to 2011 in three prisons. It was utilized the quantitative design, based on descriptive statistics and statistical tests. It was found that most youth were male. The crimes against property were committed in large scale, especially by male. The prevalence of women was found in crimes against physical integrity and health of people. It was observed that the number of youth offenders increased as they progressed in the age. Furthermore, significant proportion of youth fulfilled correctional sentences, were convicted for the first time, had no occupation or worked in the informal sector, and came from the suburban neighborhoods of Maputo. The Study 2 was qualitative and analyzed the content of the interviews of six incarcerated youth. Of these, four were male and two female. The results indicated that the committing of the crimes was related to meeting basic survival needs in the context of socio-economic and emotional limitations experienced in the moment. The youths showed an interest in reintegrate into society and to develop personal projects. These results suggest the need for implementation of structured psychosocial programs for those people after release from prison.

Keywords: Incarcerated youth, delinquent behavior, future prospects, Mozambique.

CAPÍTULO I

Contextualização

Dados globais sobre violência e criminalidade mostram o crescente envolvimento de jovens em actos infraccionais (Coyle, 2002; *United Nations*, 2004). Indivíduos na faixa dos 15 aos 25 anos integram simultaneamente o grupo de actores e vítimas do comportamento infractor (*International Centre for the Prevention of Crime*, 2010). Entre os anos de 1985 e 1994, os índices de homicídios aumentaram em nível mundial, particularmente entre jovens dos 10 aos 24 anos, com ênfase em países em desenvolvimento e economias em transição (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi, & Lozano, 2002). Estes autores indicaram que no ano 2000 uma média de 565 jovens entre 10 e 29 anos morriam diariamente em consequência da violência interpessoal. Krug et al. (2002) afirmaram que a violência juvenil é um problema mundial de saúde pública.

Estatísticas internacionais indicam o aumento global da população carcerária (Walmsley, 2005, 2007, 2009, 2011). Nos últimos relatórios sobre a população prisional mundial, Walmsley (2009, 2011) referiu-se a aumentos em mais de 70% dos países nos quais se fez o levantamento de dados. Esta tendência vem sendo registada desde os anos 90 (Tkachuk & Walmsley, 2001). Em África registou-se um aumento em 71% dos países estudados (Walmsley, 2011). Neste continente parte significativa dos seus habitantes está abaixo dos 30 anos de idade, portanto é uma população jovem, que na maioria dos casos está exposta a contextos de violência, desemprego e limitações socioeconómicas, sendo estes, factores considerados de risco para este grupo (*United Nations Economic Commission for Africa*, 2009, 2011).

Em Moçambique, dados referentes à população reclusória nacional, entre condenados e indivíduos sob prisão preventiva, no levantamento efectuado em Dezembro de cada ano, indicaram a existência de 14.938 reclusos em 2009, 15.305 em 2010, e 16.267 em 2011 (Serviço de Controlo Penal e de Execução de Medidas de Segurança/Serviço Nacional Penitenciário, 2009, 2010, 2011). A maior parte desta população pertencia à faixa dos 16 aos 35 anos, sendo que em 2009 a percentagem rondava nos 79%, em 2010 nos 78%, e em 2011 em cerca de 82%. Esta realidade nacional verificou-se também na cidade de Maputo, onde nos três anos a percentagem de reclusos nesta faixa etária estava em torno de 81%. Dados pormenorizados sobre a população reclusória e distribuição por idades constam no Anexo A.

Tanto em termos globais como para o caso concreto da cidade de Maputo, a concentração de reclusos verifica-se na faixa dos 16 aos 35 anos, sendo deste modo uma população jovem. Esta realidade coincide com as pesquisas e os relatórios anteriores sobre o sistema prisional e a criminalidade em Moçambique, que mostraram a incidência do envolvimento de jovens no cometimento de actos infraccionais que culminaram com o seu internamento em instituições prisionais (Amaral, 2000; Brito, 2002; Procuradoria Geral da República, 2010). O presente estudo cingir-se-á na faixa etária dos 16 aos 25 anos de idade, pelo facto de tratar-se de uma população ainda em processo de formação e consolidação da sua identidade (Arnett, 2010) e, deste modo, é fundamental o investimento psicossocial para a melhoria da sua qualidade de vida.

Contexto geográfico, social e criminal de Moçambique e da Cidade de Maputo

A República de Moçambique é um país localizado na costa sudeste do continente africano e possui uma superfície de 799.380 km². Administrativamente está subdividido em 10 províncias e a Cidade de Maputo, que é capital do país. A população total estimada para 2011 foi de 23.049.621 habitantes, sendo 11.941.493 mulheres e 11.108.128 homens (Instituto Nacional de Estatística, 2012). Nestes dados as maiores frequências etárias verificaram-se nas faixas dos 0 aos 39 anos (83.4%), sendo a dos 15 aos 35 anos (definida como jovem na legislação moçambicana) situando-se em torno de 33%. A maior parte da população vive nas áreas rurais, sendo a população urbana composta por cerca de um terço do total, tornando o país um dos menos urbanizados do mundo (Instituto Nacional de Estatística, 2010a).

A Cidade de Maputo é o maior centro urbano de Moçambique e localiza-se na zona sul do país. Ela tem uma área de 347,69 km² e a população projectada para 2012 foi de 1.194.121 habitantes (Instituto Nacional de Estatística, 2010b). Em função das projecções no período de 2007 a 2012, estima-se que a população esteja em torno de 1.153.264 habitantes. Tal como o contexto nacional, o número de mulheres é maior que o dos homens, com percentagens de pessoas do sexo feminino que se situaram em torno de 51,5% no período de 2007 a 2012. Parte significativa da população é constituída por indivíduos da faixa dos zero aos 39 anos de idade, com uma percentagem de 81,8% deste grupo no período de 2007 a 2012 (Instituto Nacional de Estatística, 2010b). Portanto, é uma população constituída essencialmente por crianças e jovens, e o sexo feminino representa a maior percentagem de pessoas.

A Cidade está subdividida em sete distritos municipais, nomeadamente: Distrito Municipal KaMpfumo, Distrito Municipal de Nhlamankulo, Distrito Municipal KaMaxakeni, Distrito

Municipal KaMavota, Distrito Municipal KaMubukwana, Distrito Municipal KaTembe e Distrito Municipal KaNhaka. Cada um destes distritos municipais integra os respectivos bairros e populações que estão representadas na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1*

Composição dos Bairros e da População por Distrito Municipal da Cidade de Maputo

Distrito Municipal	Bairros	Nº População**
KaMpfumo	Central A, B e C; Alto Maé A e B; Malhangalene A e B; Polana Cimento A e B; Coop; Sommerchild	110.099
Nhlamankulo	Aeroporto A e B; Xipamanine; Minkadjuíne; Unidade 7; Chamanculo A, B, C e D; Malanga; Munhuana	157.751
KaMaxakeni	Mafalala, Maxaquene A, B, C e D; Polana Caniço A e B; Urbanização	229.510
KaMavota	Mavalane A e B; FPLM; Hulene A e B; Ferroviário; Laulane; 3 de Fevereiro; Mahotas; Albazine; Costa do Sol	313.798
KaMubukwana	Bagamoyo, George Dimitrov, Inhagoia A e B; Jardim; Luís Cabral; Magoanine; Malhazine; Nsalane; 25 de Junho; Zimpeto	316.206
KaTembe	Gwachene; Chale; Inguice; Ncassene; Xamissava	20.490
KaNhaka	Ingwane; Ribjene; Nhaquene	5.410

Notas. *Elaborada pelo autor com base nos dados do Instituto Nacional de Estatística (2010b); **Média da população no período de 2007 a 2012 calculada em função dos dados do Instituto Nacional de Estatística (2010b).

A situação dos bairros é marcada por contrastes, tanto do ponto de vista da organização e edificação urbanas, como das características demográficas e sociais dos seus moradores (Araújo, 1999). Este autor identificou três realidades diferentes quanto a estes aspectos: o contexto urbano, o suburbano e o periurbano. O primeiro é composto por bairros organizados numa planta ortogonal nítida, de avenidas e ruas amplas, com edifícios de diversos pisos, bairros de vivendas, comércio especializado, e variados serviços e infra-estruturas sociais e de abastecimento e

saneamento. Ao redor do contexto urbano instalaram-se diversos bairros de população mais pobre atraída pela possibilidade de trabalho no centro da cidade, cujo crescimento não obedece qualquer plano de ordenamento, e ocorre de forma espontânea, sem infra-estruturas adequadas, com casas de construção precária, que constitui a zona suburbana (Araújo, 1999). Para o presente estudo optou-se em incluir o contexto periurbano nas características do contexto suburbano devido à sua proximidade.

Observando as características da cidade de Maputo, os bairros do Distrito Municipal KaMpfumo integrariam o contexto urbano e, os restantes, os contextos suburbano e periurbano. Apesar do carácter dinâmico e rápido que marca o desenvolvimento das sociedades nos últimos tempos, muitos dos descritores apresentados por Araújo (1999) continuam a caracterizar a cidade de Maputo nos dias de hoje. Por exemplo, a maior parte da população continua concentrada nos contextos suburbanos, com excepção dos distritos KaTembe e Kanhaca. É neles onde se encontram os bairros mais populosos da cidade. Parte significativa da população vive em condições de pobreza, os agregados familiares contém maior número de integrantes, persistem limitações em termos de infra-estruturas sociais e de saneamento. A zona urbana de kaMpfumo continua concentrando maior parte dos serviços socioeconómicos de qualidade.

No que diz respeito à criminalidade, foram reportados pela polícia em todo o país, no período de 2007 a 2011, um total de 126.777 crimes, tendo a cidade de Maputo participado com 24,5% (Instituto Nacional de Estatística, 2012), sendo a segunda maior região do país com crimes reportados neste período a seguir à Província de Maputo. Quanto aos tipos de crimes, neste mesmo período, em todo o país, os crimes contra a propriedade foram os mais reportados, seguidos dos crimes contra as pessoas e por último os crimes contra a tranquilidade pública (Instituto Nacional de Estatística, 2012). Esta realidade é a que caracterizou também a cidade de Maputo.

Código Penal de Moçambique

Em Moçambique, a imputabilidade penal em razão da idade começa aos 16 anos (Código Penal, 1886), sendo o crime ou infracção definido como “facto voluntário declarado punível pela lei” (Artigo 1º), com sanções aplicáveis não só aos crimes consumados, mas também aos frustrados e às tentativas. O Código Penal descreve os seguintes tipos de crimes: contra a religião e dos cometidos por abuso de funções religiosas; contra a segurança do Estado; contra a ordem e tranquilidade pública; contra as pessoas; contra a propriedade; e provocação pública ao crime.

Os crimes contra a religião referem-se aos comportamentos de desrespeito às diferentes religiões existentes no território nacional, e ao abuso das funções religiosas por parte dos seus responsáveis. No que diz respeito à segurança do Estado, o Código Penal descreve como comportamentos criminosos a traição à pátria, espionagem, destruição de material e obras militares, revelação de segredos do Estado, rebelião armada, levantamento e incitamento à guerra civil, e outras situações semelhantes como violação das leis instituídas (Código Penal, 1886).

Os crimes contra a ordem e tranquilidade pública compreendem reuniões criminosas; injúrias e violência contra as autoridades públicas, resistência e desobediência; tirada e fuga de presos, e dos que não cumprem as suas condenações; acolhimento de malfeitores; crimes contra o exercício dos direitos políticos; falsificação da moeda, notas de bancos nacionais e de alguns títulos do estado; crimes contra a saúde pública; associações de malfeitores; entre outros.

Os crimes contra as pessoas incluem, entre outros, os crimes contra a vida; os crimes contra a integridade física e a saúde das pessoas; os crimes contra a honestidade das pessoas. Os crimes contra a vida compreendem homicídios, envenenamentos, auxílio ao suicídio, infanticídio, e aborto. Os crimes contra a integridade física e a saúde das pessoas englobam as ofensas corporais, castração. Os crimes contra a honestidade integram o atentado ao pudor, estupro, violação, violação de menor, rapto.

Os crimes contra a propriedade compreendem furtos e roubos, burlas, incêndio e danos, abuso de confiança. Por último, a provocação pública ao crime corresponde às situações em que por via de discursos ou palavras proferidas publicamente, ou através de mensagens escritas colocadas em público, o seu autor esteja a incorrer num acto considerado crime.

No Código Penal estão estipuladas as penas correcionais e as penas maiores. As penas de prisão correcionais (Artigo 56º, p. 32) incluem: a pena de prisão de 3 dias a 2 anos; suspensão temporária dos direitos políticos; multa; e repreensão. As penas de prisão maior (Artigo 55, p. 31) compreendem: a pena de prisão maior de 2 a 8 anos; de 8 a 12 anos; 12 a 16 anos; 16 a 20 anos; 20 a 24 anos.; e a de suspensão dos direitos políticos por tempo de 15 ou de 20 anos.

Quanto ao tratamento de jovens, o Código Penal estipula o seguinte:

Os delinquentes menores de 21 anos e maiores de 16 cumprirão as penas ou medidas de segurança privativas de liberdade, com o fim especial de educação, em prisão-escola ou em estabelecimento prisional comum, mas neste caso separados dos demais delinquentes (Artigo 69º, p. 36). No mesmo artigo escreve-se que:

“Os maiores de 16 anos e menores de 18, com bons antecedentes, condenados pela primeira vez a pena de prisão ou à medida de segurança, poderão ser internados em um instituto de reeducação pelo tempo de duração da pena ou medida de segurança. Se, durante o internamento, se mostrar inadequado o regime dos institutos de reeducação, o tribunal competente ordenará a transferência do menor para uma prisão-escola ou estabelecimento prisional comum” (pp. 36-37).

Finalmente, ainda no Artigo 69º, explica-se que “poderá ser concedida a liberdade condicional aos delinquentes menores quando, tendo completado 25 anos, se mostrem corrigidos, ainda que não tenham cumprido metade da pena” (p. 37). Estes trechos explicitam o tratamento diferenciado previsto na lei para os jovens da faixa dos 16 aos 25 anos de idade.

Em síntese, a maioridade penal em Moçambique começa aos 16 anos de idade, estando previstas as penas correcionais e as de prisão maior. Para os jovens até aos 25 anos de idade estão estipulados mecanismos de atendimento voltados para a sua educação e reabilitação, tomando em consideração as especificidades de desenvolvimento deste período.

Jovens autores de actos infraccionais: Conceitualização, pesquisas sobre a temática, e contextos de desenvolvimento

Na literatura, há uma diversidade de terminologias usadas para se referir ao comportamento anti-social em crianças, adolescentes e jovens: delinquência juvenil (*juvenile delinquency*); comportamento anti-social (*antisocial behaviour*); comportamento desviante (*desviant behaviour*); menor infractor (*youth offender/menor infractor*); crime em jovens (*youth crime*); e violência juvenil (*youth violence*). Não há uma designação única e consensual para se referir a problemas que envolvem comportamentos desviantes, infraccionais e anti-sociais. A utilização de uma terminologia em detrimento de outra varia de contexto. Situação idêntica verifica-se quanto às delimitações etárias que têm sido tomadas em consideração.

Rodríguez, Rodríguez-Franco, López-Cepero e Bringaz (2010) utilizaram o termo delinquência juvenil no estudo de publicações feitas no período de 1947 a 2007. Tal opção foi justificada pela capacidade deste em abarcar diferentes perspectivas, tanto social como legal, e por ser um termo com uma tradição longa no estudo do comportamento desviante em crianças, adolescentes e jovens. Porém, eles sugerem que para o contexto legal e cultural espanhol

adequar-se-ia a palavra menor infractor (*menor infractor/young offender*). Segundo eles, esta designação vai ao encontro da visão legal e protectiva de crianças e adolescentes na Espanha e na União Europeia.

A *United Nations* (2004) referiu-se à perspectiva dos criminólogos e sociólogos sobre a delinquência juvenil. Para aqueles, ela incluía todo o tipo de infracções públicas cometidas por indivíduos dos 12 aos 20 anos. Os sociólogos vêem o fenómeno de forma mais ampla, acreditando que compreende diferentes violações de normas sociais e legais, desde pequenas infracções aos crimes mais graves, cometidos por jovens (*United Nations*, 2004). Arnett (2010) tratou o conceito de delinquência e crime como actos que violam a lei. Segundo ele, quando a violação da lei é feita por pessoas definidas pelo sistema legal como “*juveniles*”, ela é considerada delinquência. Arnet (2010) afirmou que o sistema legal em muitos países industrializados considerava “*juveniles*” às pessoas com idade abaixo dos 18 anos.

Para o presente estudo optou-se pelas designações “comportamento infractor” e “jovens autores de actos infraccionais”. Estes termos descrevem as situações em que os jovens entram em conflito com as normas sociais e o quadro jurídico estipulado. Na exploração teórica do tema foram considerados todos os estudos que abordam o comportamento anti-social numa forma geral, porém quanto aos participantes da pesquisa incluiu-se apenas os jovens em conflito com a lei.

O interesse pela realização de pesquisas sobre esta temática é de longa data (Rodríguez et al., 2010). Conforme estes autores, há 60 anos antes da inclusão do conceito *juvenile delinquency* nas terminologias da *American Psychological Association*, em 1967, já haviam estudos que abordavam o comportamento anti-social em jovens. Inicialmente o enfoque era em abordagens teóricas, tendo se registado uma evolução para a perspectiva prática que caracteriza a tendência actual (Rodríguez et al., 2010).

Para Rodríguez et al. (2010), nos anos 1940 e 1950 as explicações sobre o comportamento anti-social centravam-se na classe social, com os grupos de níveis sócio-económicos baixos tidos como os mais susceptíveis de cometer crimes. Estes autores explicaram que muitos estudos posteriores realizados nas décadas de 1970 e 1990 questionaram a consistência dessa relação, desenvolvendo-se em seguida perspectivas focadas em variáveis individuais (atitudes, resiliência, impulsividade, entre outras) e sua relação com aspectos psicopatológicos e contextuais. Zamora (2008) identificou temas comuns abordados no Brasil sobre jovens em conflito com a lei, nomeadamente: perfil, motivações para o delito, relação com a família e comunidade, ligação

com as dinâmicas criminais, e situação do sistema sócio-educativo. A autora lança um olhar crítico sobre a excessiva concentração nestes tópicos, que em certa medida tendem a naturalizar a periculosidade das classes pobres e ignoram os factores complexos causadores dos actos infraccionais. Zamora (2008) sugere a necessidade de se desenvolverem paradigmas voltados para as potencialidades desta população e para a exploração de novas soluções.

Com base na análise da literatura sobre o comportamento infractor, Wong, Slotboom e Bijleveld (2010) referiram-se à concentração em jovens do sexo masculino como uma forte limitação das pesquisas nesta área. Estes autores afirmaram que a escassez de estudos em jovens do sexo feminino pode estar relacionada ao facto dos seus delitos serem geralmente considerados de menor dimensão, resultando na falta de interesse em estudá-los, e à fraca prevalência, tornando muito difícil o seu estudo.

Falando especificamente do continente africano, a literatura tem se referido à escassez e dificuldades de se obter resultados de pesquisas sobre a dinâmica do processo de desenvolvimento humano em populações jovens. Essa realidade impede a apresentação de dados diversificados e sistematizados que permitam compreender os diferentes fenómenos sobre a vida deste grupo. Algumas informações sobre estas populações em África (particularmente de alguns países da África Sub-Sahariana) foram apresentados por Nsamenang (2002). No seu capítulo “*Adolescence in Sub-Saharan Africa*”, sublinhou o facto de haver pouca literatura sobre a psicologia da adolescência africana, o que tem limitado a apresentação de dados abrangentes sobre o tema no continente.

Conforme Nsamenang (2002), o desenvolvimento dos adolescentes e jovens é caracterizado pela dicotomia entre a vida dos que estão nas zonas rurais e os que se encontram nas zonas urbanas; a existência de diversidades ecológicas, socioeconómicas e culturais entre os países; e a prevalência de imagens importadas sobre o desenvolvimento da adolescência resultante do processo histórico pelo qual a África passou. Nsamenang (2002) mencionou o facto deste grupo populacional se desenvolver num contexto em que o padrão de vida é baixo, tomando-se em consideração a esperança de vida, situação alimentar, educação, saúde, doenças, acesso à água potável, conflitos armados, choque entre os valores locais e as realidades importadas. Para Nsamenang (2002), esta situação tem um impacto psicossocial na qualidade de vida dos jovens, afectando significativamente a satisfação das suas necessidades. Apesar destas adversidades, afirmou que não se deve perder de vista a capacidade destes de lidarem com esta realidade.

Este cenário também foi descrito pela *United Nations Economic for Africa* (2009, 2011). A organização referiu-se às limitações que os jovens africanos enfrentam no acesso à educação e emprego, instabilidade política dos seus países, dificuldades no exercício dos direitos de liberdade, fraco acesso às actividades culturais e recreativas, entre outras. Este grupo tem sido a principal vítima da pobreza que o continente enfrenta (*United Nations Economic for Africa*, 2009, 2011). A produção de informações sistematizadas sobre a realidade dos jovens africanos foi mencionada como actividade prioritária para a descrição da situação real desta população (*United Nations Economic for Africa*, 2011).

Em relação aos jovens em situação de reclusão da cidade de Maputo, o presente estudo pretendeu atingir os seguintes objectivos:

- Descrever as características biossociodemográficas;
- Investigar as motivações do comportamento infractor; e
- Caracterizar as suas perspectivas do futuro.

Assim, procurou-se responder às seguintes questões: Qual é o perfil dos jovens provenientes da cidade de Maputo internados nas penitenciárias? Quais são as motivações dadas para o comportamento infractor? Que perspectivas apresentam sobre o seu futuro? Para este efeito, foram realizados dois estudos. O Estudo 1 levantou os dados biossociodemográficos dos reclusos. O Estudo 2 descreveu o percurso individual de vida, investigou as motivações para o comportamento infractor, e as expectativas do futuro por eles expressas.

CAPÍTULO II

Estudo 1. Características Biossociodemográficas dos Jovens em Situação de Reclusão da Cidade de Maputo

Vários factores relacionados às características biossociodemográficas têm sido associados à violência, delinquência e criminalidade em jovens. Aspectos referentes às particularidades da faixa etária, às características individuais da personalidade, ao pertencimento a grupos em situação de desvantagem socioeconómica, ao insucesso escolar, às particularidades do género, são sistematicamente analisados e relacionados com o comportamento infractor em adolescentes e jovens (Feijó & Assis, 2004; Gentle-Genity, 2010; Green, Gesten, Greenwald & Salcedo, 2008; Gottfredson & Hirschi, 1990; Moffitt, 1993; Selke & Anderson, 2003; Shekarkhar & Gibson, 2011). Apesar de não se poder estabelecer uma relação automática entre estas variáveis e o comportamento anti-social, elas são frequentemente estudadas em pesquisas sobre este tema.

No seu estudo, Moffitt (1993) apresentou uma taxonomia desenvolvimental do comportamento anti-social. Nela, identificou dois grupos distintos: o grupo com comportamento anti-social temporário, e o grupo com comportamento anti-social persistente. O primeiro, que integra a maioria das pessoas, é constituído por adolescentes e jovens cujo comportamento anti-social começa de forma repentina na adolescência, prolongando-se pela juventude, podendo desaparecer com o desenvolvimento dos indivíduos. O segundo integra um menor número de pessoas, que apresenta de forma permanente comportamentos desviantes, com um percurso que inicia nos primeiros anos de vida até a idade adulta, tomando um carácter psicopatológico. Segundo Moffitt (1993) os estudos que relacionam a idade e o crime mostram de forma geral que ele atinge o seu ponto alto na adolescência, progredindo para a juventude e, ao mesmo tempo, começando a diminuir nesta fase.

Para Moffitt (1993) o grupo com comportamento anti-social temporário é o mais comum. Nele os crimes são cometidos de forma isolada, possui controlo sobre o seu comportamento, e é susceptível de abandonar as práticas desviantes. O que apresenta o comportamento anti-social persistente (que designou de síndrome do comportamento anti-social persistente), é inflexível e reincidente, apresenta mudanças evolutivas no comportamento anti-social (começando por pequenas agressões, furtos, venda de drogas, até aos assaltos e violação de crianças), e tem um historial desviante desde a infância.

Em um estudo realizado por Gentle-Genitty (2010) fez-se uma revisão de dez pesquisas longitudinais dos Estados Unidos da América, desenvolvidas nas últimas cinco décadas, sobre factores preditores do comportamento anti-social em populações jovens. Dos que foram mencionados com frequência, constava o baixo nível socioeconómico e o fraco desempenho e insucesso escolares. Segundo a autora, os estudos referiram-se à pobreza material das famílias como um forte preditor do comportamento anti-social no seio dos adolescentes e jovens. Situação idêntica foi descrita em relação aos problemas de desempenho escolar.

Feijó e Assis (2004) afirmaram que uma das possíveis abordagens ao problema da delinquência juvenil seria relacioná-lo com a exclusão social e a vulnerabilidade das famílias. Num estudo realizado com 61 jovens infractores do sexo masculino que estavam cumprindo medidas sócio-educativas em instituições do Rio de Janeiro e de Recife, constataram a fragilidade da maioria das suas famílias, encontrando-se numa condição de pobreza e exclusão social (falta de recursos financeiros, materiais e afectivos e de apoio por instituições públicas). Verificaram também que todos tinham baixa escolaridade e haviam interrompido os estudos antes de entrar para a vida infraccional.

Ao abordar a questão do nível socioeconómico e o comportamento infractor, há que tomar certas cautelas no seu tratamento. A existência ou não da delinquência depende em larga medida da classe social e económica do adolescente (Sprinthall & Collins, 1988). Estes autores referiram-se a um estudo com a duração de 20 anos, realizado nos Estados Unidos, numa comunidade de classe média alta (Garden City), entre 1940 e 1960, que mostrou não terem existido quaisquer registos de casos de prisão de jovens por motivos de delinquência. Pelo contrário, um estudo conduzido numa localidade diferente (Kansas City) indicou que cerca de 16% da população adolescente estava presa, num período de um ano. Portanto, conforme estes autores, a proporção na área suburbana de Garden City foi de 0% em 20 anos, e em Kansas City de 16% em um ano. Eles questionaram se seria possível a existência de uma diferença tão elevada no comportamento dos adolescentes.

Um exame mais pormenorizado destes estudos revelou que estava em acção um enviasamento devido à classe social (Sprinthall & Collins, 1988). De acordo com estes autores, em situações deste género os jovens das classes trabalhadoras e das minorias são presos, sendo efectuados registos policiais dessas ocorrências, ao passo que os filhos das classes média e média-alta, que tomam parte em actividades semelhantes, são levados à casa da família por um agente da polícia e têm apenas uma conversa com os pais. Relacionado a esta situação, Zamora

(2008) referiu-se aos estudos internacionais que mostram a tendência da criminalização da pobreza nas novas dinâmicas do capitalismo, onde os jovens pobres e não brancos são em geral vistos como perigosos. Para esta autora, há que desconstruir o paradigma comum das práticas sociais que pensa as famílias de segmentos populares em termos de falta, carência, desorganização e tendência à violência como seus aspectos constitutivos.

Estudos têm levantado também algumas questões no que se refere aos factores de vulnerabilidade e o cometimento de actos infraccionais (Green, Gesten, Greenwald, & Salcedo, 2008; Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi, & Lozano, 2002; Wong, Slotboom, & Bijleveld, 2010; *World Youth Report*, 2003). Green et al. (2008) realizaram nos Estados Unidos um estudo longitudinal sobre os factores da infância preditores da delinquência na adolescência e juventude. Nas variáveis demográficas, constataram haver uma relação entre a situação de pobreza das crianças e o futuro cometimento de crimes. Porém, afirmaram por outro lado, que esses resultados não dão uma resposta cabal a este problema. Questionaram, por exemplo, como se explicaria que muitas crianças que estavam sob influência de vários factores de risco, não cometessem infracções e fossem bem sucedidas socialmente.

As questões levantadas anteriormente têm sido mencionadas quando se discute uma outra face do comportamento infractor: a reincidência criminal. Carcach e Leverett (1999) afirmaram que entre os jovens que entram em contacto com o sistema de justiça pela primeira vez existe sempre alguma parte que retorna devido ao cometimento de novas infracções e pode desenvolver a carreira criminal. Segundo estes autores, este fenómeno está relacionado a vários factores, desde os associados ao desenvolvimento na infância, características que se mantêm estáveis ao longo da vida, aspectos económicos e sociais que rodeiam o indivíduo, idade do início do comportamento infractor, e as respostas do sistema de justiça. Para McKean e Ransford (2004), os níveis de reincidência reflectem o grau de recuperação dos condenados e o papel dos programas de reabilitação na sua reintegração, sendo um indicador para monitorar o impacto das penitenciárias na reabilitação dos condenados. De acordo com estes autores, níveis altos de reincidência acarretam custos na segurança pública, na tramitação do processo judicial de reimputação e condenação, na comunidade, família e no próprio indivíduo.

Variáveis associadas a reincidência foram abordadas por Contreras, Molina, e Cano (2011). Estas pesquisadoras verificaram até que ponto o contexto familiar, as variáveis pessoais e de observância das medidas judiciais mediavam a reincidência. Através da comparação dos protocolos de dois grupos (não reincidentes e reincidentes) constataram que questões familiares

como fragilidades nas relações internas, excesso de membros, baixo nível socioeconómico, legitimação da violência e fraca supervisão parental, estavam associadas à reincidência. As variáveis pessoais identificadas relacionavam-se ao *locus* de controle externo, déficits nas habilidades sociais e no autocontrole, comportamento violento e baixa tolerância à frustração. Em relação ao cumprimento das medidas judiciais verificou-se que os reincidentes tinham um fraco comprometimento com as normas, prazos e objectivos estabelecidos, o envolvimento das famílias durante o cumprimento da pena revelou-se fraco (Contreras et al., 2011).

Estudos sobre o comportamento infractor têm explorado a questão na perspectiva do género. Um primeiro aspecto a mencionar é o facto das pesquisas concentrarem-se maioritariamente em populações do sexo masculino, havendo poucos dados sobre as mulheres (Brennan, Breitenbach, Dieterich, Salisbury, & Voorhis, 2012; Vitopoulos, Paterson-Badali, & Skilling, 2012; Wright, Voorhis, Salisbury, & Bauman, 2012). Esta situação favoreceu a generalização da compreensão do fenómeno criminal e da elaboração de políticas públicas (Brennan et al, 2012). Apesar desta lacuna, existem algumas evidências consensuais disponíveis na literatura sobre a temática. Segundo o United Nations (2004), os crimes cometidos e o número de privação de liberdades são significativos em adolescentes e jovens do sexo masculino, tendo-se concluído que ser homem é um factor de risco demográfico para o envolvimento em situações de violência (Krug et al., 2002). Existem algumas explicações para esta situação: as raparigas são mais sujeitas a um forte controlo familiar do que os rapazes. Questões culturais fazem que as sociedades sejam pouco tolerantes ao comportamento desviante das jovens. A agressividade e a violência assumem um papel importante para a construção da masculinidade em sociedades patriarcais (United Nations, 2004). Associado a estas ideias menciona-se o facto das mulheres estarem menos expostas aos factores de risco e de apresentarem uma maior tolerância aos mesmos (Wong et al., 2010).

Outra explicação para justificar as diferenças de género no cometimento de crimes é a capacidade de autodomínio (Gottfredson & Hirschi, 1990; Shekarkhar & Gibson, 2011). Segundo estes autores, as raparigas tendem a apresentar níveis mais altos de autodomínio do que os rapazes, tornando-os propensos a situações de violência e de outros comportamentos de risco. A falta de autodomínio traduz-se em actos impulsivos, contacto físico, fraca avaliação das consequências dos seus procedimentos a longo prazo (Gottfredson & Hirschi, 1990).

A questão do género no cometimento de infracções foi também mencionada no relatório da *United Nations* (2009) que indicou que as mulheres representam uma proporção pequena do

global da população prisional no mundo, com uma média que está em torno de 4%. Muitas delas desenvolveram-se em ambientes desfavorecidos, são jovens, pobres, desempregadas, com níveis de escolaridade baixos. Há que registar o facto da literatura mencionar a necessidade de se compreender de forma particular o comportamento infractor em populações do sexo feminino (Brennan et al., 2012; Vitopoulos et al., 2012; Wright et al., 2012). Segundo estes autores existem especificidades na dinâmica do fenómeno criminal em mulheres que as diferencia dos homens. Por exemplo, as mulheres geralmente são socialmente e economicamente marginalizadas, menos violentas que os homens, e mais susceptíveis a sofrer situações de abuso na infância e na idade adulta, o que pode significar a adopção de medidas de reabilitação em vez de punitivas (Wright et al., 2012). Portanto, a interpretação em função do género é importante para a compreensão profunda e mais específica do problema.

Em Moçambique, estudos realizados sobre o sistema prisional (Amaral, 2000; Brito; 2002) apresentaram alguns dados que contribuem para a compreensão da dinâmica da criminalidade. Amaral (2000) coordenou uma pesquisa em 27 estabelecimentos prisionais do país, tendo-se constatado que 63% dos reclusos tinha idade inferior ou igual a 25 anos, e parte significativa havia cometido pequenos delitos equivalentes a penas mais leves (de zero a dois anos de prisão). Amaral (2000) explicou que esta população estava subdividida entre os que tinham um nível relativamente baixo de educação e os que não haviam passado pela escola; uma parte significativa era composta por indivíduos ligados ao sector informal da economia, ou em situação de desemprego. Este autor referiu-se também ao facto da população reclusa feminina em geral ter sido de 6%. Cerca de metade tinha idade superior a 36 anos, e a percentagem de cumprimento de penas maiores era elevada dentro deste grupo, quando comparado com o dos homens.

Um estudo intitulado “Os condenados de Maputo” foi realizado por Brito (2002). Muitas das constatações coincidiram com os dados da pesquisa de Amaral (2000), nomeadamente: maior parte dos reclusos era jovem, havia cometido crimes menores com ênfase para furtos e roubos, estava ligada a actividades do sector informal, era pouco escolarizada, a percentagem de mulheres estava em torno de 5%. Brito (2002) explicou que a origem social dos condenados estava ligada aos grupos mais vulneráveis da população urbana de Maputo. Ele concluiu a sua análise referindo-se a existência de dois tipos de “delinquência” distintos: um ligado à exclusão social, à falta de qualificações profissionais e de emprego, que a designou de “pequena delinquência de subsistência”; e outro ligado à ambição de riqueza e bens materiais, que se

manifesta nas formas mais graves e violentas de crime, com destaque para os assaltos à mão armada e roubo de viaturas.

Considerando a revisão da literatura realizada, o objectivo deste estudo foi de descrever as características biossociodemográficas dos jovens em situação de reclusão. Ele pretende contribuir para a apresentação de dados sobre o perfil dos jovens condenados provenientes da cidade de Maputo, podendo subsidiar programas que visem o melhor acompanhamento dos mesmos, tanto no período do cumprimento da pena como na reintegração comunitária e social. Para este efeito, serão analisados os dados dos reclusos e reclusas constantes nas “Certidões de Sentença e Liquidação da Pena”, cujo conteúdo é apresentado com detalhes nas partes do trabalho que se seguem.

Método

Delineamento

Tratou-se de uma pesquisa documental que se apoiou nas informações das “Certidões de Sentença e Liquidação da Pena” (Anexo B). A pesquisa documental é uma forma da pesquisa descritiva que investiga documentos com o propósito de estudar fenómenos da realidade (Cervo, Bervia, & Da Silva). A “Certidão de Sentença e Liquidação da Pena” é um documento emitido pelo Tribunal no acto do julgamento e que formaliza a condenação do infractor. A certidão contém dados que permitem compreender aspectos sobre o perfil dos condenados. Para o presente estudo foram analisadas certidões de 2009, 2010 e 2011. A escolha destes anos deveu-se ao facto de se ter constatado a existência de dados sistematizados sobre a população prisional nacional, no Serviço Nacional Penitenciário, a partir do ano de 2009. Porque esta informação nacional era importante para fundamentar o estudo, optou-se também em tomar o ano de 2009 como ponto de partida para a análise das “Certidões de Sentença e Liquidação da Pena.”

É de salientar que inicialmente havia sido projectada a utilização da “Ficha individual de Readaptação do Recluso” (Anexo C) como fonte de obtenção de dados. A ficha individual é um instrumento de registo de informações e de acompanhamento do recluso durante o cumprimento da pena. Porém, constataram-se problemas de fidedignidade dos dados e de preenchimento, tendo se optado pela “Certidão de Sentença e Liquidação da Pena.”

Amostragem

Contextualização

As “Certidões de Sentença e Liquidação da Pena” foram retiradas em três penitenciárias, nomeadamente: Cadeia Central de Maputo (CCM), Centro de Reclusão Feminina de Ndlavela (CRFD) e Estabelecimento Prisional de Recuperação Juvenil de Boane (EPRJB). A Cadeia Central de Maputo (CCM) é a maior do país e interna reclusos provenientes da cidade de Maputo e de outras regiões. O Centro de Reclusão Feminina de Ndlavela (CRFD) alberga reclusas provenientes de várias zonas do país. O Estabelecimento Prisional de Recuperação Juvenil de Boane (EPRJB) iniciou o seu funcionamento em Junho de 2011 e alberga jovens dos 16 aos 21 anos, que anteriormente eram internados na Cadeia Central de Maputo. Na Tabela 2 são apresentados os números de reclusos e reclusas condenados, provenientes da cidade de Maputo, nos anos de 2009, 2010 e 2011, para informar sobre a quantidade de “Certidões de Sentença e Liquidação da Pena” arquivadas nos três estabelecimentos prisionais durante esse período.

Tabela 2

Distribuição de Reclusos e Reclusas da Cadeia Central de Maputo e do Centro de Reclusão Feminina de Ndlavela em 2009, 2010 e 2011

Faixa etária	Anos					
	2009		2010		2011	
	CCM	CRFD	CCM*	CRFD	CCM*	CRFD
16-18	82	0	96	1	31	2
19-21	135	2	150	3	112	1
22-25	157	5	250	2	221	9
Total	374	7	496	6	364	12

Nota. * Os dados destas instituições incluem os jovens transferidos para o Estabelecimento Prisional Juvenil de Boane

Estes números referem-se aos reclusos e às reclusas provenientes da cidade de Maputo, portanto não constam os de outras regiões. Em 2009 havia cerca de 381 reclusos da faixa dos 16 aos 25 anos, 502 em 2010 e 376 em 2011. No total foram arquivadas 1259 “Certidões de Sentença e Liquidação da Pena” de jovens da cidade de Maputo.

Amostra

Acedeu-se a 172 “Certidões de Sentença e Liquidação da Pena”, sendo 20 do ano de 2009, 74 de 2010 e 78 de 2011. A amostra foi constituída em função das certidões que o pesquisador conseguiu obter dos funcionários das penitenciárias que se responsabilizaram pela identificação das mesmas. Portanto trata-se de uma amostra por disponibilidade. Dificuldades no seu acesso, particularmente das certidões dos reclusos do sexo masculino, impediram que se pudesse trabalhar com um número maior. Neste contexto, as conclusões deste estudo devem ser vistas apenas para a amostra aqui apresentada. Apesar desta limitação, julga-se que os dados colectados constituem indicadores que possam subsidiar estudos futuros sobre o perfil dos jovens da cidade de Maputo em conflito com a lei. Nesta amostra, 153 (89%) certidões analisadas foram de condenados do sexo masculino e 19 (11%) do sexo feminino. A média de idade foi de 20,77 anos ($DP = 2,76$). Informações detalhadas sobre as características da amostra são apresentadas na secção resultados deste estudo.

Instrumento

Foi produzido um protocolo que permitiu o registo dos dados colectados na “Certidão de Sentença e Liquidação da Pena”. As informações constantes no protocolo foram sistematizadas de modo que se pudesse descrever o perfil dos jovens em situação de reclusão. O protocolo consta no Anexo D e compreende os seguintes dados: idade, sexo, local de residência, estado civil (casado/a, solteiro/a, separado/a, viúvo/a), ocupação (o que fazia antes do cometimento da infracção), tipo de crime cometido, tempo de condenação (meses/anos por cumprir) e antecedentes criminais.

Procedimentos

Acesso às penitenciárias

Para aceder às penitenciárias e às “Certidões de Sentença e Liquidação da Pena”, submeteu-se um pedido formal (Anexo E) ao Serviço Nacional Penitenciário, instituição subordinada ao Ministério da Justiça e que se responsabiliza pela administração dos estabelecimentos prisionais em Moçambique. Após a autorização, iniciou-se o processo de colecta de dados na Cadeia Central de Maputo, no Centro de Reclusão Feminina de Ndlavela, e no Estabelecimento Prisional de Recuperação Juvenil de Boane.

Colecta e tratamento dos dados

As informações foram extraídas das “Certidões de Sentença e Liquidação da Pena” e registadas nos “Protocolos de Colecta de Dados Biossociodemográficos”. Em seguida, se criou um banco de dados no SPSS no qual se fez o lançamento das informações colectadas. Foram criadas variáveis (idade, sexo, crime cometido, anos de condenação, incidência, proveniência, ocupação) e suas categorias que possibilitaram o agrupamento, leitura e interpretação dos dados.

Conforme foi explicado anteriormente, a pesquisa contemplou jovens da faixa dos 16 aos 25 anos de idade. Para além do estudo do grupo como um todo, para algumas variáveis fez-se uma leitura nos sub-grupos de 16 a 18, 19 a 21, e 22 a 25 anos. Esta subdivisão tomou como base o modelo de distribuição de idades feito pelo Serviço Nacional Penitenciário na organização de informações estatísticas. Tomando em consideração a perspectiva de Arnett (2010), os 18 anos de idade marcam o fim da adolescência e o início do processo de preparação para a vida adulta que se prolonga até aos 25 anos. Neste contexto, pode se afirmar que os indivíduos da faixa dos 16-18 anos se encontram ainda em plena adolescência, sendo considerados a população mais nova da amostra em análise. Este procedimento possibilitou a análise do comportamento de algumas variáveis nos jovens mais novos e nos mais velhos. Análises comparativas foram feitas também em função do sexo.

Devido à diversidade de crimes específicos constantes nas certidões de sentença, optou-se pelo seu agrupamento em cinco categorias de modo a facilitar a leitura dos dados no SPSS. As categorias de crimes criadas foram: crimes contra a propriedade, crimes contra a vida, crimes contra a integridade física e a saúde das pessoas, crimes contra a honestidade das pessoas, e outros. Esta última categoria foi criada para enquadrar dois crimes que surgiram isolados (vadiagem e corrupção activa) e que se julgou conveniente não se criar categorias para as mesmas, visto que não se enquadravam nas existentes e apresentavam baixa frequência.

O tempo de condenação foi registado em meses para todos os casos, tendo permitido a uniformização do registo deste item e do seu tratamento no programa estatístico, pois existiam casos de penas inferiores a um ano. A partir desta variável foi possível analisar o tipo de penas cumpridas pela maioria dos jovens, se as correcionais ou as de prisão maior.

Para descrever os casos de passagem pela penitenciária em mais de uma vez utilizou-se a designação frequência no cometimento de infracções e não reincidência. O conceito reincidência no Código Penal moçambicano é restritivo, não inclui todos os casos que estão acima de uma condenação. Por exemplo, nele explica-se que o termo é específico para os casos em que o novo

crime é de natureza idêntica ao cometido anteriormente, antes de terem passado oito anos desde a dita condenação (Artigo 35º). Portanto, no presente estudo optou-se por uma perspectiva abrangente, que incluiu todos os casos que tiveram mais de uma passagem pela penitenciária.

A variável ocupação objectivou descrever as actividades que os jovens realizavam antes da condenação tendo sido subdividida nas seguintes categorias: 1. Trabalho no sector formal, 2. Trabalho no sector informal, 3. Sem ocupação, 4. Estudante, 5. Sem informação. Para a distinção das actividades do sector formal e informal tomou-se como base o conceito de informal, que compreende as actividades sem um registo oficial, que não pagam impostos, baseadas em emprego ocasional, em ligações de parentesco, pessoais e sociais sem garantias formais (Mula, 2009; Tembe, 2009). Na categoria “sem ocupação” foram incluídos todos os casos com o registo de desempregado e doméstica, na de “estudante” os que tinham esta indicação na certidão, e “sem informação” para os casos em que não havia nenhum registo. Por último, a proveniência dos condenados correspondeu aos bairros da cidade de Maputo nos quais residiam antes do encarceramento.

Não foi possível analisar o grau de escolaridade pelo facto das “Certidões de Sentença e Liquidação da Pena” não incluírem este dado. Nele apenas se faz referência a actividade de estudante, se for o caso, não incluindo nenhuma informação sobre o nível frequentado. Esta situação constituiu uma limitação no trabalho. Sintetizando as informações, a Tabela 3 apresenta as variáveis e as categorias correspondentes que orientaram o tratamento dos dados do Estudo 1.

Tabela 3

Variáveis e Categorias que Orientaram o Tratamento dos Dados do Estudo 1

Variáveis	Categorias
Idade (16 – 25 anos)	16 – 18 anos
	19 – 21 anos
	22 – 25 anos
Sexo	Homens
	Mulheres
Crimes cometidos	Contra a propriedade
	Contra a vida
	Contra a integridade física e a saúde das pessoas
	Contra a honestidade das pessoas
	Outros
Tempo de condenação	3 dias a 24 meses (penas de prisão correcionais)
	24 a 288 meses (penas de prisão maior)
Frequência no cometimento de infracções	Número de passagens pela penitenciária
Ocupação	Sector formal
	Sector informal
	Sem ocupação
	Estudante
	Sem informação
Proveniência	Bairros da Cidade de Maputo

Resultados

Para a apresentação dos resultados foram levantadas frequências e percentagens, e utilizados os testes *Kolmogorov-Smirnov*, *Qui-quadrado*, *Mann-Whitney*, e *Kruskal Wallis*. As frequências e percentagens possibilitaram a comparação descritiva de categorias de uma mesma variável. O teste *Kolmogorov-Smirnov* teve por objectivo avaliar a distribuição de normalidade das variáveis que foram trabalhadas. Uma vez que a distribuição das variáveis não foi em sua maioria normal, optou-se por utilizar testes não paramétricos. Para avaliar associações entre variáveis categóricas foram realizados testes *Qui-quadrado*. Nos casos em que haviam mais de duas categorias em uma única variável, a avaliação de diferenças foi feita utilizando os resíduos ajustados. Valores de resíduos iguais ou acima de 1,96 significam que há diferenças entre grupos nas células avaliadas (Field, 2009). Em relação às diferenças entre grupos, foi utilizado o teste de *Mann-Whitney* para dois grupos, e *Kruskal-Wallis* para três ou mais grupos. Com o objectivo de corrigir possíveis vieses devido ao tamanho da amostra foi realizado o procedimento de simulação Monte-Carlo. Foi adoptado $p < 0,05$ como nível de significância crítico.

A apresentação dos resultados e sua discussão abordou em primeiro lugar a distribuição dos jovens por idade e sexo, em seguida os tipos de infracções cometidas, tempo de condenação e tipo de pena, incidência no cometimento de infracções, ocupação e proveniência dos jovens. É de mencionar mais uma vez o facto de se ter analisado um total de 172 “Certidões de Sentença e Liquidação da Pena.” Deste número 153 pertenceram à jovens do sexo masculino e 19 à jovens do sexo feminino, conforme apresentado na Tabela 4.

Tabela 4

Distribuição dos Jovens por Idade e Sexo

Distribuição da População Total			Distribuição por Sexo			
			Homens		Mulheres	
Idade	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
16 – 18	44	25,6	41	23,8	3	1,7
19 – 21	56	32,6	48	27,9	8	4,7
22 – 25	72	41,9	64	37,2	8	4,7
Total	172	100	153	89	19	11

Para além da diferença que se pode notar entre homens e mulheres, é observável a tendência de aumento do número de jovens à medida que se progride nas faixas etárias. Tanto no grupo dos jovens do sexo masculino como no do sexo feminino, verifica-se uma maior participação dos integrantes da faixa dos 19 – 21 e 22 – 25 anos com uma concentração visível dos homens nesta última. Quanto aos tipos de infracções cometidas, os dados são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5

Tipos de Crimes Cometidos e Respectivas Frequências

Tipos de Infracções	Distribuição dos Reclusos	
	<i>f</i>	%
Crimes contra a propriedade	145	84,3
Crimes contra a integridade física e a saúde das pessoas	16	9,3
Crimes contra a honestidade das pessoas	7	4,1
Crimes contra a vida	2	1,2
Outros	2	1,2
Total	172	100

Os crimes contra a propriedade ocorreram com maior frequência, seguindo-se os crimes contra a integridade física e a saúde das pessoas, e em menor escala os crimes contra a honestidade das pessoas, e contra a vida. Os crimes contra a propriedade compreenderam os furtos e roubos, burlas, incêndio e danos, e abuso de confiança. Entre estes os furtos e roubos (91%) foram os mais cometidos pelos jovens. Os crimes contra a integridade física e a saúde das pessoas integraram as ofensas corporais e ameaças. Nestes, as ofensas corporais (94%) apareceram em maior número. Os crimes contra a honestidade das pessoas incluíram o atentado ao pudor, violação, violação de menor, e rapto. A concentração verificou-se no atentado ao pudor, violação, e violação de menor com dois casos para cada um. Quanto aos tipos de infracções, verificou-se que os jovens cometeram em grande escala os crimes contra a propriedade (particularmente os furtos e roubos).

Procurou-se, em seguida, averiguar se havia diferenças nos tipos de infracções cometidas por homens e mulheres. O teste Qui-quadrado apresentou diferenças estatisticamente

significativas nos dois grupos ($\chi^2[2] = 6,56, p < 0,05$). Os dados que ilustram as diferenças encontradas constam na Tabela 6.

Tabela 6
Comparação dos Tipos de Crimes por Sexo

Tipos de crime		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Crimes contra a propriedade	<i>Count</i>	133 (88,7%)	12 (66,7%)	145
	<i>Expected Count</i>	129,5	15,5	145
	<i>Adjusted Residual</i>	2,6	-2,6	
Crimes contra a integridade física e a saúde das pessoas	<i>Count</i>	12 (8%)	4 (22,2%)	16
	<i>Expected Count</i>	14,3	1,7	16
	<i>Adjusted Residual</i>	-1,9	1,9	
Crimes contra a honestidade das pessoas	<i>Count</i>	5 (3,3%)	2 (11,1%)	7
	<i>Expected Count</i>	6,3	,8	7
	<i>Adjusted Residual</i>	-1,6	1,6	
Total	Count	150	18	168

Conforme os dados da Tabela 6, avaliando os resíduos ajustados, houve maior prevalência de homens nos crimes contra a propriedade. Em relação aos crimes contra a integridade física e a saúde das pessoas, houve maior prevalência de mulheres, apesar das diferenças serem marginalmente significativas. Quanto aos crimes contra a honestidade das pessoas, não houve diferenças nos dois grupos. Nesta análise não constam os dados sobre os crimes contra a vida ($n = 2$), e outros crimes ($n = 2$), devido ao número insignificante, totalizando, deste modo, um total de 168 casos estudados.

Para descrever o tipo de pena a que maior parte dos jovens esteve sujeito, fez-se o levantamento do tempo de condenação atribuído. O Código Penal estabelece as penas de prisão maior e as penas de prisão correccionais. As penas maiores vão de 24 a 240 meses (dois a 24 anos) e as correccionais de Três dias a 24 meses (até dois anos). A informação sobre o tempo de condenação apresenta-se na Tabela 7.

Tabela 7

Frequência e Percentagem do Tempo de Condenação dos Jovens

Tempo de Condenação	Distribuição dos Reclusos	
	<i>f</i>	%
3 dias a 24 meses (penas de prisão correcionais)	141	82,1
24 a 288 meses (penas de prisão maior)	31	18,0
Total	172	100,0

Parte significativa de jovens esteve condenada a penas correcionais. Visando avaliar possíveis diferenças entre o tempo de condenação e o sexo foram realizados testes de *Mann-Whitney*, com simulação Monte Carlo. Os testes não-paramétricos foram realizados devido ao facto de a variável tempo de condenação não ter apresentado distribuição normal (*Kolmogorov-Smirnov* = 0,29, *gl* = 172, *p* < 0,001). Os resultados mostraram que não houve diferenças entre homens (*Mdn* = 10,5 meses) e mulheres (*Mdn* = 10 meses) no tempo de condenação (*Mann-Whitney U* = 1367,5; *p* = 0,71).

Fez-se também a verificação da existência ou não de diferenças no tempo de condenação em função das faixas etárias. Para este efeito, foi realizado um teste de diferença *Kruskal-Wallis*, com simulação Monte Carlo. Os resultados demonstraram não haver diferenças significativas nas diferentes faixas etárias em relação ao tempo das penas (*H*[2] = 0,98, *p* = 0,95). O grupo 1 (*n* = 44, formado por jovens entre 16 e 18 anos) apresentou um tempo mediano de pena de 12 meses. O grupo 2 (*n* = 56, formado por jovens entre 19 e 21 anos) apresentou um tempo mediano de pena de 10 meses. O grupo 3 (*n* = 72, formado por jovens entre 22 e 25 anos) apresentou um tempo mediano de 10,5 meses.

No que se refere à incidência no cometimento de infracções, fez-se o levantamento do número de passagens dos indivíduos pela penitenciária. A Tabela 8 apresenta os dados sobre este item.

Tabela 8

Frequência no Cometimento de Infracções dos Jovens

Frequência	Distribuição dos Reclusos	
	<i>f</i>	%
Primeira vez	137	79,7
Segunda vez	28	16,3
Terceira vez	5	2,9
Quinta vez	2	1,2
Total	172	100,0

A maior parte dos jovens foi condenada pela primeira vez, porém há que destacar o facto de 20,4% ter tido uma passagem anterior pela prisão. Em relação à ocupação dos jovens é notável a ausência de informações em uma parte considerável das fichas acedidas. Porém, os dados disponíveis fornecem algumas indicações sobre o comportamento desta variável na população estudada. Na Tabela 9 estão apresentados os dados sobre a ocupação antes da condenação.

Tabela 9

Tipo de Ocupação dos Jovens antes da Condenação

Tipo de Ocupação	Distribuição dos Reclusos		
	<i>f</i>	%	% Válida
Sem ocupação	60	34,9	49,2
Sector informal	48	27,9	39,3
Estudante	11	6,4	9,0
Sector formal	3	1,7	2,5
Total	122	70,9	100,0
Sem informação	50	29,1	-

Em relação à ocupação dos jovens aquando do cometimento do acto infraccional, os dados estiveram disponíveis em 122 certidões. Maior parte dos jovens estava sem ocupação (49,2%), e a outra trabalhava no sector informal (39,3). Uma minoria era estudante e a outra trabalhava no sector formal.

Por último, foram analisados os dados sobre a proveniência dos jovens, com o objectivo de identificar os bairros da cidade de Maputo de onde a maior parte dos condenados era oriunda. Estão descritos apenas os bairros onde houve maior concentração, não foram incluídos os restantes casos devido ao número reduzido e à sua dispersão. A distribuição por todos os bairros pode ser vista no Anexo F. A Tabela 10 apresenta os bairros de proveniência da maior parte dos jovens.

Tabela 10

Bairros de Proveniência da Maior parte dos Jovens

Nome do Bairro	Distribuição dos Reclusos	
	<i>f</i>	%
Chamanculo	20	11,6
Maxaquene	17	9,9
Polana Caniço	16	9,3
Hulene	12	7,0

A maior concentração de jovens em termos de proveniência verificou-se nos bairros de Chamanculo, Maxaquene, Polana Caniço e Hulene. Estes bairros pertencem à área suburbana da cidade. Segundo Araújo (1999) a área suburbana da Cidade de Maputo é onde há maior concentração da população, localizando-se os bairros mais populosos, e parte significativa dela vive em condições de pobreza.

Discussão

O levantamento das informações biossociodemográficas, proposta deste estudo, permitiu conhecer o perfil dos jovens em situação de reclusão da Cidade de Maputo. Parte significativa da amostra (89%) foi composta por homens, sendo esta uma tendência universal quando se fala de populações em conflito com a lei (*United Nations, 2009; United Nations, 2004*). Alguns aspectos socioculturais como o forte controlo familiar a que as raparigas estão sujeitas, menor exposição destas aos factores de risco, a expressão da agressividade e da violência como formas de construção da masculinidade em sociedades patriarcais (Wong, Slotboom, & Bijleveld, 2010; *United Nations, 2003*) podem explicar esta realidade. Aspectos psicológicos relacionados aos altos níveis de autodomínio das mulheres e maior tolerância aos factores de risco constituem

outra perspectiva de abordagem da questão (Gottfredson & Hirschi, 1990; Shekarkhar & Gibson, 2011; Wong et al. 2010).

Os dados indicaram o carácter progressivo da participação da população dos 16 aos 25 anos no cometimento de actos infraccionais. O número é relativamente baixo na faixa dos 16 – 18 anos, começando a registar um aumento no grupo dos 19-21 e atingindo o nível mais alto nos 22 – 25 anos (ver Tabela 4), sendo mais visível no caso dos homens. Esta situação tende a ser geral, tomando em consideração os dados constantes na Tabela 2 e os da população em geral apresentados no Anexo A. Este comportamento da variável idade se pode enquadrar no modelo desenvolvimental de Moffitt (1993) no qual explicou que em geral os comportamentos delitivos atingem o ponto mais alto na adolescência, progredindo para a juventude e, ao mesmo tempo, começando a diminuir nesta fase.

Esta tendência de aumento do número de condenados em função da idade deve despertar atenção para a necessidade de se analisar a dinâmica do contexto de desenvolvimento desses jovens. Por outro lado, pode ser um indicador de reflexão sobre a eficácia das políticas públicas de prevenção da criminalidade juvenil. Tomando em consideração que a maior parte desta população pertence ao grupo com comportamento anti-social transitório (Moffitt, 1993), acções efectivas de acompanhamento dos que estão em contacto com o sistema de justiça podem contribuir para a sua recuperação psicossocial.

Quanto ao tipo de infracções constatou-se que os jovens cometeram em grande escala os crimes contra a propriedade (84,3%), com maior prevalência para os homens. É de salientar que nesta categoria de crimes os furtos e os roubos surgiram em maior número. Tomando em consideração que parte significativa de jovens (82,1%) cumpriu penas de prisão correcionais (três dias a 24 meses) se pode concluir que os crimes contra a propriedade cometidos foram de dimensão relativamente menor. Esta constatação coincide com as pesquisas realizadas por Brito (2002) e Amaral (2000). Estes autores verificaram que maior parte dos reclusos jovens havia cometido crimes menores, com ênfase para furtos e roubos. Brito (2002) designou este grupo como de “pequena delinquência de subsistência” pertencendo a grupos socialmente excluídos, com falta de qualificações profissionais e de emprego. A situação de vulnerabilidade social de maior parte dos jovens em conflito com a lei tem sido mencionada pela literatura internacional.

Registou-se maior prevalência de mulheres nos crimes contra a integridade física e a saúde das pessoas (ofensas corporais e ameaças). Apesar da diferença ter sido marginalmente significativa, quando verificados os números observados (*Count*) e os esperados (*Expected count*),

nota-se maior incidência nas mulheres do que nos homens. Este dado significa que uma parte visível das situações que levam as jovens ao cumprimento de penas pode estar relacionada a circunstâncias que envolvem violência e contacto físico. Esta realidade contrasta com os dados dos relatórios internacionais sobre a dinâmica da violência no mundo, que destacaram o facto dos homens, duma forma geral, constituírem o grupo mais propenso à violência (Krug et al. 2002; *United Nations, 2004*). Porém, julga-se que este é um caso particular, mas que desperta atenção para a necessidade de estudos comparativos com amostras representativas que permitam analisar este aspecto no contexto moçambicano.

Conforme mencionado anteriormente, a maior parte dos jovens esteve a cumprir penas correcionais, o que significa que cometeram infracções de dimensão relativamente menor. Esta tem sido a tendência geral dos actos infraccionais cometidos por jovens ao longo do tempo, quando se observa os estudos anteriores realizados por Brito (2002) e Amaral (2000). De facto, dos 82,1% houve maior concentração nas penas de seis e de 12 meses. Esta realidade se verificou de igual forma para homens e mulheres, pois não foram encontradas diferenças no tempo de condenação entre os dois grupos, tendo acontecido o mesmo em relação às três faixas etárias estudadas (16 – 18, 19 – 21, 22 – 25). Portanto, homens e mulheres, assim como jovens de diferentes faixas etárias equivaleram-se no tocante ao tempo de condenação.

Em termos de frequência no cometimento de infracções, maior parte dos jovens (79,7%) teve uma passagem pela penitenciária. Porém, 20,4% já havia sido condenada anteriormente. Apesar de ser em menor percentagem, este número é um indicador importante para a necessidade de reflexão sobre o processo de acompanhamento dos jovens em conflito com a lei. Segundo Carcach e Leverett (1999), esta situação pode significar o prenúncio do desenvolvimento da carreira criminal e está associada a problemas do desenvolvimento pessoal, socioeconómicos e respostas do sistema de justiça. Constrangimentos no contexto familiar foram descritos como facilitadores da reincidência nos jovens (Contreras, Molina, & Cano, 2011). Este fenómeno foi interpretado por McKean e Ransford (2004) como indicador para monitorar o impacto das penitenciárias na reabilitação dos condenados.

Antes da condenação uma parte significativa de jovens estava sem ocupação (49,2%) e outra trabalhava no sector informal (39,3%). Conforme foi explicado anteriormente, na categoria “sem ocupação” foram incluídos os casos em que nas “Certidões de Sentença e Liquidação da Pena” constava a informação “desempregado” ou “doméstica”, e na categoria “sector informal” as actividades sem registo oficial e sem garantias formais, baseadas em emprego espontâneo.

Segundo Brito (2002), este grupo de jovens geralmente pertence a segmentos mais vulneráveis da população urbana. Vários estudos que abordam a temática da criminalidade em jovens têm se referido à questão do desemprego, do pertencimento a extractos em desvantagem socioeconómica como factores de risco para o cometimento de delitos (Feijó & Assis, 2004; Green, Gesten, Greenwald, & Salcedo, 2008). Neste contexto, programas estruturados de profissionalização e de integração no mercado de trabalho podem constituir factores de protecção para a reinserção comunitária e melhoria da qualidade de vida.

Por último, os dados mostraram que os Bairros de Chamanculo, Hulene e Maxaquene é que detinham a maior concentração de jovens. São bairros que pertencem à área suburbana da Cidade de Maputo, onde se encontram os maiores aglomerados populacionais que na maioria dos casos vivem em condições de pobreza (Araújo, 1999). Duas leituras podem ser feitas em função desta constatação: a primeira é que a literatura tem se referido ao facto das populações vivendo em contextos de desvantagem social e económica serem propensas ao cometimento de crimes, apesar de não se estabelecer automaticamente uma relação de causa e efeito. A segunda refere-se à perspectiva que associa esta realidade à chamada criminalização da pobreza. Segundo se fez referência ao longo deste trabalho, Zamora (2008) indicou que estudos internacionais mostram a tendência da criminalização da pobreza onde os jovens pobres são em geral vistos como perigosos. Sprinthall e Collins (1988) explicaram que em alguns casos, diante de situações criminais, os jovens de níveis socioeconómicos baixos têm sido presos, não acontecendo o mesmo em relação aos dos grupos socialmente bem estabelecidos.

Considerações Finais

O objectivo do estudo foi de descrever as características biossociodemográficas dos jovens em situação de reclusão da cidade de Maputo de modo a se ter dados sobre o seu perfil. Constatou-se que parte significativa dos jovens reclusos era constituída por homens. Os jovens praticaram em grande escala crimes contra a propriedade, com destaque para os jovens do sexo masculino. A prevalência de mulheres verificou-se nos crimes contra a integridade física e a saúde das pessoas. A participação da população estudada no cometimento de actos infraccionais teve um carácter progressivo, iniciando com números inferiores na faixa dos 16 – 18 anos, aumentando na dos 19 – 21 anos e atingindo a fasquia elevada na faixa dos 22 – 25 anos. Maior parte dos jovens esteve condenada a penas correcionais, e houve equivalência no tempo de condenação entre homens e mulheres, e entre jovens das três faixas etárias. Um número

significativo de jovens teve o registo de uma única condenação, porém os números de “reincidência” devem ser tomados em consideração. Antes da condenação uma parte estava sem ocupação e outra realizava actividades no sector informal. A maior concentração dos jovens esteve nos bairros suburbanos da Cidade de Maputo.

Há necessidade de se reflectir sobre o impacto das acções de prevenção da criminalidade juvenil, através da avaliação da sua efectividade, em função do contexto do desenvolvimento dos jovens. Este exercício pode contribuir para o melhoramento contínuo das políticas públicas que minimizem a propensão deste grupo para actos delitivos. A tendência de crescimento do número de jovens internados nas penitenciárias deve constituir um sinal de alerta para a implementação de medidas eficazes que visem promover factores de protecção e de resiliência.

Conforme foi mencionado na secção do delineamento, para a colecta de dados deste estudo, inicialmente havia sido projectada a utilização da “Ficha Individual de Readaptação do Recluso”, porém evitou-se a sua utilização devido a alguns problemas encontrados no terreno:

1. Dificuldades de localização de fichas individuais de readaptação devido à fraca organização do banco de dados do Sector de Acção Social das penitenciárias. Em alguns casos os reclusos não possuíam a respectiva ficha.
2. Informações contraditórias entre os dados constantes nas fichas e os da “Certidão de Sentença e Liquidação da Pena”. Assim, optou-se pela Certidão de Sentença e Liquidação da Pena” por ser um documento oficial assinado pelo juiz ou juíza que determinou a condenação. Porém, pela sua natureza, a certidão não contém alguns dados que seriam importantes para o estudo.

Em função desta realidade, deve-se adoptar mecanismos que permitam o seu preenchimento adequado, de modo que constem informações fidedignas. Verificou-se também que nos processos individuais dos reclusos não consta a cópia do Bilhete de Identidade ou um outro documento oficial de identificação individual. Esta realidade coloca em causa a confiabilidade da informação sobre a idade dos mesmos. Verificou-se que em muitos casos a ficha é preenchida apenas no momento da entrada do detido e depois arquivada, não se registando as situações posteriores sobre a vida do recluso durante o cumprimento da pena. O modelo de “Ficha Individual de Readaptação do Recluso” é o mesmo para todos, havendo deste modo a necessidade de se repensar sobre a pertinência da sua diversificação em função das especificidades dos reclusos. Por exemplo, justifica-se a criação de uma ficha diferente para os jovens mais novos.

Finalmente, afirmar que a compreensão das características biossociodemográficas dos jovens em situação de reclusão pode subsidiar programas de intervenção psicossocial que possibilitem um acompanhamento adequado dos mesmos durante o cumprimento da pena, e no processo de reintegração social. É importante que se realizem estudos futuros, de amostras maiores, contendo números significativos de homens e mulheres, de modo que se apresentem evidências com possibilidades de generalização. Pesquisas que envolvam um número considerável de mulheres são particularmente importantes, já que a literatura aponta para a tendência de generalização da informação sobre a dinâmica do comportamento criminal para ambos sexos, tendo se baseado em amostras maioritariamente masculinas (Brennan et al, 2012).

CAPÍTULO III

Estudo 2. Motivações do Comportamento Infractor e Perspectivas do Futuro de Jovens em Situação de Reclusão – Uma Perspectiva Bioecológica

A literatura e as pesquisas empíricas têm procurado responder à pergunta: Porquê os jovens e as pessoas em geral se envolvem no cometimento de actos infraccionais? Procuram identificar e descrever as suas “causas” ou analisar os factores de risco vistos como predictores do comportamento anti-social. Krug, Mercy, Dahlberg, Zwi, e Lozano (2002); Reppucci, Fried, e Schmidt (2002) descreveram nos seus trabalhos o fenómeno da violência nos jovens e coincidiram na apresentação dos níveis em que essas causas e/ou factores podem ser discutidos: individual; das relações com o ambiente imediato; comunitário; e o social geral.

O nível individual compreende os aspectos pessoais que afectam a forma como o indivíduo se comporta e que podem aumentar a possibilidade da pessoa ser vítima ou perpetradora da violência: idade, educação, desordens de personalidade, uso de drogas, histórico de convivência ou envolvimento em situações de violência (Krug, Mercy, Dahlberg, Zwi, & Lozano, 2002). Inclui também aspectos biológicos, cognitivos e emocionais (Reppucci, Fried & Schmidt 2002). Para estes últimos autores, a acumulação de factores de risco individuais presumem o aumento da ocorrência da violência e agressividade, especialmente quando associados a factores de risco contextuais.

O nível das relações com o ambiente imediato consiste na interacção com os contextos próximos de contacto do indivíduo como a família, a vizinhança, a escola, o grupo de amigos. Krug et al. (2002) afirmaram que ter amigos que se envolvem em violência pode aumentar a probabilidade de jovens serem vítimas ou perpetradores da violência, o mesmo se pode dizer em relação à família e vizinhança. Factores escolares como níveis de violência que nela ocorrem, currículos considerados irrelevantes pelos alunos, fraco comprometimento destes com a escola, rácio professor-alunos elevado, têm sido relacionados com ocorrência deste fenómeno no ambiente escolar.

O nível comunitário compreende constrangimentos como a pobreza, discriminação racial e desigualdades que resultam em injustiça, privação e frustração; e venda e consumo de drogas (Reppucci et al., 2002). Por último, os factores sociais gerais que podem estimular ou inibir a violência enquadram a resposta do sistema de justiça, normas sociais e culturais sobre o género,

tolerância da sociedade à violência, meios de comunicação social, e a instabilidade política (Krug et al., 2002).

Uma revisão de publicações científicas sobre os factores de risco para a conduta infraccional em adolescentes foi realizada por Gallo e Williams (2005). Estes autores consideram os indivíduos que violam as normas sociais, tal como no caso dos adolescentes em conflito com a lei, como sendo pessoas expostas a diversos factores de risco pessoais, familiares, sociais, escolares e biológicos. Segundo eles, inúmeras pesquisas se referem aos seguintes factores: baixos níveis de afecto na família; pouca coesão e ausência de monitoramento das actividades dos filhos; indiferença generalizada e vínculo pouco afectivo nas relações interpessoais, nível socioeconómico baixo; associação com pessoas agressivas e usuários de drogas; história comportamental de exposição a situações de risco, problemas familiares, presença de psicopatologias e problemas escolares; factores fisiológicos e cognitivos.

Um estudo semelhante foi realizado por Nardi e Dell’Aglia (2010), que em revisão da literatura sobre a delinquência juvenil, referiram-se aos factores de risco que envolvem características individuais e ambientais. As autoras citaram estudos que mencionaram factores de risco individuais relacionados ao género, problemas genéticos, carência de habilidades sociais e intelectuais, dificuldades em controlar as emoções. Nas características ambientais foram mencionados o baixo nível socioeconómico, a ausência de apoio social, situações de vida estressantes, consumo de drogas, a evasão e o baixo rendimento escolares, vivência de situações de violência na família, na escola e na comunidade.

A questão do comportamento infractor deve ser também analisada na perspectiva dos factores de protecção vistos como influências que modificam, melhoram ou alteram respostas pessoais a determinados riscos de desadaptação (Morais & Koller, 2004). Repucci et al. (2002) referiram-se a estes factores, indicando que aspectos de nível individual, das relações com o ambiente imediato, do nível comunitário e social geral, quando presentes como situações positivas podem evitar ou controlar o comportamento infractor em jovens. Afirmaram, por exemplo, que a existência de diálogo entre os pais e as crianças e o forte envolvimento no acompanhamento da vida ao longo da adolescência, protege-os do envolvimento em situações de delinquência. O mesmo acontece em relação à qualidade das relações no contexto familiar, pois podem ser mais sólidas e positivas e ter possibilidades de exercer controle sobre o comportamento dos adolescentes. Costa e Assis (2006) citaram vários estudos que se referiram aos vínculos familiares fortes, êxito escolar, apoio mútuo, capacidade de tomar decisões, rotinas

organizadas, compartilhamento de sentimentos, responsabilidade, auto-estima e competência; como factores de protecção mais significativos ao desenvolvimento de adolescentes. Nardi e Dell'Aglio (2010) mencionaram a existência de uma rede de apoio social e afectiva, relações próximas com a família como factores que podem auxiliar os adolescentes a não entrarem no mundo delinvente ou ajudá-los a sair dessa trajectória. Por outro lado, segundo estas autoras, características individuais como tranquilidade pessoal, sentido de conformismo em relação à realidade social, podiam contribuir nessa direcção.

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano: Um Modelo para a Análise das Motivações do Comportamento Infractor e das Perspectivas do Futuro de Jovens em Situação de Reclusão

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner descreve o processo de formação do comportamento nos seres humanos em diferentes momentos do ciclo vital, sendo a sua perspectiva importante para a compreensão do acto infraccional e do desenvolvimento de projectos pessoais ao longo da vida. Na sua vasta obra destacou a necessidade de se compreender o indivíduo dentro do seu contexto de vida, da interacção recíproca com os elementos da sua cultura, e dos acontecimentos concretos do quotidiano (Bronfenbrenner, 1999, 2000, 2005a, 2005b; Bronfenbrenner & Morris, 1998). Assim, a exploração dos fundamentos desta perspectiva teórica permitiu o estabelecimento da conexão entre os aspectos individuais de desenvolvimento dos jovens, o seu histórico de vida nos diferentes sistemas de interacção social e o comportamento delituoso. A teoria possibilitou também a compreensão do processo de construção do futuro por parte deste grupo.

Na perspectiva bioecológica, o desenvolvimento é definido como um fenómeno de continuidade e mudança nas características biopsicológicas dos seres humanos, tanto como indivíduos assim como grupos, ao longo do ciclo vital (Bronfenbrenner, 2005a). Para a compreensão do processo do desenvolvimento humano há que tomar em consideração a importância dos aspectos objectivos (externos/ambientais) e subjectivos (sentimentos e experiências pessoais) na direcção do percurso do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 2005a). Conforme o autor, nenhum deles é auto-suficiente, salientando a ideia da sua complementaridade. De acordo com Bronfenbrenner (2005a), para que o desenvolvimento ocorra é fundamental que se desencadeie uma interacção recíproca entre o organismo humano biopsicológico e as pessoas, objectos e símbolos existentes no seu meio externo. Estas

proposições são fundamentais para a compreensão da natureza interactiva que Bronfenbrenner atribuiu ao seu modelo explicativo do desenvolvimento humano. Portanto, a interpretação do comportamento humano deve ser feita tomando em consideração o processo de interacção entre o sujeito e o seu meio.

Na Teoria Bioecológica, se destacam quatro construtos através dos quais se explica o processo do desenvolvimento humano, nomeadamente: o Processo, a Pessoa, o Contexto e o Tempo (PPCT). Para Bronfenbrenner e Morris (1998), o processo de desenvolvimento humano se deve fundamentar nestes quatro componentes, que apresentam características dinâmicas e interactivas entre eles. Estes construtos apresentam subsídios importantes para a explicação do comportamento humano, tanto os considerados normais assim como os anormais. Em seguida se descreve o conteúdo de cada um deles.

Processo

Segundo Bronfenbrenner e Morris (1998), o Processo enfatiza as formas particulares de interacção do organismo com o ambiente, designados processos proximais. Eles envolvem tanto interacções interpessoais assim como com objectos e símbolos (Bronfenbrenner, 1999). Para Bronfenbrenner e Morris (1998), a forma, a força, o conteúdo e a direcção dos processos proximais variam em seu efeito sobre o desenvolvimento como uma função conjunta das características biopsicológicas da pessoa, do ambiente, da natureza dos resultados sobre o desenvolvimento, das mudanças e continuidades sociais ao longo do tempo e do período histórico em que a pessoa viveu.

Cinco aspectos foram destacados por Bronfenbrenner (1999) ao abordar este constructo, a saber: 1. Para que o desenvolvimento ocorra, a pessoa deve estar engajada em uma actividade; 2. Para que a actividade/interacção seja efectiva, deve acontecer em um processo regular, e não ocasional, através de períodos longos de tempo; 3. As actividades devem ser progressivamente mais complexas, deste modo é fundamental um período longo de tempo; 4. Para que os processos proximais sejam efectivos devem ser bidireccionais; 5. Para que a interacção recíproca ocorra, os objectos e símbolos presentes no contexto imediato devem estimular a atenção, exploração, manipulação, elaboração, e imaginação da pessoa. Portanto, os processos proximais envolvem uma transferência de energias entre o indivíduo em desenvolvimento e as outras pessoas, objectos e símbolos de um contexto específico; e actuam como motores do desenvolvimento (Bronfenbrenner & Evans, 2000).

Conforme Bronfenbrenner e Evans (2000), estes processos podem produzir efeitos de competência e de disfunção nas diferentes esferas da personalidade. Os efeitos de competência correspondem a aquisição e desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e capacidades para conduzir e direccionar o seu próprio comportamento. Os efeitos de disfunção referem-se as dificuldades recorrentes de manter o controle e a integração do comportamento. A qualidade do contexto é fundamental para que ocorra um ou outro efeito (Bronfenbrenner, 1999). Em meios marcados por privações de vária ordem, desorganização e instabilidade, as manifestações de desajustamento tendem a ser frequentes e severas. Naqueles em que há muita disponibilidade e estabilidade ocorrem manifestações de ajustamento, ou as de desajustamento são menos intensas (Bronfenbrenner, 1999).

Pessoa

Para Bronfenbrenner e Morris (1998), a Pessoa é constituída pelas características determinadas biopsicologicamente e aquelas construídas na interacção com o ambiente. As características da pessoa são tanto produtoras como produto do desenvolvimento/comportamento, constituindo um dos elementos que influenciam a forma, a força, o conteúdo e a direcção dos processos proximais. Estes autores apresentaram três grupos de características pessoais, nomeadamente: características de disposição, recursos bioecológicos, e características de demanda. O primeiro grupo refere-se às disposições comportamentais activas, que podem colocar os processos proximais em movimento, ou podem interferir activamente, dificultando ou impedindo que tais processos ocorram. Segundo Bronfenbrenner e Morris (1998), elas podem ser características generativas ou inibidoras. As características generativas envolvem orientações activas, como tendência para engajar-se em actividades e autoeficácia; as características inibidoras constituem a dificuldade da pessoa manter o controle sobre as suas emoções e comportamentos.

Os recursos bioecológicos correspondem às habilidades, experiências, conhecimentos e competências necessárias para um funcionamento efectivo dos processos proximais num determinado estágio do desenvolvimento (Bronfenbrenner & Morris, 1998). É importante realçar que limitações no funcionamento destes elementos podem igualmente afectar os processos proximais. Finalmente, as características de demanda se referem aos atributos pessoais capazes de facilitar ou impedir reacções do ambiente social, inibindo ou favorecendo a operação dos processos proximais no crescimento psicológico. Concluindo, Bronfenbrenner & Morris (1998)

mencionaram também as características demográficas de idade, género e etnia como influenciando os processos proximais. Segundo eles, a combinação de todas as características em cada pessoa produzirá diferenças na direcção e força dos processos proximais e seus efeitos no desenvolvimento.

Contexto

O contexto é constituído por um conjunto de estruturas relacionadas entre si: o microsistema, o mesossistema, o exossistema e o macrosistema (Bronfenbrenner, 2005b; Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner & Morris, 1998). São estruturas dinâmicas, relacionadas entre si, e à soma de todas elas Bronfenbrenner (1999) designou de contexto ecológico. É nos contextos ecológicos onde ocorre o processo de formação, mudança e desenvolvimento do comportamento, através da interacção entre o sujeito e os objectos, símbolos e situações em sua volta.

O microsistema compreende actividades, papéis sociais e relações interpessoais experienciadas pelo indivíduo através de um contacto directo com as mesmas (Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner & Morris, 1998). Ele integra os contextos nos quais o indivíduo passa a maior parte do tempo e nela interage, tais como a família, a escola, o local de trabalho, o grupo de amigos, entre outros.

O mesossistema está relacionado à premissa da teoria bioecológica de que o desenvolvimento resulta de forças provenientes de múltiplos contextos e das relações entre os mesmos (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Assim, a inter-relação entre dois ou mais microsistemas corresponde ao que Urie Bronfenbrenner designou de mesossistema. Em poucas palavras, é um sistema de dois ou mais microsistemas (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

O exossistema foi definido como relações e processos que ocorrem entre dois ou mais contextos, dos quais em pelo menos um não pertence o indivíduo, mas cujos eventos que nele ocorrem influenciam indirectamente na sua vida (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Portanto, o exossistema corresponde às situações com as quais o indivíduo não tem um contacto directo, mas que exercem influências indirectas importantes no seu desenvolvimento e comportamento. O exemplo frequente que tem sido apresentado é o dos acontecimentos no contexto de trabalho dos pais, que indirectamente podem influenciar a vida dos seus filhos.

Por último, está o macrosistema, que compreende a estrutura social mais ampla como a cultura e sub-cultura, na qual as pessoas partilham sistemas de valores ou crenças, recursos e

trocas sociais (Bronfenbrenner, 2005b). Ele integra os processos estáveis relacionados às formas de organização social, ao estilo de vida, que resultam em similaridades no contexto em que determinado grupo de indivíduos se encontra, estimulando que o seu comportamento seja relativamente igual (Bronfenbrenner, 2005b). O macrosistema envolve todos os outros sistemas, influenciando-os e recebendo influências dos mesmos.

Existem outros dois conceitos explorados por Urie Bronfenbrenner e que estão relacionados a processos contextuais: transição ecológica (Bronfenbrenner, 2005b) e sistemas caóticos (Bronfenbrenner & Evans, 2000). A transição ecológica se refere a passagem do indivíduo para um novo contexto ecológico, os exemplos da entrada para a escola, para o mercado de trabalho, mudança de emprego, o casamento, entre outros (Bronfenbrenner, 2005b). Estas mudanças têm consequências na pessoa em desenvolvimento, pois envolvem-o em novas actividades e estruturas sociais (Bronfenbrenner, 2005b). Os sistemas caóticos são caracterizados por instabilidades frequentes no contexto, interrupções sistemáticas nos processos proximais, imprevisibilidade nas actividades diárias e ambientes turbulentos. Esta realidade afecta negativamente o processo do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner & Evans, 2000).

Tempo

O Tempo permite a análise das mudanças e continuidades que ocorrem ao longo da vida e integra o micro, meso e macro tempo (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Este factor pode ser interpretado em termos de percurso individual de vida, e de períodos históricos presenciados pela pessoa (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Em função destes autores, as mudanças que acontecem podem provocar transformações desenvolvimentais significativas em dois sentidos: no primeiro, se pode afectar as mudanças normativas ao longo da vida, comprometendo o processo de aprendizagem das experiências consideradas importantes para os períodos posteriores do desenvolvimento. No segundo sentido, contrariamente, elas podem oferecer ao indivíduo oportunidades desafiadoras que possam fortalecer o seu desenvolvimento psicológico.

Um aspecto importante é o relacionado com os níveis de estabilidade, consistência e previsibilidade ao longo do tempo nos sistemas que compõem a teoria bioecológica. Situações de extrema rigidez, por um lado, ou de extrema desorganização, por outro, podem representar sinais negativos para o desenvolvimento psicológico do indivíduo (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Em termos de pesquisa, este aspecto chama a atenção para a necessidade de se fazer uma avaliação dos níveis de estabilidade *versus* instabilidade relacionados às características do

processo, pessoa, e contexto, em cada um dos níveis do sistema ecológico (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

A partir do factor tempo, foram abordadas as perspectivas do futuro dos jovens condenados, analisando as suas projecções quanto aos aspectos relacionados à sua própria individualidade, aos processos proximais e ao contexto. De acordo com Bronfenbrenner (2005a), o desenvolvimento humano ocorre através da interacção entre o indivíduo com as outras pessoas, objectos e símbolos do seu contexto; tendo-se a partir deste princípio procurado compreender as expectativas deste grupo sobre o percurso de vida no período posterior ao cumprimento da pena. O entendimento da construção do futuro nestes jovens é particularmente importante, pois com a situação de privação da liberdade, o percurso normal de desenvolvimento fica afectado, podendo comprometer a materialização dos projectos típicos que se desenvolvem a partir da juventude.

Segundo explicou Neiva-Silva (2003), pensar sobre o futuro é algo extremamente presente na vida da maioria dos seres humanos, em diferentes fases do desenvolvimento, fazendo planos e elaborando perspectivas sobre os mais variados temas, especialmente aqueles relacionados às suas próprias vidas. Para Michener, DeLamater e Myers (2005), o que marca o fim da adolescência e o percurso da juventude é a conquista da independência, em suas transições sociais, como sair da casa dos pais, terminar a faculdade, entrar no mercado de trabalho, casar-se e ter a própria família. A questão que se coloca, neste contexto, e tomando em consideração a condição excepcional em que esta população se encontra, é saber como é que este factor é construído no seio dos mesmos.

A Teoria Bioecológica possibilita a compreensão do comportamento humano tomando em consideração a pessoa e as suas particularidades biopsicológicas, o processo de interacção humana, o contexto em que ela acontece, e a dimensão cronológica tanto dos processos individuais assim como sociais. Assim, ela oferece subsídios importantes que possibilitam uma leitura sobre o comportamento criminal numa forma geral, e dos jovens em particular. Permite também compreender o processo de construção de projectos individuais para o futuro. Com base nos seus construtos, se estudou a forma como os jovens descreveram o seu comportamento no passado, presente e futuro, e as interpretações sobre o contexto ecológico em sua volta. Os objectivos deste estudo foram de investigar as motivações do comportamento infractor, e caracterizar as expectativas do futuro expressas pelos jovens reclusos.

Método

Delineamento

O estudo foi qualitativo e exploratório, e baseou-se na entrevista semi-estruturada. A entrevista compreendeu questões sobre a vida antes da reclusão, o momento do cometimento da infração e as expectativas após o cumprimento da pena. Em função das informações fornecidas foi possível compreender a história pessoal de vida, descrever os fatores associados ao cometimento do crime e explorar os projetos individuais do futuro. Deste modo, foram coletadas informações sobre a história de vida de alguns jovens reclusos para explicar a sua trajetória criminal e explorar os projectos pessoais do futuro.

Participantes

Participaram do estudo seis jovens reclusos, duas do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Estes jovens foram seleccionados da amostra do Estudo 1, tendo sido observados os seguintes critérios de inclusão: ter cometido uma infracção que se pode considerar grave, registo de antecedentes criminais, idade menor no momento da condenação. Os participantes deviam responder a pelo menos um destes critérios. No processo de seleção dos participantes haviam apenas duas pessoas do sexo feminino que respondiam a pelo menos um dos requisitos, tendo sido automaticamente integradas na amostra. Quanto aos jovens do sexo masculino, dos 9 que haviam sido inicialmente identificados, foram seleccionados quatro que se julgou serem distintos e que seria possível obter informações ricas sobre a sua história de vida. Deste modo, através de casos particulares, julgou-se possível colectar informações significativas sobre as questões levantadas no Estudo 2.

Caracterização dos participantes

Em seguida se apresenta de forma resumida alguns dados sobre os participantes do estudo. Para preservar a sua privacidade foram usados nomes fictícios criados pelo pesquisador.

Palmira Ramos tinha 23 anos de idade no momento da entrevista, antes da condenação residia no bairro de Hulene “A” com o esposo e os familiares deste, e tinha um filho, com o qual vivia na penitenciária. Antes da condenação se ocupava dos trabalhos domésticos e frequentava a 10ª classe/série. Foi condenada a um ano e seis meses de prisão pelo crime de furto e na altura, no ano de 2011, tinha 22 anos de idade.

Celma de Carvalho tinha 25 anos de idade no momento da entrevista, residia no bairro do Alto-Maé com a mãe (o pai estava separado da mãe) e suas irmãs, tinha dois filhos (um rapaz e uma menina), e era desempregada. Teve um histórico de passagem pela escola, tendo posteriormente desistido. Ela foi condenada, em 2011, a quatro meses de prisão pelo crime de ofensas corporais e nesse momento tinha 24 anos. Era a sua segunda passagem pela penitenciária, a primeira condenação foi em 2007 (tinha 20 anos), quando lhe foi aplicada uma pena de cinco anos por compra de drogas ilícitas.

Almirante Samuel tinha 18 anos de idade no momento da entrevista, antes da prisão vivia no bairro da Mafalala com a tia. Ele tinha 16 anos quando cometeu a infração que o levou à cadeia, e nessa altura era um morador da rua. Almirante Samuel foi condenado pelo crime de roubo e sujeito a uma pena de quatro anos, em 2010. Era a primeira vez que entrava na prisão, mas já havia tido passagens pela esquadra (Delegacia da Polícia). Teve um histórico de frequência da escola, tendo concluído a 9ª classe/série, mas não deu continuidade.

Camilo Felizberto tinha 19 anos de idade no momento da entrevista, antes da condenação residia no bairro das Mahotas com os pais e os irmãos, era estudante e frequentava a 7ª classe/série. Ele cometeu o acto infraccional com 18 anos, e foi condenado à seis anos de prisão por violação sexual de uma menor, no ano de 2010.

Constâncio Julião tinha 20 anos no momento da entrevista, antes da condenação residia na Zona Militar (Bairro da Coop) com os pais e irmãos. Frequentou a escola no passado, mas desistiu na 4ª classe/série. Na altura da condenação não tinha ocupação, cometeu o crime de roubo e lhe foi atribuído uma pena de dois anos. Foi condenado em 2011 e tinha 19 anos. Era a segunda vez que passava pela prisão, a primeira foi em 2010 (tinha 18 anos), por sete meses, também pelo crime de roubo.

Dil Félix tinha 19 anos de idade no momento da entrevista, antes da condenação residia no bairro de Xipamanine em casa da tia, o pai e a mãe estavam separados. Ele tinha 18 anos quando cometeu a infração que o levou à prisão. No passado frequentou a escola, mas desistiu na 5ª classe/série, aquando da sua prisão não tinha ocupação. Foi condenado em 2011, quando tinha 18 anos, a quatro anos de prisão pelo crime de roubo.

Instrumento

Foi elaborado um roteiro de entrevista semi-estruturada (Anexo G), com o objectivo de incentivar os entrevistados a falarem de forma relativamente espontânea e detalhada sobre as suas experiências, sentimentos e pensamentos no período anterior à reclusão e no momento do cometimento da infracção. Por outro lado, a entrevista permitiu explorar as suas expectativas para a fase posterior ao cumprimento da pena. Em função das informações fornecidas, foi possível analisar os factores que explicam a motivação para o acto infraccional e descrever os projectos pessoais para o futuro.

Procedimentos

Procedimentos de colecta de dados

Em primeiro lugar submeteu-se uma carta formal à Direcção Nacional do Serviço Penitenciário para o acesso aos estabelecimentos prisionais e aos internados. Após a autorização foram contactados os reclusos para o início das entrevistas. Neste processo foram respeitadas as directrizes éticas estipuladas pela “*International Union of Psychological Sciences*” que dentre vários princípios, determinam o respeito pela dignidade de todos os seres humanos; a participação em pesquisas de forma voluntária; a salvaguarda da privacidade dos indivíduos, famílias, grupos e comunidades; e a confidencialidade da informação fornecida. Neste contexto, os entrevistados foram esclarecidos sobre os objectivos da pesquisa, a modalidade em que a entrevista ia decorrer, de modo que participassem de maneira informada. Portanto, todos os participantes aceitaram a entrevista de forma livre e consciente, e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido cujo conteúdo consta no Anexo H.

Em seguida procedeu-se o início das entrevistas, que decorreram entre o mês de Janeiro e a primeira semana de Março de 2012. Elas foram realizadas pelo pesquisador, individualmente com cada um dos participantes e fez-se a sua gravação. A duração média das sessões foi de 42 minutos, com uma duração mínima de 26 minutos e uma duração máxima de 71 minutos, cuja transcrição consta no Anexo I.

Procedimentos de análise dos dados

As entrevistas foram examinadas com base no procedimento qualitativo. Neste contexto, conservou-se a forma literal dos dados e enfocou-se no conteúdo e significado das unidades temáticas, nas relações entre elas, e entre as categorias criadas (Laville & Dionne, 1999). Para esse efeito foi utilizada a técnica de análise de conteúdo (Bardin, 1977; Laville & Dionne, 1999).

A análise de conteúdo consiste num conjunto de técnicas de análise das comunicações com base em procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens (Bardin, 1977). Com base nesta técnica é possível estudar minuciosamente o material bruto colectado, através das palavras e frases que o compõem, atribuição de significados e sentido, reconhecimento do essencial e das idéias principais (Laville & Dionne, 1999).

Para a operacionalização da técnica fez-se em primeiro lugar uma leitura aprofundada das entrevistas e, em seguida, o recorte do conteúdo das mesmas em unidades temáticas. As unidades temáticas estiveram em torno dos dois principais objectivos do estudo – descrever as motivações para o acto infraccional e as perspectivas do futuro dos jovens. Para cada uma delas foram criadas categorias, que consistiram em rubricas sob as quais se organizaram os elementos de conteúdo, agrupados por parentesco de sentido (Laville & Dionne, 1999).

Estabeleceram-se três unidades temáticas que permeiam o conteúdo das entrevistas: o quotidiano antes da condenação; as motivações para o acto infraccional; e as expectativas para o futuro. A primeira unidade temática integrou os aspectos do quotidiano dos entrevistados (ocupação, dificuldades do dia-a-dia, aspectos positivos que aconteciam), e o objectivo foi fazer uma retrospectiva de vida dos jovens no sentido de identificar os antecedentes que estariam associados ao acto infraccional. As categorias criadas para esta unidade temática foram as seguintes: ocupação, dinâmica de vida na família e no grupo de pares. A categoria ocupação incluiu as actividades realizadas por cada um dos jovens antes da condenação. A dinâmica de vida na família integrou todas as informações relativas à qualidade das relações neste microsistema, nomeadamente a presença ou ausência do suporte familiar, e a consistência das relações parentais. Quanto à dinâmica de vida no grupo de pares, constaram dados sobre o tipo de influência que acontecia e o seu impacto no percurso individual do jovem.

A segunda unidade temática consistiu nas explicações evocadas para o cometimento do delito. Além das explicações para o acto individual, constaram as percepções dos participantes sobre as motivações do comportamento criminal dos jovens em geral. As categorias desta unidade temática foram: satisfação de necessidades materiais e afectivas, consumo de bebidas alcoólicas e outras drogas, e desemprego. A categoria satisfação de necessidades materiais e afectivas abarcou os aspectos relacionados ao suprimento das necessidades básicas do indivíduo, evocadas como móveis da acção delituosa. O consumo de bebidas alcoólicas e outras drogas incluiu informações que relacionaram o acto infraccional com o uso de substâncias psicoactivas. Quanto ao desemprego, constaram os pronunciamentos que indicaram a falta de oportunidades

para o exercício de actividades remuneradas como estando na origem da violação da lei. Por último, a terceira unidade temática incluiu informações sobre os projectos individuais após o cumprimento da pena. Foram criadas as categorias reintegração na família, reintegração na escola, procura de emprego e desenvolvimentos de projectos pessoais. Estas categorias abarcaram as falas sobre a preocupação em restabelecer os vínculos familiares, em retomar a actividade de formação, em conseguir colocação no mercado de trabalho, e em materializar ambições individuais de ter casa própria, casar-se e constituir família.

A criação das categorias seguiu o modelo aberto (Laville & Dionne, 1999) em que elas emergiram no decurso da análise do conteúdo das entrevistas. Portanto, trata-se de categorias a posteriori. A seguir se apresenta a Tabela 11 contendo as unidades temáticas e as categorias que emergiram das entrevistas.

Tabela 11

Unidades Temáticas e Categorias das Entrevistas

Unidades temáticas	Categorias
Quotidiano antes da condenação	Ocupação
	Dinâmica de vida na família
	Dinâmica de vida no grupo de pares
Motivações para o acto infraccional	Satisfação de necessidades materiais e afectivas
	Consumo de bebidas alcoólicas e outras drogas
	Desemprego
Perspectivas para o futuro	Reintegração na família
	Reintegração na escola
	Procura de emprego
	Desenvolvimento de projectos pessoais

Resultados e Discussão

Quotidiano antes da condenação

Nesta unidade temática procurou-se compreender o contexto de vida dos jovens nos diferentes microssistemas. Para este efeito, na entrevista lhes foi solicitado que falassem sobre as actividades diárias, os acontecimentos positivos e negativos, e as dificuldades que marcavam as suas vidas. Das respostas apresentadas, foram criadas as categorias ocupação, dinâmica de vida na família e no grupo de pares.

Quanto à ocupação, dois jovens frequentavam a escola e os restantes estavam expostos a situações que se podem considerar de risco para o cometimento de infracções. As falas que se seguem ilustram o nível de exposição à adversidades em que os entrevistados se encontravam:

“Antes de entrar na prisão vivia com os meus pais e continuo vivendo com eles. Antes de entrar na prisão nada fazia, era desempregada. Tive um namorado no passado, tenho dois filhos, um rapaz e uma menina.” (Celma de Carvalho).

“Fui preso quando morava praticamente na rua.” (Almirante Samuel).

“Diariamente era só fumar, não fazia mais nada, eu era dependente da droga, roubava, assaltava pessoas na rua...eu era mesmo dependente, não conseguia deixar a droga, praticamente para deixares a droga tens que entrar aqui na cadeia . . .” (Constâncio Julião).

“Antes não fazia nada, com amigos apenas roubávamos, roubávamos telemóveis, bolsas e dinheiro.” (Dil Félix).

A situação de desemprego, de vida na rua, de consumo de drogas e de envolvimento em roubos pode ser explorada na perspectiva dos sistemas caóticos descritos por Bronfenbrenner e Morris (2000). Os sistemas caóticos são caracterizados por privações psicossociais, instabilidade e rupturas nos processos proximais, turbulências, permitindo que as manifestações de desajustamento apareçam com frequência e de forma severa (Bronfenbrenner, 1999). Estas realidades constituem potenciais factores de risco individuais e sociais para o envolvimento em actos de violência (Gallo & Williams, 2005; Krug et al., 2002; Nardi & Dell’Aglia, 2010).

Um elemento que se julga importante mencionar é o facto de todos os participantes terem, no passado, frequentado a escola, mas esse percurso foi interrompido precocemente. Com excepção de dois jovens, que até a data do cometimento do crime estavam ligados à escola, os

restantes já haviam se desvinculado dela anteriormente. O abandono do processo escolar, numa fase em que ela constitui uma actividade de desenvolvimento característica da adolescência e juventude é um factor de risco para a adopção de comportamentos anti-sociais e, em certa medida, pode estar associado à situação de vulnerabilidade deste grupo. A dificuldade de adaptação no microsistema escolar tem sido mencionada como uma das características dos jovens em conflito com a lei (Krug et al. 2002; Gallo & Williams, 2005). Porém, estes autores também analisam esta questão no sentido inverso, isto é, a possibilidade da escola não apresentar propostas curriculares e níveis de organização que satisfaçam as expectativas dos estudantes, provocando neles um sentimento de desilusão.

No que diz respeito à dinâmica de vida na família, foram analisados os relatos de quatro participantes que forneceram informações detalhadas para a discussão desta categoria. Três realidades sobressaíram nas entrevistas: a primeira foi a importância do suporte e consistência familiar no bem estar psicossocial. Os jovens referiram-se aos momentos de apoio familiar e de prevalência da coesão como aspectos positivos em suas vidas. A segunda consistiu na presença de processos dicotômicos. Em dois jovens, apesar do suporte familiar percebido, o comportamento infrator prevaleceu. Por último, em outros dois participantes, o ambiente familiar adequado prevaleceu apenas numa fase das suas vidas, tendo em seguida se verificado rupturas que afetaram os seus destinos. As falas que se seguem sustentam estas interpretações:

“Eu gostava de ficar com o meu filho, para mim era a pedra preciosa que eu tinha na minha vida; minha mãe, meus pais, minhas irmãs, aos fins de semana saíamos juntas para divertir, só que depois comecei a desligar-me delas por causa das drogas.” (Celma de Carvalho).

“Minha mãe me chamava sempre atenção, o meu pai levou-me para a província de Tete, onde está a residir neste momento por razões profissionais, continuei com os mesmos problemas e acabei voltando de novo aqui para Maputo. . . .Coisa boa é o apoio que recebia da minha família, apoiava-me nos momentos em que eu precisava de ajuda, suportava a matrícula para a escola. . . .” (Constâncio Julião).

“Tive problemas de relacionamento com a minha tia, porque há vezes em que a minha tia se zangava comigo por chegar tarde à casa e ela não abria a porta para mim, não me incluía no jantar nem no pequeno almoço e isso me deixou muito perturbado no meu coração e daí decidi ficar na rua. . . . Também vivi coisas boas com os meus avós, com a minha mãe e com o meu pai, mas logo que o meu pai viajou para Beira tudo virou sofrimento . . .” (Almirante Samuel).

“Sou um jovem que gostava muito de estar com o meu pai e a minha mãe em casa, o meu primeiro amigo na vida foi o meu pai, ele me ensinava a trabalhar, me ensinava a pintar a casa, jardinagem, só que o meu pai e a minha mãe separaram-se e ele foi viver com outra esposa numa outra casa. Fiquei sem amigo, ia a casa do meu pai e voltava, ia a casa do meu pai e voltava... mas chegou um certo momento em que me cansei porque era distante.” (Dil Félix).

Portanto, como se pode notar, em algum momento da vida destes jovens a família foi percebida como tendo um papel afectivo importante. Nalguns casos, apesar desta percepção, o comportamento antissocial manteve-se. As separações de alguns jovens com os seus cuidadores importantes afectou o rumo das suas vidas. Na Teoria Bioecológica, Bronfenbrenner (1999, 2005b) explicou o papel dos contextos ecológicos, onde se integra o microsistema familiar, nos processos humanos. Segundo o autor, é neles onde ocorre a formação, mudança e desenvolvimento do comportamento, através da interação entre o sujeito e os objectos, símbolos e situações em sua volta. O microsistema familiar foi descrito pelos jovens como um elemento importante para o seu bem estar afectivo e social. O fato de se ter associado o suporte parental e a coesão aos aspectos positivos de vida dos participantes demonstra o seu significado para as populações em desenvolvimento. Porém, quando nele surgem problemas o processo de desenvolvimento pode ser afetado conforme se pôde notar em alguns jovens.

Esta situação explica-se pelo conteúdo dos processos proximais e do contexto em que eles ocorrem. Para que os processos proximais sejam efetivos é fundamental que aconteçam em contextos cuja qualidade de vida favorece o desenvolvimento de comportamentos socialmente aceites (Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner & Morris, 1998). Deste modo, contextos familiares marcados por estabilidade e consistência nas relações entre os seus membros podem propiciar o desenvolvimento de comportamentos ajustados, havendo possibilidades de ocorrer o contrário em ambientes instáveis (Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner & Evans, 2000). Porém, importa realçar que a presença ou ausência de processos proximais sólidos no microsistema familiar não implica automaticamente a ocorrência de comportamentos ajustados ou desajustados. Conforme as falas de alguns jovens, havia o sentimento de suporte afetivo da família, mas o comportamento antissocial persistiu. Este fenómeno tem um enquadramento na ideia de mesossistema em que o desenvolvimento é explicado como resultando de forças provenientes de múltiplos contextos e das relações entre os mesmos (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

A última categoria da unidade temática quotidiano antes da condenação foi a dinâmica de vida no grupo de pares. Nesta categoria analisou-se os tipos de influências que aconteciam e o seu impacto no percurso individual do jovem. Foi notória a força da influência de outrem e mútua para o desenvolvimento de comportamentos de risco, conforme se pode notar nos relatos que se seguem:

“Eu tive amizades que estragaram a minha vida, o meu primeiro marido, pai do meu primeiro filho, envolveu-me nas drogas, e para mim é por causa das drogas que me encontro neste lugar. . .” (Celma de Cravalho).

“. . . Encontrei um amigo, ele vinha brincar na minha zona, eu brincava com ele, ele levou-me à cidade para darmos algumas voltas, e eu não sabia que ele roubava coisas do dono, ele me ensinou a roubar e chegou um certo momento que abandonei a casa e comecei a viver na rua. . .” (Almirante Samuel).

“. . . Comecei fumando cigarros na escola com amigos . . . Eu e os meus amigos assaltávamos residências. . .” (Constâncio Julião).

“. . . Comecei a envolver-me com os meus amigos, em casa já não fazia os trabalhos, a minha mãe falou comigo dizendo que devia fazer os trabalhos, chegou um momento em que eu já não queria ouvir nada de escola, fiquei sem ir à escola, fiquei sem trabalhar em casa, e fiquei sem ouvir nada, eu já não queria ouvir nada de ficar em casa . . .” (Dil Félix).

O grupo de pares é um microsistema que exerce uma forte influência sobre o comportamento dos seus integrantes devido à força dos processos proximais que nele ocorre. Bronfenbrenner e Morris (1998) referiram-se ao efeito do conteúdo, da força e direcção dos processos proximais no desenvolvimento dos indivíduos. Conforme se pôde notar, as relações e influências entre os jovens foram caracterizadas por comportamentos de risco, tendo contribuído para que se transformasse em *modus vivend* de cada um deles. Esta interpretação foi referida também por Krug et al. (2002) ao afirmarem que ter amigos que se envolvem em violência pode aumentar a probabilidade de jovens desenvolverem os mesmos comportamentos.

Motivações para o acto infraccional

A segunda unidade temática foi sobre as motivações para o acto infraccional. Foram exploradas as explicações para o delito individual, e o ponto de vista dos participantes sobre as causas do comportamento criminal dos jovens em geral. As categorias criadas foram: satisfação

de necessidades materiais e afectivas, consumo de bebidas alcoólicas e outras drogas, e desemprego.

As motivações para o acto infraccional estiveram em torno da busca pela satisfação das necessidades, particularmente as básicas ou de sobrevivência. Um aspecto que sobressaiu nos jovens do sexo masculino é o facto de terem estado sob efeito de bebidas alcoólicas e outras drogas no momento do delito. Os relatos que se seguem correspondem à categoria satisfação de necessidades materiais e afectivas:

“O crime que eu cometi (...) levei o cartão do banco do meu pai e fui tirar dinheiro (...) eu acho que foi (...) precisava de dinheiro e não pensei noutra forma de conseguir senão essa (...). Eu acho até que poderia ter pedido, mas não pensei nisso.” (Palmira Ramos).

“Tinha um vizinho no Alto Maé e ele era meu amante, e a namorada ou mulher dele encontrou-nos juntos no carro e ela veio para o meu lado para fazer confusão comigo, pegou numa garrafa de cerveja atirou para mim e felizmente consegui esquivar-me dela, peguei na mesma atirei-a contra ela e aleijei-a. . . . Assim tudo acabou terminando com a minha prisão. . . . “É que naquele momento a gente nunca controla os nervos (...) entendes (...).” Mas quando isso aconteceu não estavas sob efeito de álcool, droga? *“Não (...) estava sob efeito de amores”.* (Celma de Carvalho, falando sobre a segunda condenação).

“Eu estava numa barraca a beber cerveja, de repente surgiram duas moças fora da barraca, então saí e peguei as duas, uma conseguiu escapar e fugiu, levei aquela para a casa da minha tia onde eu tinha um quarto só meu, sozinho, no bairro das Mahotas. Cheguei, meti a ela no quarto, quis falar com ela, mas ela não queria, então peguei a ela à força...e depois ela dormiu comigo nesse dia.” (Camilo Felisberto).

“O que me levava no fundo a cometer crimes era por falta de algo, porque de facto eu já tinha muitos vícios, vício de beber, vício de fumar, vício também de querer comer, e vício de querer vestir também. Para adquirir essas coisas era necessário ter algum dinheiro no bolso, mas para adquirir o tal dinheiro não era fácil, isso é que me levava às vezes estragar as coisas dos outros, porque eu roubava faróis, roubava espelhos, abria carros do dono, assaltava as pessoas de qualquer maneira. Isso é que me levou a cometer esses actos para satisfazer as necessidades que expliquei.” (Almirante Samuel).

Explicar que devido a associação entre diferentes necessidades, é difícil estabelecer uma separação rígida uma da outra, pois elas permeiam-se entre si. Por exemplo, a busca pelo álcool ou outra droga podia ser abordada nas necessidades materiais, mas pelo facto deste aspecto ter sido recorrente na maior parte dos entrevistados decidiu-se em tratá-lo separadamente. As falas que se seguem referem-se à associação que se estabeleceu entre o consumo de substâncias psicoactivas e o acto delitivo:

“A minha detenção e posterior condenação esteve relacionada à compra de drogas. Fui à casa de uma moça vendedora de drogas, comprei e quando estava caminhando fui interpelada pela Polícia que me revistou e encontrou a droga e o tubo que usava para consumi-la.” (Celma de Carvalho, falando sobre a primeira condenação).

“. . . Eu roubava bem com a agitação da bebida, mas sem bebida alcoólica eu rejeitava todos os convites para cometer maldades . . .” Bebias apenas, não consumias drogas? *“Eu (...) drogas consumi, mas depois eu bebia.”* Quais são as drogas que tú consumias? *“Soruma, cigarro, dieseapan . . .”* (Almirante Samuel).

Por que é que tu procedeste desta maneira? *“Não sei dizer (...) eu acho que foi o álcool. Foi o álcool porque lúcido eu nunca imaginava fazer isso.”* (Camilo Felisberto).

“Sem consumir droga, sem nada na cabeça não consigo agir, mas quando fumo droga ganho coragem de me apropriar de bens alheios, consigo ameaçar as pessoas e levar os seus bens (...) eu sou dependente da droga.” (Constâncio Julião).

“O que me fez fazer isso nesse tal dia (...) eu estava muito drogado de bebida, quase a minha droga é a bebida, porque fumar já estou a seis anos sem fumar, eu fumava lá fora, só que deixei desde a sociedade civil, a única droga é bebida, o que me fez fazer esse tipo de coisa nesse tal dia foi bebida. Quando eu não estou drogado com bebida, com o álcool não, não faço essas brincadeiras, não faço, tremo muito, tenho medo de fazer esse tipo de coisas.” (Dil Félix).

A categoria desemprego emergiu das falas sobre as motivações para o cometimento de infracções dos jovens em geral. Os entrevistados mencionaram o factor desemprego como uma explicação para o comportamento criminal, conforme se pode notar nos relatos que se seguem:

“Não há empregos para os jovens. . .” (Celma de Carvalho).

“ . . . É importante que se dê emprego, porque muitas vezes eles fazem aquilo na rua por falta de dinheiro para se sustentar . . . Se o governo fizesse a recolha de todos e desse emprego e possibilidades de habitação talvez se controlasse o problema.” (Almirante Samuel).

“Por parte dos jovens...falta de trabalho, deviam ser apoiados em trabalhos...se eu sair daqui e encontrar trabalho eu digo que não vou fazer aquilo que fazia dantes.” (Dil Félix).

Para além do desemprego, a questão do consumo de drogas, de problemas no contexto familiar, da ambição demasiada, foram também relacionados aos delitos entre os jovens. Como se pode notar, algumas destas questões foram levantadas anteriormente.

As motivações para o comportamento infractor estiveram relacionadas à satisfação de necessidades básicas de sobrevivência dos jovens. A supressão das mesmas exigia, na maior parte dos casos, a busca de recursos financeiros. Observando a situação individual, é notável o contexto de vulnerabilidade em que se encontravam. O primeiro elemento que se pode explorar é o construto pessoa, que compreende as características de disposição, de demanda e recursos bioecológicos (Bronfenbrenner & Morris, 1998). São jovens que se encontram num período sensível de desenvolvimento, estando deste modo numa situação de vulnerabilidade pessoal. Observando as idades no momento da condenação constata-se que a mínima foi de 16 e a máxima de 22 anos. Associada a esta realidade está a situação de vulnerabilidade social. O pertencimento a grupos envolvidos em furtos e roubos, ao consumo de bebidas alcoólicas e outras drogas, o desemprego, expõe os indivíduos a contextos caóticos nos quais o desenvolvimento humano tende a ser negativamente afectado devido à natureza dos processos proximais que nela ocorrem (Bronfenbrenner & Evans, 2000).

Portanto, a situação de vulnerabilidade pessoal e social pode propiciar a adopção de estratégias de satisfação das necessidades básicas de sobrevivência apoiadas em comportamentos de risco. Bronfenbrenner e Morris (1998) referiram-se ao efeito de disfunção que pode ocorrer em contextos de vulnerabilidade. Esse efeito consiste em dificuldades recorrentes do indivíduo de manter o controle e a integração do comportamento (Bronfenbrenner & Morris, 1998) favorecendo a manifestação de comportamentos desadaptativos, como os de risco. O consumo de álcool e outras drogas pela maior parte dos jovens constitui um comportamento de risco para acções delitivas. A questão das drogas e das bebidas alcoólicas deve ser vista também na perspectiva da busca de meios para a sua aquisição. A partir das falas dos entrevistados é possível identificar a contribuição das drogas para o cometimento do acto infraccional. O consumo de

drogas deve ser visto em termos dos seus efeitos no comportamento do indivíduo, e também na busca de recursos para a sua aquisição.

Um fenómeno importante a ser observado está relacionado às transições ecológicas (Bronfenbrenner, 2005b). Segundo o autor, estas mudanças têm consequências na pessoa em desenvolvimento, pois envolvem-o em novas actividades e estruturas sociais. Essas transformações podem, por um lado, afectar as mudanças normativas ao longo da vida, comprometendo o processo de aprendizagem das experiências consideradas importantes para os períodos posteriores do desenvolvimento. Por outro lado, podem oferecer ao indivíduo oportunidades desafiadoras que possam fortalecer o seu desenvolvimento psicológico. Tomando em consideração a fase de desenvolvimento dos jovens, as transições ecológicas deviam ser na direcção do contexto escolar ou do mercado de trabalho, porém eles tomaram o sentido contrário às expectativas que normalmente se têm para esta faixa etária. Por exemplo, o facto de terem passado uma parte das suas vidas no microssistema prisional pode ter implicações psicossociais negativas, conhecida a natureza desse contexto e dos processos proximais que nela ocorre.

Como se pôde notar nos relatos de alguns jovens, quando se abordou a questão da criminalidade juvenil numa forma geral, foi referido o problema do desemprego. Este é uma das características que se encaixa no conceito de sistemas caóticos enunciado por Bronfenbrenner e Evans (2000). Este é também um factor de vulnerabilidade que pode facilitar o surgimento de comportamentos de desadaptação nos jovens. Sendo a entrada para o mercado de trabalho uma das principais tarefas da juventude (Michener et al., 2005), o não alcance deste objectivo pode constituir um fator de risco no desenvolvimento psicossocial.

Concluindo, quanto às motivações para o acto infraccional, verificou-se que elas estiveram associadas à satisfação de necessidades básicas de sobrevivência dos jovens. A análise do processo da sua satisfação deve tomar em consideração o contexto de vulnerabilidade pessoal e social em que eles se encontravam. Esta realidade pode ter facilitado a adopção de comportamentos de risco para a sua satisfação. Questões sobre a faixa etária, de vínculos com microssistemas potencialmente de risco, o consumo de bebidas alcoólicas e de outras drogas podem explicar os actos delitivos cometidos. É importante salientar que a compreensão das motivações para o comportamento infractor deve ser vista desde o contexto maior de vida do indivíduo até à situação do cometimento do crime.

Perspectivas para o futuro

Nesta unidade temática explorou-se a opinião dos jovens sobre os projectos individuais após o cumprimento da pena. As categorias criadas foram: reintegração na família, reintegração na escola, procura de emprego e desenvolvimento de projectos pessoais. Foi notável nos entrevistados a preocupação com o futuro, como se pode depreender nos relatos que se seguem:

“Devo continuar a estudar para trabalhar, para ter o que eu gosto, que são muitas coisas, muito dinheiro, muitas coisas boas. . . . Para além de continuar a estudar, penso em ter a minha casa e cuidar do meu filho.” (Palmira Ramos).

“Tenho que mudar as amizades que tinha lá fora porque se for a envolver-me com as pessoas que consomem as drogas irei voltar à mesma situação, não falha.” (Celma da Costa).

“Eu como não tenho um nível académico o meu objectivo é sair daqui e procurar trabalho, sair da minha casa, ter a minha própria casa, conseguir construir a minha própria vida, ter uma vida bonita, ter os meus próprios filhos, ter um pequeno emprego, mesmo que seja ser tropa ou segurança, porque com o meu nível académico só posso conseguir isso aí, porque se eu continuar com a vida que levava dantes já não volto para aqui, só posso ir mesmo para o céu!” (Constâncio Julião).

“O que eu acho para mudar a minha vida é ter um bom emprego, estudar, viver feliz com a minha família, ter uma casa e viver com a minha família, é assim que eu acho que posso viver de hoje em diante. Por exemplo (...) logo que eu sair daqui chegarei em minha casa e pedirei perdão, daí tratarei dos meus documentos (não tenho bilhete de identidade, tenho apenas a cédula), tentarei pedir um empréstimo à minha mãe e ao meu tio para desenvolver algum negócio, é assim como eu penso.” (Almirante Samuel).

“Deixar de beber e me encaminhar para a escola (...) trabalhar também (...) trabalhar também indo para a escola (...) aí a minha vida pode mudar de verdade. Além disso posso ficar também em casa (...) o importante é respeitar a minha mãe e as minhas irmãs (...) assim vou me sentir que mudei. Em termos de apoio gostaria de ter ajuda da minha família, só que da parte do meu pai não tenho a certeza de que ele me vai apoiar, mas da parte da minha mãe tenho a máxima certeza de que ela vai me apoiar e as minhas irmãs também. Apoio em termos de trabalho!”. (Dil Félix).

Nas falas dos participantes é observável o interesse de retorno ao convívio social através da reintegração no contexto escolar, do restabelecimento dos vínculos familiares, da integração no mercado de trabalho e da efectivação de projectos pessoais. Foi também expressa a vontade do abandono do álcool e de outras drogas, a mudança de amizades e do comportamento em geral. Julga-se óbvio que em circunstâncias destas os jovens apresentem estes sentimentos, pois pensar no futuro é algo presente nas diferentes fases da vida dos seres humanos (Neiva-Silva, 2003). Porém, há que ressaltar a complexidade do processo de retorno à sociedade, pois a vontade individual pode não ser suficiente para o alcance dos objectivos almejados. Bronfenbrenner (2005a) ressaltou a importância da interacção entre os aspectos subjectivos (sentimentos e experiências pessoais) e objectivos ao longo do desenvolvimento humano.

A situação de reclusão dos jovens significa uma ruptura no ciclo normal de desenvolvimento humano, o que exigirá no futuro o desencadeamento de mecanismos individuais de reencontro com os processos interrompidos. Observando o percurso da maior parte dos entrevistados, é notável a situação de permanente instabilidade dos processos relativos ao seu ciclo vital, podendo afectar negativamente o desenvolvimento psicológico do indivíduo (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Esta situação tem logicamente as suas implicações no desenvolvimento social da personalidade. Portanto, a transição da reclusão para o ambiente familiar, comunitário e social deve ser visto não como uma simples saída do indivíduo do contexto penitenciário, mas como um processo complexo que envolve múltiplos factores.

Portanto, os jovens têm expectativas de restabelecer os processos sociais afectados ou interrompidos por causa da condenação, e de desenvolver projectos pessoais que lhes permitam sentir-se devidamente integrados na sociedade. Porém, devido à situação de vulnerabilidade em que se encontram é fundamental o acompanhamento desta população no período posterior ao cumprimento da pena. Julga-se que o desenvolvimento de acções estruturadas pode constituir um factor de protecção crucial para complementar a vontade expressa de retomar uma vida normal.

Considerações finais

O objectivo do Estudo 2 foi de investigar as motivações para o comportamento infractor e caracterizar as perspectivas do futuro de jovens em situação de reclusão da Cidade de Maputo. Para a compreensão deste tema, analisou-se em primeiro lugar o quotidiano dos jovens antes da condenação. Foi notável a situação de vulnerabilidade em que eles se encontravam. A falta de ocupação, rupturas no contexto familiar, a vida em situação de rua, o consumo de drogas, envolvimento em furtos e roubos, marcavam o dia a dia dos entrevistados. À esta realidade, pode estar associado o facto de alguns jovens se terem desvinculado precocemente da escola. Constatou-se que a busca pela satisfação de necessidades básicas de sobrevivência pode explicar as motivações para o comportamento infractor. As necessidades compreendiam aspectos materiais e afectivos. O acto criminal, particularmente nos jovens do sexo masculino, ocorreu sob efeito do álcool e outras drogas. As expectativas para o futuro consistem no restabelecimento dos vínculos sociais, retorno à escola, procura de emprego e desenvolvimento de projectos pessoais. É importante que à esta vontade individual se associem acções programadas de acompanhamento da reintegração social.

A história de vida da maior parte destes jovens chama atenção para a reflexão sobre até que ponto o encarceramento contribuiria para a sua reabilitação psicossocial. Conhecido o contexto bastante adverso das prisões moçambicanas, pensa-se que o seu internamento busca cumprir em grande escala fins legais do que de “ressocialização”. Ademais, após o cumprimento da pena não existem programas formais de acompanhamento no processo de “reintegração social”, ficando tudo sob responsabilidade do jovem e da sua família, ambos vivendo no meio de dificuldades conforme foi descrito anteriormente. Portanto, é crucial o desenvolvimento de políticas públicas que tenham em vista contribuir para o fortalecimento deste grupo. Entende-se que o enfoque deve ser para acções de prevenção e de programas alternativos à prisão. Para os casos em que os indivíduos cumpriram penas em estabelecimentos prisionais, o acompanhamento no período posterior através de programas institucionalizados é imprescindível. Essas acções seriam um forte suporte para apoiar o processo de busca pela materialização dos projectos individuais dos jovens ex-reclusos.

Em conclusão, pode se afirmar que a análise de aspectos relacionados à pessoa (P), aos processos proximais (P), ao contexto (C) e ao tempo (T) (Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner, 2005a, 2005b; Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner & Morris, 1998) permitiu a interpretação dos factores que explicam a motivação para o comportamento infractor, e a

compreensão da forma como as pessoas projectam o seu futuro. O estudo da situação individual, da dinâmica das relações com objectos e símbolos, do contexto e do tempo em que o desenvolvimento humano ocorre é fundamental para a compreensão do fenómeno criminal. A perspectiva bioecológica possibilita a interpretação de um dado fenómeno em função do contexto em que ele ocorre. Assim, o quotidiano antes da condenação relatado pelos jovens e as circunstâncias no momento do cometimento do crime permitiram descrever as motivações que estariam por detrás do acto delituoso. Em função do factor tempo foi possível compreender os projectos futuros que podem ocorrer no micro, meso e macro-tempo. Este aspecto é essencial para o desenvolvimento de acções que permitam a reintegração dos jovens. Por exemplo, o apoio no restabelecimento das relações com a família e comunidade deve ocorrer logo após o internamento (micro e meso-tempo), pois pode contribuir para a promoção do sentido de suporte psicossocial que se julga fundamental para o restabelecimento do indivíduo.

Com o presente estudo não se pretendeu apresentar uma explicação completa sobre o que motiva os jovens ao comportamento infractor e a construção dos seus projectos após o cumprimento da pena. Conforme foi dito anteriormente, a pesquisa foi exploratória e procurou identificar alguns pressupostos que ajudam a compreender o fenómeno da criminalidade juvenil. Neste contexto, estudos posteriores são necessários para acrescentar outros subsídios e contribuir para uma compreensão mais aprofundada da temática.

CAPÍTULO IV

Considerações Finais

Considerações finais sobre o tema da pesquisa

A presente dissertação teve como tema de pesquisa “Características Biossociodemográficas, Motivações do Comportamento Infractor e Perspectivas do Futuro de Jovens em Situação de Reclusão da Cidade de Maputo – Moçambique”. Ele procurou atingir três objectivos principais: Descrever as características biossociodemográficas; investigar as motivações do comportamento infractor; e caracterizar as perspectivas do futuro de jovens em situação de reclusão da Cidade de Maputo. Esta proposta de pesquisa surge como uma contribuição para a caracterização do perfil dos jovens que estão em contacto com o sistema penitenciário, a compreensão das motivações para o cometimento de delitos, e explorar os seus projectos após o cumprimento da pena. A concentração em jovens deveu-se ao facto da maior parte da população prisional de Moçambique e da Cidade de Maputo ser constituída por este grupo (Serviço de Controlo Penal e de Execução de Medidas de Segurança/Serviço Nacional Penitenciário, 2009, 2010, 2011). Dados internacionais mostram também o crescente envolvimento de jovens em situações de violência (Coyle, 2002; *International Centre for the Prevention of Crime*, 2010; *United Nations*, 2004), culminando com o seu internamento em instituições prisionais ou de reeducação.

Em relação ao Estudo 1 os resultados indicaram que os jovens do sexo masculino constituíram a maioria dos internados no período de 2009 a 2011. Os crimes contra a propriedade foram os mais praticados, os homens também se evidenciaram neste aspecto. Houve uma tendência das mulheres se destacarem nos crimes contra a integridade física e a saúde das pessoas. O número de jovens em conflito com a lei aumentava à medida que se avançava para as faixas etárias elevadas. Maior parte dos jovens foi condenada a penas correcionais, e houve equivalência no tempo de condenação entre homens e mulheres, e entre jovens dos 16 aos 18, dos 19 aos 21 e dos 22 aos 25 anos de idade. Os dados mostraram que parte significativa tinha uma única passagem pela penitenciária, estava sem ocupação ou trabalhava no sector informal, e provinha dos bairros suburbanos da cidade.

Quanto ao Estudo 2 os dados das entrevistas evidenciaram que o cometimento dos actos infraccionais estavam associados à satisfação das necessidades básicas dos jovens. Os

entrevistados estavam expostos a adversidades como a falta de ocupação, contacto com o contexto de rua, consumo de drogas, cometimento de furtos e roubos. Face a esta realidade, a satisfação das necessidades era feita através de comportamentos de risco. Os jovens manifestaram o sentimento de retomar os vínculos sociais e desenvolver os seus projectos pessoais.

Duma forma geral, estes resultados vão ao encontro dos achados que têm sido apresentados sobre as populações jovens em conflito com a lei (Amaral, 2000; Brito 2002; Feijó & Assis, 2004; Gallo & Williams, 2005; Gentle-Genity, 2010; Green, Gesten, Greenwald, & Salcedo, 2008; Gottfredson & Hirschi, 1990; Moffitt, 1993; Selke & Anderson, 2003; Shekarkhar & Gibson, 2011; *United Nations*, 2009; *United Nations*, 2004). Para o caso de Moçambique, há que se desenvolver programas permanentes e consistentes de prevenção. Estes programas podem constituir importantes factores de protecção para melhorar ou alterar as respostas pessoais aos riscos de desadaptação (Morais & Koller, 2004). Julga-se importante o aumento dos estudos que abordam esta temática, de modo que se crie um banco sistematizado de dados que contribua para uma compreensão profunda do problema. O desenvolvimento de pesquisas nacionais abrangentes e com amostras maiores é fundamental para a compreensão da questão em função da diversidade que envolve o país. Outro aspecto pertinente consiste na necessidade do investimento académico em pesquisas com populações do sexo feminino em conflito com a lei. A materialização desta proposta permitirá a compreensão das particularidades da dinâmica criminal entre as mulheres.

Este estudo despertou atenção para um fenómeno que tem sido pouco explorado em Moçambique quando se estuda populações em situação de reclusão: a sua reintegração na sociedade. Como se pôde notar nas entrevistas, em princípio os condenados têm a expectativa de dar continuidade com a vida normal e realizarem os seus projectos pessoais. Porém, devido à situação de desvantagem social a que muitas das vezes se encontram, essa vontade pode não encontrar os suportes necessários. Assim, as possibilidades de voltar a cometer outro crime são eminentes. Neste contexto, o desenvolvimento de programas estruturados de reinserção desta população revela-se pontual. Esses programas podem constituir um forte factor de protecção para este grupo, conhecida a situação de negligência a que estão sujeitas em termos de políticas públicas.

Considerações sobre a experiência da realização da pesquisa como estudante do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O percurso do mestrado no Instituto de Psicologia da UFRGS foi uma excelente oportunidade para o enriquecimento da minha experiência acadêmica e pessoal. Neste período pude viver a importância da interação com outras dinâmicas socioculturais e acadêmicas, e senti que de facto o desenvolvimento humano é um processo que ocorre ao longo da vida. Digo que senti porque, nalgum momento, apenas a leitura deste princípio nos manuais não nos oferece o seu real significado e valor. Portanto, foi um momento para provar que o desenvolvimento humano só termina com a morte.

Durante este período pude perceber que a ciência psicológica está e continua em permanente mudança em função dos resultados das pesquisas desenvolvidas na área. O que se dizia antes sobre determinado assunto pode não ser o que é hoje, e este pode não sê-lo no futuro. Compreendi a necessidade de se partilhar os resultados das pesquisas através da sua publicação em revistas, e da participação em congressos e outros eventos científicos. Compreendi o valor da internacionalização para quem pretende seguir a actividade académica e de pesquisa.

O contacto com a linha de pesquisa sobre populações em situação de vulnerabilidade social e pessoal do CEP-Rua chamou-me atenção sobre a importância da realização de estudos científicos sobre estas populações de modo a compreendê-las com profundidade e contribuir para a melhoria da qualidade de vida em função das suas reais especificidades. Pude constatar que programas de intervenção com estas populações devem se alicerçar em dados estruturados, sistematizados e devidamente sustentados. Essas intervenções também devem ser cientificamente avaliadas para identificar o grau da sua efectividade.

A realização da pesquisa de dissertação com jovens em situação de reclusão da Cidade de Maputo permitiu que alcançasse parte significativa dos meus objectivos académicos. Primeiro, porque a temática se encaixou na linha de pesquisa do CEP-Rua, e na linha de pesquisa da Academia de Ciências Policiais de Moçambique (Instituição na qual sou docente e pesquisador) relacionada aos “Estudos sobre a Criminalidade e o Sistema Penitenciário”. Segundo, permitiu a exercitação da actividade de desenvolvimento de uma pesquisa académica com base na orientação metodológica do PPG de Psicologia da UFRGS, que segue padrões internacionais. Portanto, a pesquisa possibilitou o meu enquadramento no perfil de pesquisas do PPG-Psicologia e do CEP-Rua, e constituirá uma contribuição para os estudos realizados na Academia de Ciências Policiais dentro da linha de pesquisa sobre criminalidade e o sistema penitenciário.

Durante a pesquisa pude reflectir sobre as políticas públicas de atendimento aos jovens em conflito com a lei em Moçambique e no Brasil. Em Moçambique a imputabilidade penal começa aos 16 anos e no Brasil aos 18 anos de idade. As infracções cometidas por moçambicanos abaixo dos 16 anos são tratadas numa legislação específica sobre criança em conflito com a lei, e estão sujeitas à jurisdição dos tribunais de menores com a finalidade de assistência, educação e correcção (UNICRI, 2009). No Brasil, os actos infraccionais cometidos por crianças e adolescentes menores de 18 anos são tratados à luz do Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990). No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) as medidas previstas são essencialmente de educação, sendo que em situações extremas é aplicada a medida de internação em estabelecimento educacional (Brasil, 1990).

As medidas estipuladas no ECA coincidem com as aplicáveis aos menores de 16 anos em Moçambique, e expandem-se para os jovens dos 16 aos 25 anos de idade, considerados na legislação moçambicana como menores imputáveis (Código Penal, 1886). Porém, há algumas diferença entre estes países: além da idade da maioridade penal, em Moçambique o Código Penal (1886) usa a designação menores imputáveis. No Brasil usa-se a denominação adolescente em conflito com a lei (Zappe & Dias, 2010). Estes são criminalmente inimputáveis, e nos casos de infracções graves o internamento é feito num estabelecimento educacional (Brasil, 1990). O carácter educativo das políticas públicas de atendimento aos adolescentes em conflito com a lei foi materializado com a criação de instituições de atendimento socioeducativo de adolescentes.

Em Moçambique, apesar da lei prever um atendimento diferenciado aos menores imputáveis, a realidade mostra que a natureza correcional-repressiva é a que predomina. Os jovens partilham as mesmas penitenciárias com os adultos, estão internados em estabelecimentos prisionais superlotados, não têm o acompanhamento adequado devido à falta de infraestruturas adequadas e de profissionais qualificados para o efeito (Amaral, 200; Hamela, 2011). O aprofundamento no Código Penal das matérias que tratam deste grupo é fundamental. Provavelmente haja necessidade de se criar uma legislação específica sobre os jovens criminalmente imputáveis, com uma componente educativa forte. Este é um aspecto que deve merecer reflexão. Para além disso, é importante que se desenvolvam acções concretas que tenham em vista transformar o ideal educativo dos jovens em conflito com a lei em realidade.

Outro aspecto significativo desta pesquisa foi o facto de ter sido a partir dela que identifiquei o tema para a minha tese de doutoramento. O tema de pesquisa é “Proposta de uma tecnologia psicossocial de reintegração comunitária de ex-reclusos em Moçambique”. Com base

na leitura feita no âmbito da dissertação, e nas expectativas apresentadas pelos jovens sobre o futuro, constatei a necessidade de realização de uma pesquisa em torno desta temática. Conforme se pôde notar nos relatos dos entrevistados, existe a vontade de retomar o processo normal de vida. No entanto, conforme se disse, a vontade individual não é suficiente. Programas estruturados de acompanhamento desta população precisam ser implementados. A questão neste momento é saber como é que este processo pode ser desenvolvido no contexto moçambicano. Portanto, esta continuidade com a pesquisa do mestrado é algo que julgo bastante significativo.

Por último, a minha expectativa para o futuro é continuar a aproveitar no máximo as oportunidades de aprendizagem no PPG-Psicologia, no CEP-Rua, de modo a assegurar a produção de uma tese de qualidade, e enriquecer cada vez mais o meu currículo académico e pessoal.

Referências

- Amaral, A. (2002). *O sistema prisional em Moçambique*. Maputo: PNUD – Programa de Apoio ao Sector da Justiça.
- Araújo, M. G. M. (1999). Cidade de Maputo: Espaços contrastantes – Do urbano ao rural. *Finisterra*, XXXIV,67-68, 175 – 190. Retirado de http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/1999-6768/6768_16.pdf. Acessado em 20 de Outubro de 2011.
- Arnett, J. J. (2010). *Adolescence and emerging adulthood – a cultural approach*. Boston: Prentice Hall.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Brasil (1990). *Lei nº 8069*, de 13 de julho de 1990: *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília: 2005.
- Brennan, T., Breitenbach, M., Dieterich, W., Salisbury, E. J., & Voorhis, P. V. (2012). Woman's pathways to serious and habitual crime. *Criminal Justice and Behavior*, 39(11), 1481 – 1508. doi: 10.1177/0093854812456777
- Brito, L. de (2002). *Os condenados de Maputo*. Maputo: PNUD – Programa de Apoio ao Sector da Justiça.
- Bronfenbrenner, U. (2005a). The bioecological theory of human development. In U. Bronfenbrenner (Ed.), *Making human beings human: Bioecological perspectives on human development* (pp. 3-15). Sage Publications.
- Bronfenbrenner, U. (2005b). Lewian space and ecological substance. In U. Bronfenbrenner (Ed.), *Making human beings human: Bioecological perspectives on human development* (pp. 41-59). Sage Publications. Sage Publications.
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. In S. L. Friedman & T. D. Wachs (Eds.), *Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts* (pp. 3-28). Washington, DC: American Psychological Association Press.
- Bronfenbrenner, U., & Evans, G. W. (2000). Developmental science in the 21st century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development*, 9(1), 115-125.

- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon (Ed.), *Handbook of child psychology – Theoretical models of human development* (Vol. 1, pp. 1011-1028). New York: John Wiley & Sons.
- Brown, B. B., & Larson, R. W. (2002). The kaleidoscope of adolescence: Experiences of the world's youth at the beginning of the 21st century. In B. B. Brown, R. W. Larson & T. S. Saraswathi (Eds.), *The world's youth: Adolescence in eight regions of the globe* (pp. 1-20). Cambridge: Cambridge University Press.
- Carcach, C., & Leverett, S. (1999). *Recidivism among juvenile offenders: An analysis of times to reappearance in court*. Australian Institute of Criminology. Retirado de http://aic.gov.au/documents/F/B/C/%7BFBCCAE8A-9568-490D-BF08-0E5AF65C16E2%7Dfull_report.pdf. Acessado a 20 de Novembro de 2012.
- Cervo, A. L., Bervia, P. A., & Da Silva, R. (2007). *Metodologia científica*. São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- Contreras, L., Molina, V., & Cano, M. C. (2011). In search of psychosocial variables linked to the recidivism young offenders. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 3(1), 77 – 88. Retirado de http://www.usc.es/sepjf/images/documentos/volumen_3/contrerasetal.pdf.
- Código Penal de Moçambique. Decreto de 16 de Setembro de 1886. Lisboa: Portugal.
- Costa, C.R.B.S.F., Assis, S.G. (2006). Fatores protetivos a adolescentes em conflito com a lei no contexto socioeducativo. *Psicologia & Sociedade*, 18(3), 74-81.
- Coyle, A. (2002). *Managing prisons in a time of change*. London: Internacional Centre for Prison Studies.
- Feijó, M. C., & Assis, G. A. (2004). O contexto de exclusão social e de vulnerabilidades de jovens infratores e de suas famílias. *Estudos de Psicologia*, 9(1), 157-166.
- Field, A. (2009). *Descobrendo a Estatística usando o SPSS*. Porto Alegre: Artmed.
- Gallo, A. E., & Williams, L. C. A. (2005). Adolescentes em conflito com a lei: uma revisão dos fatores de risco para a conduta infracional. *Psicologia: Teoria e Prática*, 7(1): 81-95.
- Gentle-Genity, C. S. (2010). Common predictors for explaining youth antisocial behavior: A perspective from ten longitudinal studies. *Social Work in Mental Health*, 8(6), 543-559. doi: 10.1080/15332980902983824.
- Gottfredson, M. R., & Hirschi, T. (1990). *A general theory of crime*. Stanford, CA: Stanford

- University Press. Retirado de <http://www.mltei.org/cqn/Adolescent%20Development/Resources/Gender,%20Race,%20Ethnicity%20&%20SES/Gottfredson&%20Hirshi,%20A%20general%20theory%20of%20crime.pdf>. Acessado a 20 de Dezembro de 2010.
- Green, A. E., Gesten, E. L., Greenwald, M. A., & Salcedo, O. (2008). Predicting delinquency in adolescence and young adulthood: A longitudinal analysis of early risk factors. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 6(323), 323-342. doi: 10.1177/1541204008320261.
- Hamela, E. (2011). *Os custos das cadeias para a sociedade: Que contribuição ao desenvolvimento de Moçambique?* Maputo: Centro de Análise de Políticas.
- International Centre for the Prevention of Crime (2010). (Researched and compiled by V. Carli and M. Shaw). *Youth resource guide, First edition*. Published by: UN-HABITAT Safer Cities Programme and the Internacional Centre for the Prevencion of Crime. Retirado de http://www.crime-prevention-intl.org/uploads/media/Youth_Resource_Guide.pdf. Acessado em 25 de Junho de 2011.
- International Union of Psychological Science's (2007). *The Universal Declaration of Ethical Principles for Psychologists*. Retirado de <http://www.am.org/iupsys/resources/ethics/ethic-wg-intro.html>. Acessado em 1 de Novembro de 2011.
- Instituto Nacional de Estatística (2012). *Anuário Estatístico 2011*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística. Retirado de <http://www.ine.gov.mz/ResourceCenter/Default.aspx>. Acessado a 12 de Dezembro de 2012.
- Instituto Nacional de Estatística (2010a). *Agenda Estatística 2011*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística.
- Instituto Nacional de Estatística (2010b). *Projeções anuais da população total, urbana e rural dos distritos da Cidade de Maputo, 2007 – 2040*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística.
- Krug, E. G., Mercy, J. A., Dahlberg, L. L., Zwi, A. B., & Lozano, R. (2002). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization. Retirado de <http://whqlibdoc.who.int/hq/2002/9241545615.pdf>. Acessado 17 de Julho de 2012.
- Laville, C., & Dionne (1999). *A construção do saber: Manual de metodologia em ciências humanas*. Porto Alegre: Editoras UFMG/ARTMED.

- McKean, L., & Ransford, C. (2004). *Current strategies for reducing recidivism*. U.S.A: Center for Impact Research. Retirado de <http://targetarea.org/researchdoc/recidivismfullreport.pdf>. Acessado a 10 de Novembro de 2013.
- Michener, H. A., DeLameter, J. D., & Myers, D. J. (2005). *Psicologia Social*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Moffitt (1993). Adolescence-limited and life-course-persistent antisocial behavior: a developmental taxonomy. *Psychological Review*, 100(4), 674 – 701.
- Morais, N. M., & Koller, S. H. (2004). Abordagem ecológica do desenvolvimento humano, psicologia positiva e resiliência: Ênfase na saúde. In S. Koller (Ed.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 95 – 111). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mula, M. D. (2009). Formalidade e informalidade: Questões e perspectivas, revisão da literatura sobre o conceito de formal e informal. In Instituto Nacional de Estatística (Ed.), *O sector informal em Moçambique: Estudos temáticos* (pp. 39 – 77). Maputo: Instituto Nacional de Estatística.
- Nardi, F. L., & Dell’Aglío, D. D. (2010). Delinquência juvenil: Uma revisão teórica. *Acta Colombiana de Psicología*, 13(2): 69-77.
- Neiva-Silva, L. (2003). *Expectativas futuras de adolescentes em situação de rua: Um estudo autofotográfico* (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Nsamenang, A. B. (2002). Adolescence in Sub-Saharan Africa – an image constructed from Africa’s triple inheritance. In B. B. Brown, R. W. Larson, & T. S. Saraswathi (Eds.), *The world’s youth: Adolescence in eight regions of the globe* (pp. 61-104). Cambridge: Cambridge University Press.
- Procuradoria Geral da República (2010). *Informação Anual de 2010 do Procurador-Geral da República à Assembleia da República*. Maputo: Procuradoria Geral da República.
- Reppucci, N. D., Fried, C.S., & Schmidt, M. G. (2002). Youth violence: Risk and protective factors. In R. R. Corrado, R. Roesch, S. D. Hart & J. K. Gierowski (Eds.), *Multi-problem violent youth: A foundation for comparative research on needs, interventions and outcomes* (pp. 3-22). Amsterdam: Ios Press. Retirado de <http://books.google.com.br/books?id=VQjQW8z7yFoC&printsec=frontcover&hl=pt-BR>. Acessado em 02 de Novembro de 2011.

- Rodríguez, F. J., Rodríguez-Franco, L., Lopez-Cepero, J., & Bringas, C. (2010). Juvenile delinquency and young offender: bibliographical and bibliometric review of two perspectives of study. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 2(2), 117-143. Retirado de <http://core.kmi.open.ac.uk/display/760739>. Acessado em 5 de Julho de 2012.
- Selke, W. L., & Anderson, S. A. (2003). A test of social stress theory as applied to the study of imprisonment rates. *The Prison Journal*, 83(4), 426-441. doi: 10.1177/0032885503260177.
- Serviço de Controlo Penal e de Execução de Medidas de Segurança/Serviço Nacional Penitenciário. *Composição da população reclusa por sexo e idade no término de 2009, 2010 e 2011*. Maputo – Moçambique.
- Shekarkhar, Z., & Gibson, C. L. (2011). Gender, self-Control, and offending behaviors among latino youth. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 27(1), 63–80. doi:10.1177/1043986211402224.
- Sprinthall, N. A., & Collins, W. A. (1988). *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista* (C. M. C. Vieira, Trad., 3ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tembe, C. (2009). O sector informal em Moçambique: Caracterização do perfil sócio-demográfico dos trabalhadores deste sector. In Instituto Nacional de Estatística (Ed.), *O sector informal em Moçambique: Estudos temáticos* (pp. 76 – 110). Maputo: Instituto Nacional de Estatística.
- Tkachuk, B. & Walmsley, R. (2001). *World prison population: Facts, trends and solutions*. Helsink: European Institute for Crime Prevention and Control (HEUNI). Retirado de <http://www.heuni.fi/uploads/6mq2zlwaaw3ut.pdf>. Acessado em 24 de Agosto de 2012.
- UNICRI (2009). *Justiça de menores em Moçambique: Compêndio de legislação internacional e nacional sobre menores em conflito com a lei*. Maputo: UNICRI.
- United Nations (2004). World Youth Report – The global situation of young people. Retirado de <http://social.un.org/index/WorldYouthReport/2003.aspx>. Acessado em 10 de Julho de 2011.
- United Nations Children’s Fund (2011). *The state of world’s children 2011*. Retirado de http://www.unicef.org/devpro/files/SOWC_2011_Main_Report_EN_02242011.pdf. Acessado em 30 de Outubro de 2011.
- United Nations Economic Commission for Africa (2009). *African Youth Report – Expanding opportunities for and with young people in Africa*. Addis Ababa, Ethiopia. Retirado de

http://www.uneca.org/eca_programmes/acgd/publications/africanyouthreport_09.pdf

Acessado em 30 de Outubro de 2011.

United Nations Economic Commission for Africa (2011). *African Youth Report – Expanding opportunities for and with young people in Africa*. Addis Ababa, Ethiopia. Retirado de http://www.uneca.org/ayr2011/African%20Youth%20Report_2011_Final.pdf. Acessado em 30 de Outubro de 2011.

United Nations (2009). *Promotion and protection of human rights, civil, political, economic, social and cultural rights, including the right to development*. Retirado de http://www.globalmigrationgroup.org/uploads/gmgtopics/children/1.A_Report_of_the_Special_Rapporteur_June09.pdf. Acessado em 10 de Fevereiro de 2012.

Vitopoulos, N. A., Peterson-Badali, M., Skilling, & T. A. (2012). The relationship between matching service to criminogenic need and recidivism in male and female youth: Examining the RNR principles in practice. *Criminal Justice and Behavior*, 39 (8). doi: 10.1177/0093854812442895

Walmsley, R. (2005). *World prison population list*. London: International Center for Prisons Studies, Kinngs College. Retirado de <http://www.kcl.ac.uk/depsta/law/research/icps/publications.php> Acessado em 20 de Junho de 2011.

Walmsley, R. (2007). *World prison population list*. London: International Center for Prisons Studies, Kinngs College. Retirado de <http://www.kcl.ac.uk/depsta/law/research/icps/publications.php> Acessado em 20 de Junho de 2011.

Walmsley, R. (2009). *World prison population list*. London: International Center for Prisons Studies, Kinngs College. Retirado de <http://www.kcl.ac.uk/depsta/law/research/icps/publications.php> Acessado em 20 de Junho de 2011.

Walmsley, R. (2011). *World prison population list*. London: International Center for Prisons Studies, Kinngs College. Retirado de <http://www.idcr.org.uk/wp-content/uploads/2010/09/WPPL-9-22.pdf>. Acessado em 29 de Agosto de 2012.

Wright, E. M., Voorhis, P. V., Salisbury, E. J., & Bauman, A. (2012). Gender-responsive lessons learned and policy implications for women in prison – A review. *Criminal Justice and Behavior*, 39(12), 1612 – 1632. doi: 10.1177/0093854812451088

- Wong, T. M. L., Slotboom, A. M., & Bijleveld, C. C. J. H. (2010). Risk factors for delinquency in adolescent and young adult females: A European review. *European Journal of Criminology*, 7(4), 266–284. doi: 10.1177/1477370810363374
- Zappe, J. G. & Dias, A. C. G. (2010). Delinquência juvenil na produção científica nacional: Distâncias entre achados científicos e intervenções concretas. *Barbarói. Santa Cruz do Sul, S/V* (33), 82 – 1003.
- Zamora, M. H. (2008). Adolescentes em conflito com a lei: Um breve exame da produção recente em Psicologia. *Polêmica*, 7(2), 7 – 20. Retirado de http://www.polemica.uerj.br/pol24/artigos/lipis_1.pdf. Acessado em 20 de Julho de 2012.

Anexos

Anexo A: Distribuição da População de Reclusos a Nível Nacional e da Cidade de Maputo no período de 2009 a 2011

Tabela 12

*Distribuição da População Nacional de Reclusos de 2009 a 2011**

Anos	Faixa etária	<i>f</i>	%
2009	16 – 18	1334	8.9
	19 – 21	2331	15.6
	22 – 25	3475	23.3
	26 – 35	4656	31.2
	36 – 50	2451	16.4
	51 – 60	590	3.9
	≤ 61	101	0.7
Total		14938	100
2010	16 – 18	1893	12.4
	19 – 21	2624	17.1
	22 – 25	3891	25.4
	26 – 35	3607	23.6
	36 – 60	3025	19.8
	≤ 61	265	1.7
	Total		15305
2011	16 – 18	2116	13.0
	19 – 21	3569	21.9
	22 – 25	4033	24.8
	26 – 35	3619	22.3
	36 – 60	2625	16.1
	≤ 61	305	1.9
	Total		16267

Nota. *Dados correspondentes ao levantamento efectuado em Dezembro de cada ano, integrando condenados e indivíduos sob prisão preventiva

Tabela 13

*Distribuição da População de Reclusos da Cidade de Maputo de 2009 a 2011**

Anos	Faixa etária	<i>f</i>	%
2009	16 – 18	115	8.6
	19 – 21	229	17.0
	22 – 25	293	21.8
	26 – 35	437	32.5
	36 – 50	239	17.8
	51 – 60	23	1.7
	≤ 61	8	0.6
Total		1344	100
2010	16 – 18	159	10.3
	19 – 21	255	16.5
	22 – 25	417	26.9
	26 – 35	430	27.7
	36 – 50	251	16.2
	51 – 60	24	1.6
	≤ 61	13	0.8
Total		1549	100
2011	16 – 18	83	6.4
	19 – 21	199	15.4
	22 – 25	376	29.0
	26 – 35	421	32.5
	36 – 50	186	14.3
	51 – 60	31	2.4
	≤ 61	0	0.0
Total		1296	100

Nota. *Estes dados integram condenados e indivíduos sob prisão preventiva

Anexo B: Certidão de Sentença e Liquidação da Pena



República de Moçambique

Ministério da Justiça

Tribunal do Distrito Municipal Kampfumo – 3ª Secção

Certidão de Sentença e Liquidação da Pena

Processo nº 375/10, Espécie: Querela

Réu: **João Constantino**, solteiro de 16 anos de idade, desempregado, filho de Armando Constantino e de Inês Felisberto, natural de Inhambane, residente no bairro do Alto-Maé, Q-25, em Maputo.

Foi julgado e condenado pelo crime de **Roubo**, e condenado na pena de **4 anos de prisão**, máximo de imposto de justiça e 200,00Mt de emolumentos ao defensor officioso.

Data da leitura da sentença: 12 de Dezembro de 2010

Sentença a transitar em julgado, se não houver recurso

Situação social:

Antecedentes criminais:

Data da detenção: 04/02/10

Data provável da soltura: 04/02/14

Observações:

Maputo, 02 de Fevereiro de 2011

Verifiquei

A Juíza de Direito

Escrivão de Direito

Assinatura

Assinatura

Anexo C: Ficha Individual de Readaptação do Recluso



REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
SERVIÇO NACIONAL DAS PRISÕES-SNAPRI
Serviço Correccional e de Reintegração Social

**FICHA INDIVIDUAL DE READAPTAÇÃO DO RECLUSO
(F.I.R.R)**



FOTO

Nome do estabelecimento prisional.....
.....

Nome do recluso.....
.....

O Director

.....
....., de....., 200...

I-Informação pessoal

Registo nº.....
Situação prisional: Condenado....., Detido....., crime.....;
Pavilhão:.....
Cela.....
Nome do recluso:.....
Apelido:.....
Alcunha:.....
Sexo: Masculino.....Feminino.....
Data de nascimento:...../...../.....
Tipo de documento de identificação:
a) Bilhete de identidade..... Passaporte..... Outro.....
b) Número do documento.....
Local e data de emissão:.....
Estado civil: Solteiro(a):
..... Casado(a):..... União Marital:..... Divorciado(a):..... Separado(a):.....
Viúvo(a):.....
Filho de..... e de

Nº de filhos.....
Rendimento mensal.....
Nacionalidade: Moçambicano(a).....Estrangeiro(a).....cc/embaixada.....
Naturalidade.....
Cor da pele..... cor dos olhos.....
Sinais particulares.....
Habilitações literárias:.....
Profissão:.....
Residência: Cidade:..... Bairro:.....; Av/Rua:..... Casa nº.....
Distrito:.....

Estado de saúde
Saúde física:
.....
Saúde mental:
.....

Tem assistência jurídica?
Sim, Não.....
Instituição que fornece tais serviços:
IPAJ....., Advogado particular....., Outras:..... Contacto:.....

Grau de reincidência:

- 1ª vez (Primário).....
- 2ª vez (Reincidente).....
- 3ª vez (Multireincidente).....
- 4ª vezes (Habitual).....
- 5ª vez (Habitual).....

II-Ocupação do recluso:

Actividades laborais

- Brigada móvel:.....
- Brigada fixa:.....
- Brigada interna:.....
- Transferência (deve-se indicar também o motivo):.....
-
-

Educação:

Alfabetização e Educação de Adultos: 1ºano.....,2ºano.....,3ºano.....;

EP2: 6ªclasse....., e 7ª classe.....

Ensino técnico-profissional e vocacional:

Alfaiataria....., Tecelagem....., Carpintaria....., Artesanato....., Pecuária....., Horticolas....., Agricultura....., Gráfica....., outras actividades.....

Actividades recreativas

Xadrez....., dama....., Ntxuwa....., futebol....., basquetebol....., volcibol....., andebol.....

Orientação religiosa

Católica....., Muçulmana....., Rastafarismo....., Indú....., Protestante....., outra.....

III-Quadro de movimentos de saídas precárias:

<i>Saída</i>	<i>Destino</i>	<i>Comportamento observado pelo agente</i>	<i>chegada</i>
...../...../.....		/...../.....
...../...../.....		/...../.....
...../...../.....		/...../.....
...../...../.....		/...../.....
...../...../.....		/...../.....
...../...../.....		/...../.....
...../...../.....		/...../.....
...../...../.....		/...../.....
...../...../.....		/...../.....
...../...../.....		/...../.....
...../...../.....		/...../.....

Anexo D: Protocolo de Colecta de Dados Biossociodemográfios

Nome do estabelecimento prisional _____

Nome do recluso _____

Registo n° _____

Crime cometido: _____

Data de condenação ____/____/____ Condenando a pena de ____ meses ou ____ anos de prisão

Incidência no cometimento de crimes: primeira vez ____ segunda vez ____ terceira vez ____
quarta vez ____

Sexo: Masculino ____ Feminino ____

Idade _____

Estado civil: Solteiro (a) ____ Casado (a) ____ União marital ____

Divorciado (a) ____ Separado (a) ____ Viúvo (a) ____

Filho de _____ e de _____

Nacionalidade: Moçambicano (a) ____ Estrangeiro (a) ____

Naturalidade _____

Habilitações literárias _____

Ocupação _____

Residência: Cidade _____ Bairro _____

Anexo E: Carta de Pedido de Autorização para o Acesso às Penitenciárias

Exmo senhor Director do Serviço Nacional Penitenciário

Fernando Lives Andela Niquice, mestrando em Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil, está a escrever a sua dissertação de mestrado intitulada “Características Biosociodemográficas, Motivações do Comportamento Infractor e Perspectivas de Futuro de Jovens em Situação de Reclusão da Cidade de Maputo”. Com este estudo pretende caracterizar o perfil dos jovens reclusos, compreender as causas do cometimento de actos infraccionais e descrever as suas perspectivas de vida após o cumprimento da pena. Para este efeito, precisa de aceder às Certidões de Sentença e Liquidação da Pena de reclusos da faixa dos 16 aos 25 anos e entrevistar um total de 6 jovens internados, de modo a obter os dados necessários de estudo. As instituições prisionais de trabalho são: Cadeia Central de Maputo, Centro de Reclusão Feminina de Ndlavela e Estabelecimento Prisional Juvenil de Boane. Neste contexto, vem requerer à V. Excia que lhe seja autorizado o acesso à estes estabelecimentos prisionais para os devidos efeitos.

Sem mais de momento, agradece a atenção dispensada.

Anexo F: Distribuição dos Jovens por todos os Bairros da Cidade de Maputo

Bairro	<i>f</i>	%
FPLM	1	,6
Magoanine	1	,6
Mahotas	2	1,2
Malanga	2	1,2
Malhangalene	1	,6
25 de Junho	5	2,9
Aeroporto	7	4,1
Albazine	2	1,2
Alto Maé	3	1,7
Bagamoyo	3	1,7
Catembe	2	1,2
Central	3	1,7
Chamanculo	20	11,6
Coop	1	,6
Costa do Sol	3	1,7
Ferrovário	7	4,1
FPLM	2	1,2
George Dimitrov	5	2,9
Hulene	12	7,0
Inhagóia	1	,6
Jardim	6	3,5
Laulane	4	2,3
Luis Cabral	5	2,9
Mafalala	6	3,5
Magoanine	6	3,5
Malanga	2	1,2
Malhangalene	4	2,3
Malhazine	1	,6
Mavalane	1	,6
Maxaquene	17	9,9
Minkadjuíne	4	2,3
Polana Caniço	16	9,3
Sommerchild	1	,6
Urbanização	8	4,7

Xipamanine	7	4,1
Zimpeto	1	,6
Total	172	100,0

Anexo G: Roteiro de Entrevista Semi-estruturada para os Reclusos e Reclusas

Estou realizando uma pesquisa e verifiquei os dados da sua Certidão de Sentença e Liquidação da Pena. Portanto, tenho algumas informações sobre a sua pessoa, prévias à sua chegada aqui e sobre a pena que estás cumprindo. Gostaria de actualizar alguns dados, portanto vou lhe perguntar sobre a sua vida.

- 1) Reverificação dos dados individuais
 - a) Nome:
 - b) Local de residência:
 - c) Com quem vivia antes da prisão:
 - d) Que actividade realizava:
 - e) Tem esposa (o) e filho (s):
 - f) É a primeira vez que entra na prisão?
- 2) Fale-me sobre a sua vida antes da prisão (o que fazia diariamente, o que acontecia de bom e de mau, que dificuldades mais lhe preocupavam, o que mais lhe marcou pela positiva...).
- 3) Fale-me sobre o seu dia a dia aqui na prisão (o que faz quando acorda, o que faz no período da tarde, no período da noite. Que coisas boas e más acontecem aqui, como é a convivência entre vocês).
- 4) Qual é o crime que você cometeu? Porque é que você procedeu assim? Acha que poderia ter procedido de outra forma?
- 5) O que você acha que foi da sua responsabilidade para chegar aqui?
- 6) O que acha que deve mudar na sua vida para que não volte a cometer outro crime?
- 7) O que vai fazer logo que cumprir a sua pena?/Quais são os seus projectos para o futuro?
- 8) O que acha que deve ser feito para impedir que os jovens cometam crimes?

Obrigado por ter aceite esta conversa!

Anexo H: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

No âmbito da realização da minha dissertação de mestrado, estou a efectuar uma pesquisa intitulada “Características Biosociodemográficas, Motivações do Comportamento Infractor e Perspectivas de Futuro de Jovens em Situação de Reclusão da cidade de Maputo. O estudo implica entrevistar reclusos jovens da faixa dos 16 aos 25 anos em cumprimento de pena nas penitenciárias de Maputo, e no fim do mesmo serão apresentados dados sobre o perfil desta população, as razões que evocam para o cometimento do acto infraccional e os seus projectos após o período de privação de liberdade. Espera-se que os seus resultados contribuam para a compreensão e conhecimento dos jovens autores de actos infraccionais e internados nas penitenciárias, coloborando deste modo para o aperfeiçoamento das acções de acompanhamento psicossocial e de regeneração dos mesmos. Neste contexto, gostaria de solicitar a sua colaboração acedendo à entrevista.

Concordo em ser entrevistado(a)

Anexo I: Transcrição das Entrevistas Efectuadas aos Participantes

Entrevista 1: Palmira Ramos

Chamo-me Palmira Ramos. Resido no bairro Hulene "A". Antes de entrar na prisão vivia com a avó do meu marido, o meu marido e os sobrinhos, portanto vivia na minha sograria. Antes de vir aqui ia à escola, estudava na Escola Secundária de Laulane, no período diurno, na 10a classe. Tenho 23 anos, tenho um esposo com o qual continuo a viver até ao presente momento, tenho um filho. É a primeira vez que entro na prisão.

Fale-me sobre a sua vida antes da prisão (o que fazia diariamente, o que acontecia de bom e de mau, que dificuldades lhe preocupavam, o que mais lhe marcou pela positiva...): sempre que acordasse fazia os trabalhos de casa, ia à escola, o que mais me preocupava eram os estudos...preferi estudar um pouquinho mais. O que me acontecia de bom é que eu me entendia bem com o meu marido, de mau eram as dificuldades mesmo da vida...dificuldades em condições...condições de termos a nossa própria casa. O que me marcou pela positiva foi o facto de ter filho.

Fale-me sobre o seu dia- a-dia aqui na prisão: quando acordo vou à minha brigada (grupo de trabalho), depois disso dou banho ao meu filho, lavo, arrumo a minha cama, e no período da noite é só tomar banho e dormir...no período da tarde é só ficar...os trabalhos aqui realizam-se só no período de manhã.

Quais são as coisas boas e as más que acontecem aqui dentro? Coisas boas eu acho que é aprender, porque todos os dias brincamos na escola, aprendemos através dos chefes que nos ensinam para veres que o que cometeste lá fora não foi bom mesmo...caires na tua realidade, e eu acho que aqui a gente cria ideias de que quando sair aquela vida que eu levava não hei-de levar mais, e aquilo que eu fazia e que achava certo não é certo, e é aqui que eu vejo que não é certo mesmo. **E as coisas más?** ... As coisas más...eu acho que... há dias que acordas e aparece uma chefe e fala mal contigo e tú comesças a te achares mal também...talvez pensas que se estivesses em casa isso não aconteceria...ou quando uma colega faz algo de errado ou as vezes nem faz, a

chefe só vem falar mal... é aí onde tú ficas triste mesmo porque aquilo que dizem a outra a ti também te atinge.

Qual é o crime que você cometeu? O crime que eu cometi... levei o cartão do banco do meu pai e fui tirar dinheiro, quando ele foi ao banco e verificou a falta do dinheiro acusou o banco de ter tirado o dinheiro da sua conta. O banco iniciou com uma investigação no caso e através das filmagens constataram que eu é que levantava o dinheiro. **Como é que tiveste acesso ao cartão do seu pai?** Levei o cartão quando vivia ainda em casa do meu pai, levou tempo para que ele se apercebesse que eu havia levado o cartão dele...ele trabalha na África do Sul, e isso aconteceu no fim de 2010. **Porque é que tú procedeste dessa maneira?** Eu acho que foi...precisava de dinheiro e não pensei noutra forma de conseguir senão essa...Eu acho até que poderia ter pedido, mas não pensei nisso. **O que achas que foi da tua responsabilidade para chegares aqui na cadeia?** ...É assim...nem sei...

Por quanto tempo foste condenada? Um ano e seis meses. **Qual foi a reacção dos seus pais quando se aperceberam desta situação?** O meu pai ficou surpreso porque ele não sabia que eu é que tinha levantado o valor, mas o banco investigou. **E quando o banco investigou criou condições para a sua detenção:** Sim, sim. **E no momento do julgamento o seu pai esteve presente?** sim esteve. **E qual foi o posicionamento dele?** Ele disse estar arrependido, estar arrependido de ter reclamado o dinheiro...ele disse-me que se eu tivesse dito que eu é que havia levantado o dinheiro o caso não teria chegado a este nível.

O que é que tú achas que deve mudar na tua vida para não voltares a cometer um outro crime? Eu acho que é um pouquinho de ambição...**És muito ambiciosa?** Sim sou...! Devo continuar a estudar para trabalhar, para ter o que eu gosto, que são muitas coisas. **O que é que tú gostas?** Muito dinheiro, muitas coisas boas.

O que é que tú pensas em fazer logo que cumprires a pena/Quais são os seus projectos para o futuro? Quando eu sair daqui, será já no final do ano, ficarei um pouquinho em casa e voltarei a matricular-me de novo e começar a estudar. Para além de continuar a estudar, penso em ter a minha casa...ultimar a construção da minha casa e cuidar do meu filho. **E cuidar do seu esposo também!** Risos...sim. **Vocês continuam com a vossa relação?** Sim. **E quando tu saires daqui**

a idéia é de regressares à sograria? ...Terei que voltar para lá mesmo, não há como. **Tens recebido visitas?** Sim, sim...recebo visitas das minhas irmãs, da família do meu marido.

Na sua opinião o que é que pode estar a contribuir para que muitos jovens cometam crimes e parem nas cadeias? Aqui há mesmo jovens de 16, 17, 18 anos, mas são miúdas que não vivem em casa, outras são viciadas/drogadas, e eu acho que as famílias, os pais lá fora também erram ao deixar uma menor abandonada...ela vai te contando que saiu de casa porque a mãe e o pai separaram-se, ou o pai casou outra mulher e ela maltratava-a, acabou ficando na rua e virando uma drogada, eu acho que é isso. Muitas que estão aqui não é pela primeira vez, porque não têm família acabam roubando na rua para alimentar o seu próprio vício.

Na tua opinião, o que achas que deve ser feito para impedir que os jovens cometam crimes?

Eu acho que a família devia ajudar, porque ela acaba cometendo crimes porque está sozinha, por exemplo agora a família devia vir visitar e encorajar para a mudança de comportamento, ou fazer tratamento porque agora já tem tratamento para drogadas, mas quando deixam a ela sozinha eu acho que não tem solução.

Tens mais alguma coisa a dizer, o que achaste da conversa? A conversa foi boa...foi muito bom falar do meu dia-a-dia, é algo que eu ainda não tinha me apercebido, ainda não havia pensado nisso.

Entrevista 2: Celma de Carvalho

Chamo-me Celma de Carvalho. Vivo no bairro do Alto Maé. Antes de entrar na prisão vivia com os meus pais e continuo vivendo com eles. Antes de entrar na prisão nada fazia, era desempregada. Tive um namorado no passado, tenho dois filhos, um rapaz e uma menina. É a segunda vez que entro na prisão, já havia passado por aqui antes há 3 anos atrás. Antes de entrar aqui pela primeira vez era estudante, após o cumprimento da pena fiz o curso de informática, fui procurando emprego não achei e fiquei em casa.

Que coisas boas e más aconteciam no teu quotidiano antes de entrares aqui? Aconteciam muitas coisas boas...mas é do estilo... eu tive amizades que estragaram a minha vida...o meu primeiro marido, pai do meu primeiro filho, envolveu-me nas drogas, e para mim é por causa das drogas que me encontro neste lugar, eu era uma pessoa dependente, sem drogas não podia fazer nada, sentia-me fraca e naquele momento lá fora eu não queria mais nada a não ser drogas...é muito difícil de explicar mesmo, muito difícil...eu para adquirir o dinheiro para comprar drogas tinha que fazer muita porcaria, mas... desculpa... menos prostituição.

Como é que tú entraste no mundo da droga, como é que tudo começou? Por acaso me lembro tão bem, isto começou assim...ele voltou numa viagem e levou-me para uma das bocas que a gente chama de Colômbia e então ele disse que íamos à casa numa tia dele, então fomos lá e de repente vi-o comprando as tais drogas, a consumir a minha frente e ele perguntou se eu não queria experimentar/provar e que só seria para aquele dia...insistiu-me e eu acabei provando, e daí olha aquilo era do estilo todos os dias. Nós íamos para lá, íamos consumir e diariamente gastávamos muito dinheiro para comprar a droga...comprávamos cocaína.

E em termos de coisas boas o que acontecia contigo? Eu gostava de ficar com o meu filho, para mim era a pedra preciosa que eu tinha na minha vida; minha mãe, meus pais, minhas irmãs, aos fins de semana saíamos juntas para divertir, só que depois comecei a desligar-me delas por causa das drogas. Elas começaram a desconfiar, conversavam comigo e eu desmentia, eu dizia que não consumia droga, mas elas sempre insistiam na desconfiança afirmando que dormia demasiadamente, já não comia, não sentava na mesa para tomar as refeições com a família, a

gente conversa contigo uma coisa boa e tú já não nos respondes bem, faltas respeito a gente. Para mim a minha família já não era nada, o mais importante era apenas a droga.

Com quantos anos tiveste o primeiro filho? Com 20 anos. **Com quantos anos começaste a namorar com o seu primeiro namorado, esse que te levou ao mundo das drogas?** Com 18 anos.

Quando os seus familiares se aperceberam da sua mudança de comportamento, de todos os aspectos que mencionaste, qual foi a reacção deles, e qual foi a sua diante daquela realidade? A minha mãe, por exemplo, dizia que essa história de drogas vai-te pôr na cadeia...querendo como não, porque vais começar a roubar para sustentar o teu vício porque aqui em casa ninguém te vai dar dinheiro para comprares drogas...e até te vais prostituir. Eu tinha alguns amigos que hoje em dia estão bem na vida, pedia-lhes algum dinheiro dizendo que precisava de comprar calças, organizar o cabelo, eles me davam o dinheiro e eu utilizava na compra de drogas. Por causa desta situação perdi alguns amigos, após terem se apercebido que estava no mundo das drogas. Envolvi-me também em muitas discussões com as minhas irmãs, já não nos falávamos, o que me levou a abandonar a casa e fui viver com o meu namorado, o pai do meu primeiro filho. Momentos depois fui detida e depois condenada à prisão, pela primeira vez, no ano de 2007. A condenação foi de 5 anos.

Descreva o que aconteceu para que fosses Condenada. A minha detenção e posterior condenação esteve relacionada à compra de drogas. Fui à casa de uma moça vendedora de drogas, comprei e quando estava caminhando fui interpelada pela Polícia que me revistou e encontrou a droga e o tubo que usava para consumi-la. Posteriormente levaram-me para que eu indicasse o local da compra, a vendedora também foi detida e ficamos co-processas, ela como vendedora e eu como cliente.

Fala-me sobre o seu dia-a-dia aqui na prisão. De manhã vou à machamba que é a minha brigada, por volta das 6 horas, depois volto para cumprir o segundo efectivo às 8 horas, em seguida vou ao banho e depois cumpro o terceiro efectivo que é o pequeno almoço, e depois fico a espera das 12 horas que é o período do almoço. Após o almoço faço a minha digestão, fumo o meu cigarro e depois passo a tarde conversando com uma amiga minha, a minha companheira de

prisão. **Quais são as coisas boas e as más que acontecem aqui dentro?** Para mim é assim... onde há mulheres há sempre fofocas, as pessoas procuram montar armadilhas para si, acontecem roubos de pertences pessoais...Eu prefiro manter-me distante dessas pessoas, gosto de ficar no meu canto, não mexo com ninguém. **E quanto as coisas boas?** Para mim a coisa boa que acontece aqui é ir à igreja para afastar as maldades que existem aqui, ficar distante dessas moças que eu nem as conheço e nem são do meu nível. **E como é que é a convivência entre vocês reclusas aqui dentro?** Não estou habituada a conviver com este tipo de gente, não são respeitosas, são mal criadas...não estou habituada a este tipo de pessoas.

Esta é a segunda vez que tú passas por aqui, por quanto tempo foste condenada? Fui condenada a 4 meses de prisão. **O que aconteceu?** Tinha um vizinho no Alto Maé e ele era meu amante, e a namorada ou mulher dele encontrou-nos juntos no carro e ela veio para o meu lado para fazer confusão comigo, pegou numa garrafa de cerveja atirou para mim e felizmente consegui esquivar-me dela, peguei na mesma atirei-a contra ela e aleijei-a. **E depois disso?** Ela colocou o problema na esquadra, fiquei detida durante uma semana, tentei conversar com ela e prometi responsabilizar-me pelos tratamentos da ferida, mas ela não quis me ouvir. Assim tudo acabou terminando com a minha prisão. **Não achas que podias ter procedido de outra maneira?** É que naquele momento a gente nunca controla os nervos...entendes...mas eu quando sair daqui hei-de ir à casa deles e pedir desculpas. **Mas quando isso aconteceu não estavas sob efeito de álcool, droga?** Não...estava sob efeito de amores...risos.

O que achas que foi da sua responsabilidade para estares aqui neste momento? É do estilo...eu estava a namorar com o marido dela, e sabia que ele tinha mulher. **Então assumes que a responsabilidade é inteiramente tua.** Assumo, mas também é dele por não ter sido sincero para com a sua companheira.

O que achas que deve mudar na sua vida para não voltares a cometer um outro crime? Boa pergunta essa! Para mim quando eu for a sair daqui terei que respeitar em primeiro lugar aos meus familiares, principalmente aos meus filhos para amanhã eles crescerem a saber de que isto não podem fazer, porque tarde ou cedo eu terei que contar aos meus filhos todas as situações pelas quais passei, e explicar a eles o que é bom e o que não é. Tenho que mudar as amizades que tinha lá fora porque se for a envolver-me com as pessoas que consomem as drogas irei voltar à

mesma situação, não falha. Logo que eu sair daqui irei procurar um emprego, mas antes gostaria de voltar a estudar. **Em que classe paraste de estudar?** Estava a frequentar a 10a classe.

O que pensas em fazer logo que cumprires a pena, quais são os seus projectos para o futuro? O meu projecto era de realizar o meu sonho de infância... são dois sonhos, mas o principal é de ser hospedeira, e tenho a certeza de que vou ainda a tempo. O outro sonho é de ser uma militar. Para além de dar continuidade com a escola e procurar um emprego, também procurarei encontrar um novo namorado, mas que trabalhe e faça algo honesto. Eu também terei que fazer algo honesto para evitar que retorne a este lugar.

Achas que tens recebido o apoio necessário da sua família? Sim, particularmente da minha mãe, ela é a minha melhor amiga, nunca lhe escondi nada, todos os meus problemas colocava nela, ela dava-me conselhos, ela sempre me acolhia, mas ficou muito abalada com a minha prisão desta vez. **E quanto ao apoio do pai?** É assim...o meu pai está separado da minha mãe, ele está vivendo com uma outra mulher, mas continua dando a respectiva pensão à minha mãe.

Na sua opinião o que achas que deve ser feito para que os jovens não cometam crimes? Não há empregos para os jovens, os locais de consumo de drogas devem ser eliminados. **Mais alguma coisa gostarias de dizer, só para terminar a nossa conversa?** Para mim é do estilo...foi uma surpresa, chegaste aqui no dia do meu aniversário, estou muito feliz, agradeço, gostei da entrevista!

Entrevista 3: Almirante Samuel

Chamo-me Almirante Samuel, tenho 18 anos, antes de ser detido morava em Mafalala em casa da minha tia, meu pai não estava, foi transferido em missão de serviço para trabalhar na Beira...eu vivia com a minha tia, o meu pai e a minha madrasta no bairro da Mafalala. A minha mãe vive no bairro da Malanga, está separada do meu pai...e aí o meu pai foi transferido para Beira, ele levou a minha madrasta, os meus irmãos mais pequenos (sou o mais velho da família, tenho dois irmãos). O que aconteceu é que eu fiquei com a minha tia, mas a uma dada altura as nossas relações não eram boas, daí encontrei um amigo, ele vinha brincar na minha zona, eu brincava com ele, ele levou-me à cidade para darmos algumas voltas, e eu não sabia que ele roubava coisas do dono, ele me ensinou a roubar e chegou um certo momento que abandonei a casa e comecei a viver na rua.

Tive problemas de relacionamento com a minha tia, porque há vezes em que a minha tia se zangava comigo por chegar tarde à casa e ela não abria a porta para mim, não me incluía no jantar nem no pequeno almoço e isso me deixou muito perturbado no meu coração e daí decidi ficar na rua. Na rua comecei a fazer coisas que não davam para nada, comecei a estragar coisas do dono, a beber bebidas alcoólicas, a roubar coisas do dono, eu e o meu amigo assaltávamos pessoas na rua. É a primeira vez que entro na prisão, mas já havia passado pela esquadra algumas vezes. Fui preso quando morava praticamente na rua. Frequentei a escola, estudei na Escola de Namaacha, na Escola da Munhuana e estudei na Escola Unidade 23.

Fala-me sobre a sua vida antes da prisão, o que fazias diariamente, o que acontecia de bom e de mau. Na minha vida eu fui uma pessoa que gostei muito de aprender (concluí a 9a classe) e ainda gosto de aprender, há várias artes que sempre gostei de aprender como electricidade, serralheria, carpintaria; são as artes que aprendi e já sei praticar. Também vivi coisas boas com os meus avós, com a minha mãe e com o meu pai, mas logo que o meu pai viajou para Beira tudo virou sofrimento porque quando eu saí de casa e fui viver na rua tudo era sofrimento. Lá as vezes eu me achava melhor porque conseguia fazer tudo o que eu queria, em qualquer momento, mas era sofrimento para mim porque lá a gente se matava, lutava, se um amigo guardasse raiva contra mim era capaz de vir a noite e queimar-me enquanto dormia. Essas são as coisas boas e tristes que passei na minha vida.

Fala-me sobre a vida na rua. A vida na rua é muito pesada porque um menino da rua não depende da mãe, do pai, depende de si próprio para conseguir alimentar-se, daí ele pode roubar para conseguir alimentar-se, pode fazer biscatos para conseguir alimentar-se. Existem alguns centros que acolhem meninos da rua durante o dia, mas a noite eles voltam e dormem na rua...a maneira de dormir também é outra forma...eles dormem em abrigos feitos de papel e plástico e a qualquer momento pode aparecer alguém mal intencionado e queimar enquanto o indivíduo estiver a dormir, correndo riscos de morrer. A vida da rua é assim mesmo...eles conseguem biscatos como lavar carros, fazer limpeza em residências ou em armazéns, carregar sacos, é desses biscatos que eles conseguem sobreviver, mas há certos momentos que eles ficam tempo sem conseguir nada...e daí eles vão preferir roubar para conseguir dinheiro para se alimentar e isso lhes leva a entrar na prisão.

Tú achas que existe o lado bom de viver na rua. Viver na rua para mim, em função de tudo o que passei, não é algo bom...agora estou preso por causa da vida na rua, arrependo-me de ter abandonado a minha casa, pergunto-me se eu tivesse voltado para casa a minha tia me matava? Veja agora estou aqui preso e não recebo visitas dos meus familiares...nunca tive contacto com eles, e isto tudo porque fugi de casa...viver na rua não é uma coisa boa, mas para mim foi uma fase da vida que sempre estará registada na minha mente de que aquela vida nunca é boa...vi meus colegas a matarem-se por causa de uma mulher, por causa de dinheiro, por causa de somente um telefone...eu vi que na rua não há vida, a rua só traz miséria, não há futuro que tu vais buscar na rua. Agora me arrependi por tudo, por isso penso em voltar para casa, pedir perdão a minha tia, pedir perdão ao meu pai, e voltar de novo a estudar, trabalhar, conseguir um bom emprego...talvez vir a ser um polícia para sustentar a minha vida, do que ir ficar na rua. **Mas há quem diz que uma das coisas boas de viver na rua é a liberdade.** A boa coisa na rua é a liberdade porque você bebe, enquanto em casa te podem proibir, você fuma, você fuma drogas e drogas pesadas, você dorme e acorda a qualquer momento, fazes o que quiseres a qualquer momento, essa é a coisa boa na rua.

Que dificuldades mais te preocupavam antes de entrares na prisão? O que me preocupava era ter uma boa vida, ter o que eu quisesse, mas o caminho que eu levava era errado, preocupava-me em ter qualquer coisa que eu precisasse. Por exemplo, eu gosto de dinheiro, gosto de ter algo bom para mim, ter uma boa calça, uma boa camisa, um bom sapato...isso é que me preocupava

mais. Mas agora o que me preocupa mais é ter uma vida, uma família, e ter uma casa e um bom emprego.

Fala-me sobre o seu dia-a-dia aqui na prisão. Iniciei com o cumprimento da minha pena na Cadeia Central de Maputo em junho de 2010 (lá fiquei 1 ano, e em junho de 2011 fui transferido para o Estabelecimento Prisional Juvenil de Boane), no início a vida foi difícil (havia punições, as casas de banho não estavam em boas condições, havia problemas de água, a alimentação não era adequada) mas um mês depois fiquei tranquilo porque conseguia dar as minhas voltas, fazia exercícios, ginástica, jogava futebol; gostei muito também porque ia à escola, me ocupava em outras actividades e o dia passava sem que me apercebesse. Aqui no Estabelecimento Prisional Juvenil de Boane está melhor porque conseguimos estudar, conseguimos fazer vários trabalhos, participei em cursos de activistas sobre várias doenças. Aqui as pessoas de facto recuperam, embora estamos num regime fechado, vamos a escola, os professores dão boas aulas. O problema é a falta de um campo para fazermos os nossos exercícios, mas aqui estamos bem porque esta cadeia está a recuperar de verdade a nossa memória.

Qual é o crime que você cometeu/que te levou aqui à prisão? Foi num sábado em 2010, eu e o meu amigo fomos numa casa abandonada chamada "José Algarve" a procura de um companheiro que havia fugido com o telefone do meu amigo. Saímos ao encontro dele...mas a nossa intenção não era de roubar...! Fomos ao encontro dele, o meu amigo sugeriu para que levássemos alguma coisa para nos protegermos (faca e chave de fenda) em caso de surgir alguma confusão no local. Chegamos lá mas o companheiro não estava e voltamos para casa. Descemos através "das escadas das barreiras" na zona do "Hotel Cardoso" e ao descermos as escadas, atrás de nós estava a descer um senhor, o meu amigo reparou e disse que vamos lá levar dinheiro, com a agitação da bebida que tinha na cabeça concordei com o meu amigo e fomos ao encontro do senhor. Tirei a faca que trazia, o meu amigo tirou a chave de fenda e dissemos que estamos a pedir dinheiro senão este será o teu fim. O senhor levantou as mãos, tiramos o telefone, a carteira dele e entramos no mato. A carteira tinha um valor de 2 mil meticais. Momentos depois, enquanto circulávamos na cidade, fomos interpelados por um carro da polícia e nele também estava o nosso ofendido. Tentamos fugir mas fomos retidos pela polícia e transportados para a esquadra, fomos encontrados com as armas brancas que levávamos no momento do roubo. Este é o crime que me levou até aqui.

O que é que te levava a cometeres crimes? O que me levava no fundo a cometer crimes era por falta de algo, porque de facto eu já tinha muitos vícios, vício de beber, vício de fumar, vício também de querer comer, e vício de querer vestir também. Para adquirir essas coisas era necessário ter algum dinheiro no bolso, mas para adquirir o tal dinheiro não era fácil, isso é que me levava às vezes estragar as coisas dos outros, porque eu roubava faróis, roubava espelhos, abria carros do dono, assaltava as pessoas de qualquer maneira. Isso é que me levou a cometer esses actos para satisfazer as necessidades que expliquei.

Não achas que podias proceder de uma outra forma diferente desta? Eu acho, porque o que eu fazia de facto nada era bom, nada punha alguém feliz, porque o que eu fazia quem ficava feliz somente era eu que cometia, mas não ficava feliz...aquela forma de que eu estou feliz...não, mas eu ficava feliz porque já adquiri o dinheiro, mas aquele dinheiro não "comia" sossegado, "comia" aquele dinheiro a ter medo, porque a qualquer momento o dono podia aparecer. Mas não é todo o momento que eu roubava... eu roubava bem com a agitação da bebida, mas sem bebida alcoólica eu rejeitava todos os convites para cometer maldades, preocupava-me em lavar carros, fazer biscatos. **Bebias apenas, não consumias drogas?** Eu...drogas consumi, mas depois eu bebia. **Quais são as drogas que tú consumias?** Soruma, cigarro, dieseapan,...mas agora estou arrependido de tudo.

O que achas que deve mudar na sua vida para que não voltes a cometer crimes? O que eu acho para mudar a minha vida é ter um bom emprego, estudar, viver feliz com a minha família, ter uma casa e viver com a minha família, é assim que eu acho que posso viver de hoje em diante.

O que é que tú vais fazer para que isso aconteça? Por exemplo... logo que eu sair daqui chegarei em minha casa e pedirei perdão, daí tratarei dos meus documentos (não tenho bilhete de identidade, tenho apenas a cédula), tentarei pedir um empréstimo à minha mãe e ao meu tio para desenvolver algum negócio, é assim como eu penso.

Acabaste respondendo a pergunta que te vou colocar agora, quais são os seus projectos para o futuro? Estudar, fazer alguma coisa que me ajude na alimentação em minha casa, mas estudando sempre porque o que eu quero mais é a sabedoria. **Que tipo de apoio gostarias de ter por parte da comunidade, da família?** Gostaria de ter um apoio para abrir um negócio, fazer

um empréstimo de algum dinheiro; mas se isso não for possível tenho arte nas minhas mãos, sou serralheiro, sou carpinteiro, posso pedir ajuda em materiais para desenvolver um negócio nestas áreas.

O que achas que deve ser feito para impedir que os jovens cometam crimes? Por exemplo na cidade, na minha opinião, os que mais roubam, os que fazem a bandidagem na cidade, são pessoas da rua, porque se eles fazem aquilo não é porque eles gostam, é por falta de dinheiro, assim é importante que se dê emprego, porque muitas vezes eles fazem aquilo na rua por falta de dinheiro para se sustentar, porque eles também gostam de se vestir e estar como os outros, e gostam daquilo que os outros gostam, são as necessidades que lhes levam a roubar, fazer coisas más para conseguir adquirir o dinheiro. Se o governo fizesse a recolha de todos e desse emprego e possibilidades de habitação talvez se controlasse o problema.

Tens mais alguma coisa a dizer? Agradecer e dizer que aqueles que estão na rua sofrem mas não sentem a dor, porque eles estão em liberdade mas eles sofrem em certas coisas que eles precisam, por exemplo uma casa, uma boa vida, uma boa família...sofrem essas circunstâncias. Sugiro que se ajude aquelas pessoas porque para a cidade tornar-se limpa, para acabar com a bandidagem...a bandidagem sempre haverá, mas para aqueles casos...são aqueles bandidos tão pequenos que gostam de entrar em sítios que não dá para entrar, mas para eliminar aquilo tudo é tirá-los daquela realidade e dar-lhes uma nova vida.

Entrevista 4: Camilo Felizberto

Chamo-me Camilo Felizberto, tenho 19 anos de idade, quando cometi o crime tinha 18 anos. Vivia no bairro das Mahotas com o meu pai, minha mãe e os meus irmãos. Tenho seis irmãos e sou o penúltimo da família. Fui condenado em 2010 e na altura estudava na 7a classe na Escola Primária Nelson Mandela em Laulane. É a primeira vez que passo pela prisão, nunca havia passado nem pela esquadra anteriormente.

Fala-me sobre a sua vida antes da prisão (o que fazias, o que acontecia de bom e de mau, que dificuldades mais lhe preocupavam): de facto eu passava dificuldades sim, mas não tantas...a minha mãe não trabalhava, nem o meu pai, então para estudar era um problema sim, era um problema grande, os meus irmãos me ajudavam para eu estudar, compravam roupa para mim e muito mais. Eram apenas essas dificuldades. Claro que aconteciam coisas boas, o meu diário consistia em acordar e ir à escola, depois da escola regressava à casa, jogava futebol, brincava com os meus amigos.

Fala-me sobre o seu dia a dia aqui na prisão: o diário aqui na cadeia é o mesmo, só acordamos vamos a escola, e depois da escola vamos ao almoço, daí ficamos trancados já que é um regime fechado, estamos sempre trancados ali dentro, converso com os amigos e quando me canso vou descansar. O relacionamento é bom, converso com todos, todos são bons. **Achas que o ambiente aqui contribui para a regeneração dos jovens?** De facto ainda não vimos isso porque ficamos ali dentro trancados e só saímos quando vamos almoçar e quando há trabalhos ali fora. Acho que deviam acontecer mais actividades, desporto também. Acho que a Cadeia Central é melhor que esta, porque lá o regime é aberto e aqui é fechado, lá era fácil te movimentares e conversar com outros amigos, aqui é um problema saíres de uma cela para a outra, na Cadeia Central havia desporto, futebol e muito mais.

Qual é o crime que tu cometeste? foi violação...foi violação de uma menor. Isso aconteceu numa noite de domingo... no dia 13 de Dezembro de 2009 por volta das zero horas. Eu estava numa barraca a beber cerveja, de repente surgiram duas moças fora da barraca, então saí e peguei as duas, uma conseguiu escapar e fugiu, levei aquela para a casa da minha tia onde eu tinha um quarto só meu, sozinho, no bairro das Mahotas. Cheguei, meti a ela no quarto, quis falar com ela,

mas ela não queria, então peguei a ela à força...e depois ela dormiu comigo nesse dia. Ela tinha 16 anos. Ela foi para casa de manhã por volta das quatro horas. As cinco horas ela já estava entrando na minha casa com os irmãos e o pai, vieram ter comigo, falaram comigo e foram para casa. Mais tarde retornaram com agentes da polícia...e me prenderam. **Quando ela chegou em sua casa o que disse?** Ela disse que este moço violou-me. **Por que é que tu procedeste desta maneira?** Não sei dizer...eu acho que foi o álcool. Foi o álcool porque lúcido eu nunca imaginava fazer isso. **Não achas que podias ter agido duma forma diferente?** ...Acho...deveria me ter aproximado, conversar com ela, conquistar-lhe primeiro.

O que achas que deve mudar na sua vida para não voltares a cometer um outro crime?

Acho que devo me afastar do álcool e me dedicar à escola como vinha dantes...estudar mais. O problema é que quando consumo álcool não consigo me controlar. No passado esfaqueei alguém por causa do álcool, envolvi-me em encrencas. O esfaqueamento aconteceu numa discoteca, por causa duma namorada. Não fomos parar na esquadra, fugi e o caso terminou assim.

O que vais fazer logo que cumprires a pena/quais são os seus projectos para o futuro?

Quero voltar a estudar...

Na sua opinião o que achas que deve ser feito para impedir que os jovens cometam crimes?

Todos os jovens que eu converso com eles falam do álcool, estão aqui na cadeia por causa do álcool.

Tens mais alguma coisa a dizer em relação à nossa conversa? Não tenho mais nada a dizer.

Entrevista 5: Constâncio Julião

Chamo-me Constâncio Julião. Tenho 20 anos de idade, antes de vir para aqui estudava na Escola Primária A Luta Continua, frequentava a 4a classe, vivo na Zona Militar (Bairro da Coop), com os meus pais e meus irmãos. Tenho quatro irmãos e sou o mais velho da família. É a segunda vez que sou condenado, a primeira foi em 2010 e fui condenado a 7 meses de prisão por roubo numa barraca. Condenado a dois anos de prisão nesta segunda vez. Parei de estudar, era um consumidor de drogas, não conseguia viver sem drogas, tinha sempre que consumir alguma coisa, desgraçava a minha família, roubava o dinheiro da minha mãe, roubava comida...fazia muitos estragos. Fui conduzido à esquadra por várias vezes e a minha mãe me tirava, mas ela acabou se cansando, disse que já não sabia o que eu queria, disse que já me havia ajudado bastante e que estava sem saber o que fazer. Continuei criando muitos problemas e acabei parando aqui, estou aqui juntamente com um amigo meu.

Quantas vezes passaste pela esquadra? Várias vezes. **Que tipo de crimes te levavam à esquadra?** Roubo de telefones e outros pertences de pessoas na estrada, nalgumas vezes os bens eram recuperados, deixavam-me em liberdade, mas voltava a cometer os mesmos problemas, eles cansaram-se dos meus problemas, viram que eu não iria parar e me enviaram para este local. **Com quantos anos te envolvereste no mundo das drogas?** Com 13 anos, comecei fumando cigarros na escola com amigos, consumindo bebidas, envolvi-me no consumo da soruma e de outras drogas, assim comecei a entrar no mundo das drogas. Eu e os meus amigos assaltávamos residências para conseguirmos dinheiro para sustentar os nossos vícios, cheguei até a vender os meus próprios pertences. Minha mãe me chamava sempre atenção, o meu pai levou-me para a província de Tete, onde está a residir neste momento por razões profissionais (ele é militar), continuei com os mesmos problemas e acabei voltando de novo aqui para Maputo. A minha família acabou se cansando de mim, mesmo aqui na cadeia eles não me visitam.

Fale-me sobre a sua vida antes de entrares aqui na prisão, o que tú fazias diariamente? Diariamente era só fumar, não fazia mais nada, eu era dependente da droga, roubava, assaltava pessoas na rua...eu era mesmo dependente, não conseguia deixar a droga, praticamente para deixares a droga tens que entrar aqui na cadeia...por isso peço ajuda para poder deixar a droga, não sei se alguém me pode ajudar! **O que é que acontecia de bom e de mau antes de vires aqui**

à cadeia? Coisa boa é o apoio que recebia da minha família, apoiava-me nos momentos em que eu precisava de ajuda, suportava a matrícula para a escola; fui ajudante de pedreiro na Matola e conseguia dinheiro para comprar pelo menos uma calça, uma camiseta. Coisas más foram os estragos que eu fazia em minha casa e para a minha família, vendia muitos bens da minha casa, é por isso que eles já não aguentavam com o que eu fazia. **O que é que mais te preocupava nessa altura?** Era deixar a droga, não tinha outra preocupação porque em casa não tinha falta de nada. **Mas que esforço tú fazias para deixar a droga?** É tão difícil deixar aquela droga, não há como deixar aquela droga, crack não há como...não há como com aquela droga, quando tu fumas aquela droga tu ficas mesmo doente...ficas mesmo doente, para tu ficares livre tinhas que ir roubar alguma coisa, vender e ir fumar...a minha vida era só essa...não pensava em mais nada, não pensava em mais nada...era só roubar e fumar. Se não estivesse a fumar estava na esquadra, mesmo tempo para comer já não tinha, mesmo tempo para me cuidar já não tinha...minha vida era só roubar.

Fale-me sobre o seu dia-a-dia aqui na prisão. Aqui eu estudo... vou a escola, estou a fazer a 2a classe, estou começando tudo de novo porque quando eu estava lá fora não aprendi nada. Para além de ir à escola participo nas actividades desportivas, jogo futebol, lavo a minha roupa... pelo menos distrair-me um pouco, vou receber o almoço, vou ao efectivo/parada. **Como é que é a convivência entre vocês aqui na cadeia?** Aqui cada qual tem o seu stress, não vais conseguir perceber o que cada um está a pensar, cada um está na sua vida, cada um está no seu canto, cada um está pensando no seu processo e na data em que termina a sua pena para ir à sua casa, é muito arriscado envolver-se com alguém de qualquer maneira porque nalguns casos isso termina muito mal.

Qual é o crime que você cometeu? Roubo...arranquei uma bolsa que continha um telefone, dinheiro (490 meticais), dois brincos de ouro, documentos pessoais, cartões do banco...mas depois ela recuperou os documentos porque quando nós roubamos (éramos dois), roubamos na Avenida Kwame Kruman, pois a minha zona está próxima desta avenida. Só que no acto alguém reconheceu-nos e essa pessoa facilitou a localização da minha casa...quando apercebi-me pus-me em fuga. A minha mãe tratou de me procurar e encontrou-me numa zona chamada Comboio, conseguiu encontrar-me e disse "Constâncio aquela moça só está a precisar dos documentos, das chaves de casa apenas". Em seguida tratei de localizar o meu amigo, ele é que havia ficado com a

bolsa. Procurei por ele e encontrei-o na casa onde vendem droga e expliquei-lhe da situação. Consegui levar a bolsa (sem o celular e o dinheiro) de volta. Vendemos o telefone e consumimos todo o dinheiro. Momentos depois, porque o caso já havia sido colocado às autoridades, fomos localizados e detidos pela Polícia.

Porque é que você procedeu assim, não acha que devia ter procedido de outra forma?... Mas de que forma eu devia proceder... ameaçando com faca?! Isso teria sido mais grave para mim, seria mais condenação para mim, eu só podia agir daquela maneira arrancando, porque ameaçando, atacando a ela seria tentativa de homicídio e seria mais problemas para mim, por isso que foi mais fácil proceder daquela maneira porque não agredimos a ela, não fizemos nenhum mal, só levamos os bens dela. **O que você acha que foi da sua responsabilidade para chegar aqui? Até chegarmos aqui é que não havia coordenação entre nós, cada um falava à sua maneira... cada qual estava a negar à sua maneira... não tínhamos coordenação, cada qual dizia o que entendia, atiramo-nos culpas um ao outro, cada um de nós queria se safar da situação.**

Na tua opinião o que é que te leva a cometeres essas infracções? Sem consumir droga, sem nada na cabeça não consigo agir, mas quando fumo droga ganho coragem de me apropriar de bens alheios, consigo ameaçar as pessoas e levar os seus bens...eu sou dependente da droga. **E os seus pais nunca te levaram ao tratamento?** Já me levaram para um sítio chamado REMAR, mas não consegui ficar nem um dia lá, saltei o murro, já não estava a aguentar com a ressaca da droga, sentia constipação, dores de barriga, febres, dores de cabeça, não conseguia comer, não conseguia fazer nada...só ficava na cama...pensei que estivessem para me matar, enquanto me estavam a ajudar, mas saltei o murro. **E aqui como é que te arranjas?** Eh pá aquilo já passou, a ressaca já passou... porque a ressaca daquilo dura seis dias, se você consegue superar os seis dias, a partir do sétimo dia já podes te sentir mais ou menos.

O que é que tu achas que deve mudar na tua vida para não voltares a cometer crimes? Eu acho que devo deixar a droga, devo decidir deixar a droga, porque quando eu não fumo eu não faço nada, sou um bom menino, a minha mãe até gosta de mim quando eu não fumo, consegue me ajudar e eu até consigo ajudar a própria minha casa, o que eu devo decidir é mesmo deixar a droga, eu estou decidido a mudar, tenho que começar a mudar aqui para chegar lá fora também mudar.

O que é que vais fazer logo que cumprires a pena, quais são os seus projectos para o futuro?

Eu como não tenho um nível académico o meu objectivo é sair daqui e procurar trabalho, sair da minha casa, ter a minha própria casa, conseguir construir a minha própria vida, ter uma vida bonita, ter os meus próprios filhos, ter um pequeno emprego, mesmo que seja ser tropa ou segurança, porque com o meu nível académico só posso conseguir isso aí, porque se eu continuar com a vida que levava dantes já não volto para aqui, só posso ir mesmo para o céu. **E não pensas em voltar para a escola.** Para a escola não achas que já é tarde? Risos...**Costuma-se dizer que para a escola nunca é tarde...**A idéia é boa, porque com um nível académico posso ter um bom emprego...**Ou podes fazer as duas coisas em simultâneo...**ou mesmo ir à tropa porque lá trabalha-se e estuda-se ao mesmo tempo.

O que é que tú achas que deve ser feito para impedir que os jovens se envolvam no mundo do crime?

A minha idéia é que os jovens devem evitar emoções, as emoções é que levam até aqui, emoções de querer competir, de querer mostrar que eu tenho mais que aquele, que eu quero ter mais que aquele, e você não tem, precisa roubar para conseguir o que pretendes. Se você não trabalha, depende de mamã e papá, e queres beber todos os dias, só podes roubar. Queres ter umas sapatilhas, uma camisete bonita muito cara...é assim que muitos jovens se desviam e acabam parando aqui.

Para terminar, tens mais alguma coisa a dizer em relação a esta entrevista, em relação à

questão dos jovens e o crime? Por mim gostei de ser entrevistado, já precisava de dizer tudo o que estava dentro de mim, também é uma forma de mostrar que estou a precisar de uma ajuda...preciso de ter documentos porque até ao momento não tenho nenhum...e a partir daí já posso procurar emprego.

Entrevista 6: Dil Félix

Chamo-me Dil Félix. Tenho 19 anos de idade, fui condenado em 2011 (tinha 18 anos) a quatro anos de prisão. Antes não fazia nada, com amigos apenas roubávamos, roubávamos telemóveis, bolsas e dinheiro. Terminei de estudar na 5ª classe em Ressano Garcia. Antes da prisão morava em Xipamanine, em casa da minha tia. Vivia com a minha tia, o meu pai está em Ressano Garcia e a minha mãe trabalha na África do Sul. Eles não vivem juntos, estão separados. Estão separados há 6 anos atrás. Saí de Ressano Garcia em 2009, a minha tia pediu para que vivesse com ela porque estava sozinha, não tinha ninguém para cuidar. É a primeira vez que entro na prisão, já havia passado pela esquadra antes, mas não por roubo, fomos resolver problemas familiares com o meu pai e a minha mãe.

Fala-me sobre o seu dia a dia antes da prisão: sou um jovem que gostava muito de estar com o meu pai e a minha mãe em casa, o meu primeiro amigo na vida foi o meu pai, ele me ensinava a trabalhar, me ensinava a pintar a casa, jardinagem, só que o meu pai e a minha mãe separaram-se e ele foi viver com outra esposa numa outra casa. Fiquei sem amigo, ia a casa do meu pai e voltava, ia a casa do meu pai e voltava... mas chegou um certo momento em que me cansei porque era distante. Ele começou a falar mal de nós os filhos...comecei a envolver-me com os meus amigos, em casa já não fazia os trabalhos, a minha mãe falou comigo dizendo que devia fazer os trabalhos, chegou um momento em que eu já não queria ouvir nada de escola, fiquei sem ir à escola, fiquei sem trabalhar em casa, e fiquei sem ouvir nada, eu já não queria ouvir nada de ficar em casa. Eu não sei porque isso aconteceu, acho que o diabo tinha entrado em mim, dentro do meu corpo...me dirigia. Já...tive amigos...sempre me entendia com aqueles amigos que não me levavam no mesmo caminho que a minha mãe me dizia. Comecei a maltratar as pessoas no caminho, comecei a beber de qualquer maneira, cada dia que passava eram problemas comigo...levava problemas para casa, a minha mãe resolvia e outros não conseguia resolver. Ela cansou-se e foi procurar trabalho porque as coisas já estavam difíceis cá, ela foi trabalhar na África do Sul e até agora ela continua a trabalhar lá. Assim também me cansei e estou aqui...estive em casa da minha tia, tive problemas com os meus amigos e me prenderam aqui. Dizer que a minha mãe não me nasceu a fazer este tipo de coisas...também dizer que bom filho volta a casa... vou voltar um dia e fazer o que vai agradar a minha mãe.

Nessa altura o que é que mais te preocupava, quais são os principais problemas que tú tinhas? Eu nasci numa família rica...o meu pai tinha dinheiro, mas as coisas estragaram-se quando ele se separou da minha mãe, já não nos dava dinheiro...nem para nada...me envolvi com os amigos. E eu ia para lá onde ele trabalhava...sempre pedir dinheiro...um apoio, mas não nos dava. Chegou um certo momento em que eu vi que a minha mãe é uma mulher, as minhas irmãs também...são adultas em relação à mim... não podem me dar de comer, comprar roupa...comecei a envolver-me naquela vida mesmo. Nos primeiros dias eu tinha dinheiro de comprar roupa, conseguia dinheiro, mas chegou um certo momento que a minha mãe disse que a vida que estava a levar não era boa para mim, o que me preocupava muito era só dinheiro...mas dizer também que dinheiro nunca se procura a força, é preciso se procurar de outra maneira...doutra maneira.

Que coisas boas aconteciam contigo nessa altura? Coisas boas...por mim coisas boas não existiam...coisa boa é o momento em que eu estava com a minha mãe e o meu pai, mas quando eles se separaram as coisas tornaram-se difíceis, muito difíceis...eu amava a todos. A minha mãe está na África do Sul, o meu pai está em casa dele...assim as coisas tornaram-se complicadas...isso deixou-me muito desamparado.

Fala-me sobre o seu dia a dia aqui na prisão: eu gosto de ir à escola, gosto de fazer limpeza onde eu dormo, gosto de respeitar ao outro, e gosto de respeitar os próprios agentes que estão em contacto comigo...o que acontece é que aqui não estou em casa, mesmo que estivesse em casa...todas as coisas estão difíceis. **E o relacionamento com os colegas?** É o seguinte...eu sou tímido...mas gosto de conversar com amigos, mas não é conversar algo que não vai comigo...tenho tempo de conversar com os meus amigos, não todos os dias quando eu acordo vou conversar não...tenho tempo de estar sozinho, pensar as minhas coisas...também não é lá muito que tenho muitos amigos...só converso com eles mas não são meus amigos que possam entrar no meu coração. **Achas que o ambiente de reclusão ajuda na recuperação do indivíduo?** Para mim consigo ver muito que me estou a orgulhar hoje, o que eu fazia na sociedade civil e o que eu faço aqui na cadeia é diferente...na sociedade civil eu não tinha respeito com ninguém, eu não sabia que aquele ali é um ser humano para mim, mas aqui é possível ver que aquele é um ser humano, aquele é um irmão mais velho em relação a mim, aquele é mais novo em relação a mim, e na sociedade civil eu tinha muito barulho...eu bebia de qualquer maneira, eu fumava de

qualquer maneira, mas hoje que estou aqui já não fumo , vejo amigos a fumar mas eu já não me envolvo naquele fumo...para mim me sinto muito recuperado.

Qual é o crime que você cometeu? O crime que eu cometi foi agressão física...agredimos uma pessoa e depois levamos os bens dele: telemóvel, dinheiro, chaves do carro e carta de condução. Foi no dia 12 de Novembro de 2010 na Rua da Mesquita, na zona quente/na baixa, eram 23 horas. Estávamos ali, éramos quatro com o meu co-processo que estava parado no Luso...conheci-o no local através de um amigo que estava comigo. Fomos ter com um senhor, mandamos parar e perguntamos de onde e para onde, ele disse que vou ao Copa Cabana. Nós pedimos refresco e ele não quis nos dar refresco, e o meu co-processo apertou o pescoço, levamos a carteira, telefone, e chaves do carro... e deixamos a ele. Fomos directamente na rua da Karl Marx, momentos depois mandaram-nos parar com a polícia no mercado central, paramos... e disseram que vocês acabam de sequestrar alguém, os bens estão aonde!!! Devolvemos os bens, outros bens só foram recuperados às quatro. Entregamos os bens...o que não encontrou o nosso ofendido foi o cartão do telemóvel, porque o telemóvel dele também foi muito difícil para poder encontrar. Apareceu uma moça que o marido estava preso connosco, trouxe o telefone, juntou-se com os outros bens dele e entregaram ao ofendido...nada tinha sido vendido, o telemóvel havia sido entregue a uma moça que o marido estava preso connosco...a mulher da pessoa que estava presa connosco trouxe o telefone, o que não se encontrou foi o cartão do telemóvel. O que aconteceu com o cartão do telefone não sei dizer...não posso explicar. Também...para dizer que éramos quatro, naquela esquadra onde estávamos presos pediram dinheiro para sairmos todos, só que de facto eu não tinha nada no bolso, aquela moça pagou para o marido e para aquele outro. Saíram os dois e fiquei eu e o meu co-processo. Saímos dali fomos a Cadeia Civil, da Cadeia Civil fomos parar na Cadeia Central, da Cadeia Central fomos directamente para o tribunal... na cadeia central entrei no dia 26 de Janeiro e fiquei seis meses detido...depois fui ao tribunal... e estou aqui a cumprir até hoje. **O que é que te levou a proceder dessa maneira?** O que me fez fazer isso nesse tal dia...eu estava muito drogado de bebida...eu estava maningue drogado de bebida, quase a minha droga é a bebida, porque fumar já estou a seis anos sem fumar...eu fumava lá fora, só que deixei desde a sociedade civil...a única droga é bebida...o que me fez fazer esse tipo de coisa nesse tal dia foi bebida. **Sempre que você se envolveu em roubos isso aconteceu sob efeito do álcool?** Quando eu não estou drogado com bebida, com o álcool não...não faço essas brincadeiras...não faço...tremo muito...tenho medo de fazer esse tipo de coisas. **Não achas**

que poderias encontrar uma outra forma de sobrevivência? Epáaa...assim...encontrar uma maneira de viver...quero muito viver uma vida boa...além de viver uma vida que não ajuda a minha própria pessoa...quero muito viver uma vida boa.

O que achas que deve mudar na sua vida para que não voltes a cometer outro crime?

Deixar de beber e me encaminhar para a escola...trabalhar também...trabalhar também indo para a escola...aí a minha vida pode mudar de verdade. Além disso posso ficar também em casa... o importante é respeitar a minha mãe e as minhas irmãs...assim vou me sentir que mudei. **Quais são os seus projectos/sonhos para o futuro?** Os meus sonhos...depois de cumprir a pena...eu gostaria de voltar para casa, onde o meu pai deixou a casa com elas...em Ressano. **Porque não voltas à Xipamanine?** Porque minha tia...não sei se ela pode me receber como me recebeu da primeira vez, me sinto muito envergonhado em voltar para lá depois de ter entrado na cadeia. Em Ressano posso ajudar a minha mãe e o meu irmão mais novo, estudar e trabalhar. Em termos de apoio gostaria de ter ajuda da minha família, só que da parte do meu pai não tenho a certeza de que ele me vai apoiar, mas da parte da minha mãe tenho a máxima certeza de que ela vai me apoiar e as minhas irmãs também. Apoio em termos de trabalho...!

Na sua opinião, o que achas que deve ser feito para impedir que os jovens cometam crimes?

Por parte dos jovens...falta de trabalho, deviam ser apoiados em trabalhos...se eu sair daqui e encontrar trabalho eu digo que não vou fazer aquilo que fazia dantes.

Tens mais alguma coisa a dizer? Eu gostaria de pedir trabalho, para ajudar a minha família, para ajudar a minha mãe, o meu irmão e as minhas irmãs.